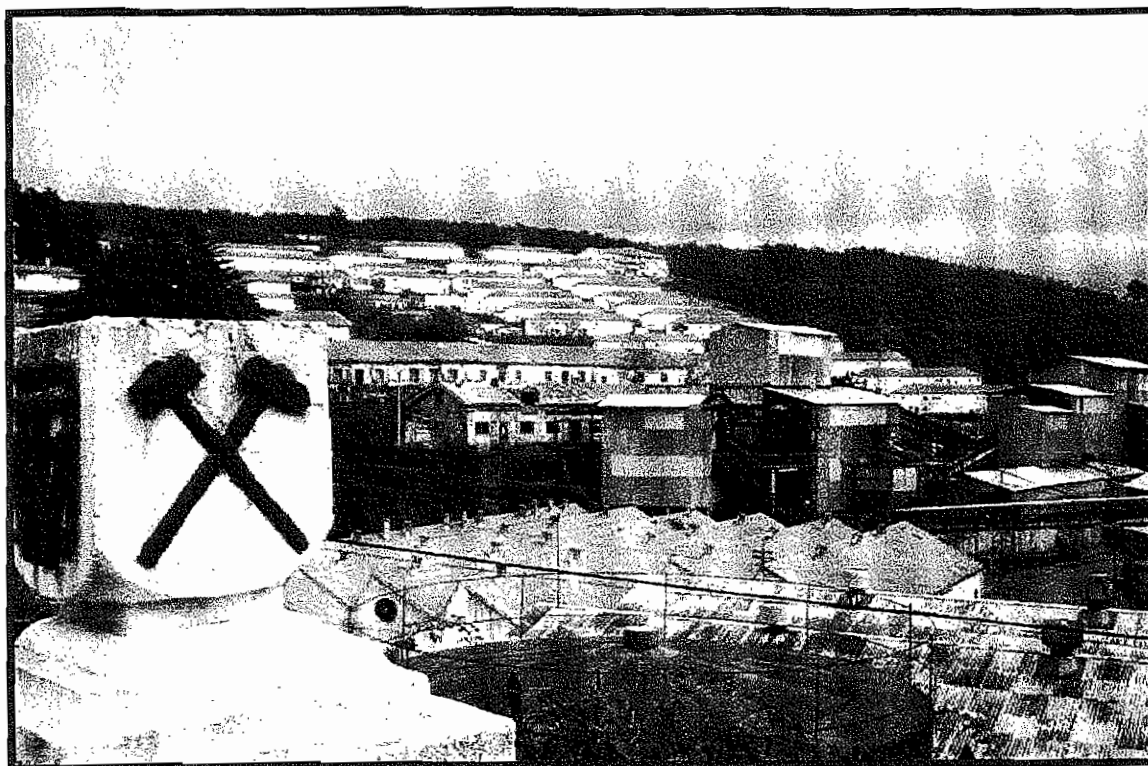


Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias



Departamento de Mestrados

MEMÓRIA, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO. UM MUSEU PARA O JAZIGO DA PANASQUEIRA.



MEMÓRIA, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO
UM MUSEU PARA O JAZIGO DA PANASQUEIRA

Inês Pereira da Silva

Dissertação apresentada na ULHT para a obtenção do grau de mestre em Museologia

Orientador: Prof. Doutor Mário Canova Moutinho

Co. Orientador: Prof. Dr. Alfredo Tinoco

MEMÓRIA, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO
UM MUSEU PARA O JAZIGO DA PANASQUEIRA

2004
Dr. M. Canova Moutinho
Dr. A. Tinoco

Lisboa
2004

Dedicatória

Apono aqui uma referência especial a António Gonçalves Pereira e Augusto da Silva José, avós que entregaram a sua vida à maior mina subterrânea do mundo. Morreram, ambos, vítimas da silicose (doença provocada pelas poeiras de sílica levantadas pelas escavações).

Resumo

A presente dissertação divide-se em quatro capítulos. No primeiro, abordam-se os conceitos de Memória, Identidade e Desenvolvimento, contextualizando-os sumariamente nas origens e nas ideias da Nova Museologia.

No segundo capítulo apresentam-se pequenos excertos retirados das entrevistas realizadas entre a população mineira, nas Minas da Panasqueira, apresentando-se de seguida algumas reflexões sobre a Memória social, Paisagem social e Paisagem mental.

O terceiro capítulo expõe uma reflexão da perda de património gerado em mais de um século de explorações e trabalho. Apresenta o enquadramento histórico das Minas da Panasqueira. Anotam-se os principais aspectos da Geologia, exploração e mineração, aludindo à urgência de um plano de estudo e intervenção com a possibilidade da sua valorização assentar na construção de um Museu Mineiro e apela-se ao potencial cultural e turístico deste território mineiro.

Por último, discutem-se os indícios de suporte do projecto museológico e esboça-se um pré-programa com uma proposta de recuperação e reutilização dos espaços da mina com a criação de um trajecto expositivo que possibilite ao público caminhar pelos principais aspectos do trabalho mineiro, complementado com exposições permanentes, temporárias e actividades educativas.

Entende-se que este museu para além das funções de inventariação, preservação e valorização do património mineiro, deverá exaltar os índices identitários da comunidade em que se insere de forma a envolvê-la no seu dia-a-dia.

A riqueza e multiplicidade patrimonial existente nas Minas da Panasqueira, e a ausência de um museu representativo da história deste concelho, requerem e justificam a criação de uma estrutura museológica na Panasqueira, tão desejada pela população e Autarquia.

A sua criação contribuirá, não só para a conservação e valorização das capacidades da população mineira, para reforçar a sua identidade tornando-a condição fundamental para uma vida digna.

Assumindo o museu como um pólo cultural e intelectual dinamizador da vida da população, este poderá constituir um instrumento ao serviço da comunidade e do seu desenvolvimento.

Abstract

The present dissertation is divided in four chapters. In the first, is aboard the concepts of Memories, Identities and Development, contextualising briefly in the origins and ideas of the New Museology.

In the second chapter it will be presented small quotations retired from the interview performed among the mining population of Panasqueira Mines, followed by some reflections about the Social Memory, Social Landscape and Mental Landscape.

The third chapter expose one reflection of a patrimony loss generated in more than one century of explorations and work. Is presented the historic framing of Panasqueira Mines. Is annotated the principal aspects of Geology, exploration and mining, making a remark of urgent study plan and intervention whit the possibility of its valorisation passes by a construction of a Mining Museum and the appeal to the tourist cultural potential of this mining territory.

For last, it will be discussed the support traces of the museologic project and is made a pre sketch program whit a proposal of recuperation and reutilization of the mine spaces, whit the creation of a exhibit course witch allow the public to walk between the main aspects of the mining working, complemented whit a temporary, permanent expositions and educational activities.

The functions of this museum will be beyond inventorying, preservation and valorisation of the mining patrimony, it will be able to ennoble de identity index of the community that they represent in a day by day enveloping.

The wealth and the patrimony multiplicity exits in Panasqueira Mines, and the lack of a museum witch represent the history of the region, require and justify the creation of a museologic structure at Panasqueira, so much wanted by the population and autarchy.

This creation will contribute, not only for the conservation and valorisation of the capacities of the mining population, but also to make them with a stronger identity, making this a fundamental condition for a condign life.

Assuming the museum as a cultural and intellectual polo, and able to make the life of the population more dynamic, this will built a instrument at the disposal of the community and for is development.

Agradecimentos

Apondo aqui, a minha gratidão a todos os professores, colegas e amigos que me apoiaram na realização do presente estudo, nomeadamente ao Professor Alfredo Tinoco, que desde a primeira data se disponibilizou para a orientação do trabalho. Reconheço que este trabalho não seria possível sem o seu enorme apoio, leitura, sugestões e reflexões.

O meu agradecimento vai também para o Director Geral das Minas da Panasqueira, Ramakchondra Naiké, que me proporcionou o estudo da mina.

Expresso um agradecimento especial aos antigos e actuais mineiros da Panasqueira, que tiveram a paciência e a disponibilidade para falar do seu trabalho. Bem como todas as pessoas que responderam ao inquérito e ao Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Mineira pelas informações cedidas.

Deixo ainda, uma atenção muito especial ao Sr. José Santos Duarte (Departamento de Geologia) pelas longas horas em que me acompanhou nas visitas às instalações de superfície e às galerias, bem como a disponibilidade e paciência no esclarecimento de todas as actividades mineiras.

Um agradecimento à Sr.^a Maria Baptista (analista) pela disponibilidade das suas informações, bem como pela paciência de me acompanhar na visita à Lavaria.

Lembro também todas as pessoas que pela amizade me apoiaram em particular: os meus pais, o meu irmão e amigos.

Ao Nuno Gamito, pela disponibilidade, paciência e carinho em me fazer viver em paz comigo e com o mundo.

Bem-haja a todos.

Índice de matérias

	pág.
1. Introdução.....	14
1.1. Notas Históricas.....	15
1.2. Objectivos.....	17
1.3. Destinatários.....	18

I CAPÍTULO

1. Nascimento da Nova Museologia – Afirmação dum papel de intervenção social do museu.....	21
2. Museu das Minas da Panasqueira / Museu local.....	29
3. Porquê conservar o património da Panasqueira?.....	32
4. Um percurso pelas relações entre memória, identidade e desenvolvimento.....	33
5. Conclusão.....	37

II CAPÍTULO

1. Memórias.....	39
1.1. Maria da Conceição.....	40
1.2. Augusto Gonçalves Pereira.....	40
1.3. Alfredo Bernardino	41
1.4. Sabino Santos	42
1.5. José dos Santos Duarte.....	42
1.6. João da Silva José	43
1.7. César Henriques Camba	43
1.8. António João Baptista Pereira	44
1.9. José Alves Camba	45
1.10. Augusto Lourenço Alves	46
1.11. José Maria Gonçalves Isidoro	46
1.12. Manuel Orlando Miguel	48

1.13. António Manuel Mendes Gonçalves Matias	48
1. 14. António Manuel Teixeira Magalhães.....	49
2. Em Jeito de conclusão.....	50
2.1 Memória Social.....	50
2.2. Paisagem social/paisagem mental.....	52
2.3. Expectativas da população quanto ao Museu.....	55
2.4. Conclusão.....	56
III CAPÍTULO	
1. CONSTRUINDO UM MODELO MUSEOLÓGICO.....	58
2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DAS MINAS DA PANASQUEIRA.....	59
2.1. O Concelho da Covilhã.....	59
2.1.1. Breves notas históricas.....	60
2.1.2. Panorama Industrial.....	61
2.1.3. Covilhã Hoje.....	62
2.2. A Freguesia de S. Jorge da Beira.....	63
2.3. Localização Geográfica do Couto Mineiro da Panasqueira.....	65
2.3.1. Origem do Nome.....	67
2.3.2. Notas históricas – Como principiaram as Minas.....	68
3. GEOLOGIA DO JAZIGO DA PANASQUEIRA.....	73
3.1. Uso dos Minerais no Quotidiano.....	77
3.2. Zonas Mineralizadas do jazigo da Panasqueira.....	78
4. EXPLORAÇÃO.....	79
4.1. Horário da Mina.....	80
4.2. Equipamento Mineiro.....	80
4.3. Troço da Mina.....	80
4.4. Trabalhadores.....	80
4.5. Um Dia na Mina.....	81
4.6. Metalurgia.....	82

1.4.1. Faseamento e Intervenientes.....	101
1.4.1.1. Faseamento.....	101
1.4.1.2. Intervenientes, funções, responsabilidades.....	103
1.4.1.3. O Programa Definitivo.....	105
1.5. Os públicos Potenciais do Museu.....	106
1.5.1. O Público Local.....	107
1.5.2. O Público Escolar.....	107
1.5.3. O Público Indiferenciado.....	107
1.5.4. Visitantes especialmente interessados.....	108
1.5.5. Terceira Idade.....	108
1.6. A Componente Científica e Pedagógica do Museu.....	108
1.7. Organização Espacial do Museu das Minas da Panasqueira.....	109
1.7.1. Áreas públicas.....	109
1.7.1.1. Acolhimento Geral.....	110
1.7.1.2. Centro de Interpretação.....	111
1.7.1.3. Auditório.....	111
1.7.1.4. Exposições Permanentes.....	112
1.7.1.5. Espaços ao ar livre.....	112
1.7.1.6. Espaços interiores.....	114
1.7.1.6.1. Centro de Geologia e História Geológica.....	114
1.7.1.6.2. Centro de História Mineira e da Mineração na Panasqueira.....	115
1.7.1.6.3. A Mina.....	116
1.7.1.7. Exposições temporárias.....	117
1.7.1.8. Centro de Documentação.....	118
1.7.1.9. Outros Espaços Complementares.....	119
1.8. Espaços semi-públicos.....	120
1.8.1. Administração/Secretária.....	120
1.8.2. Serviços de Educação e Animação Cultural.....	120
1.8.3. Reservas visitáveis.....	122
1.9. Espaços Reservados.....	122
1.9.1. Administração.....	122
1.9.2. Direcção do Museu.....	123
1.9.3. Reservas.....	123

1.9.3.1. Sala de Reserva.....	123
1.9.3.2. Câmara de Expurgo.....	123
1.9.3.3. Gabinetes Técnicos.....	123
1.9.3.4. Gabinete de Investigação.....	123
1.9.3.5.	
W.C.....	124
1.9.4. Serviços de Museografia.....	124
1.9.5. Centrais Técnicas.....	124
1.10. A colecção – sistema de documentação.....	125
1.10.1. A colecção e sua ampliação.....	125
1.10.2. Sistema de Documentação.....	125
1.10.2.1. Livros de Registo.....	127
1.10.2.2. Fichas de Inventário e de Catálogo.....	127
1.10.2.2.1. Inventário Geral.....	127
1.10.2.2.2. Catálogo sistemático.....	127
1.10.2.2.3. Catálogo Monográfico.....	127
1.10.2.2.4. Ficheiro de Negativos Fotográficos.....	127
1.10.2.2.5. Ficheiro de Registos Sonoros e Videográficos.....	128
1.10.3. Funcionamento do Sistema de Documentação do Museu.....	134
1.11. O Pessoal do Museu – Perfis Profissionais e Actividades.....	135
1.12. Marketing e Promoção.....	136
1.12.1. Promoção do Projecto.....	136
1.13. Sinalização.....	137
1.14. Rede de Museus e Percursos Culturais.....	137
1.14.1. Para uma rede de Museus Mineiros	137
1.14.2. Percursos Culturais.....	139
2. Conclusão.....	140
3. Bibliografia.....	142
4. Anexos.....	152

Índice de figuras

	Pág.
Fig. 1-Exploração de pequenos afloramentos após a 2. ^a Guerra Mundial.....	41
Fig. 2 – Mapa do Concelho da Covilhã.....	59
Fig. 3- Vista parcial da Freguesia de S. Jorge da Beira (Cebola).....	63
Fig. 4 – Vista parcial da Panasqueira.....	65
Fig. 5 – Vista do casario mineiro da Barroca Grande.....	66
Fig. 6 -Barragem de Lamas actual -Barroca Grande.....	66
Fig. 7- Escombreiras - Barroca Grande.....	67
Fig. 8 – Minas de árabes – S. Jorge da Beira.....	68
Fig. 9 -Entrada da mina -2 ^a Guerra Mundial – 1948.....	71
Fig. 10- Aspecto de um afloramento.....	73
Fig. 11- Aspecto de um filão.....	74
Fig. 12- Aspecto de um filão.....	74
Fig. 13 – Aspecto de um Filão “Rabo de Enguia”.....	75
Fig. 14 – Volfrâmio extraído nas Minas da Panasqueira.....	77
Fig. 15 - Lavaria.....	82
Fig. 16 - Entrada da Mina actual – Rebordões.....	82
Fig. 17 – Tratamento do minério.....	83
Fig. 18 - Tratamento do minério.....	83
Fig. 19 – Embalagem de concentrados.....	83
Fig.20 – Oficina de Mecânica.....	88
Fig.21 – Oficina de Serralharia.....	88
Fig. 22 – Antiga cantina da Panasqueira.....	110
Fig. 23 – Antiga Lavaria da Panasqueira.....	111
Fig. 24 – Igreja da Panasqueira.....	113
Fig. 25 – Entrada da Galeria 6 na Panasqueira.....	113



Fig. 26 - Entrada da Galeria 6 na Panasqueira.....	113
Fig. 27 – Antiga Carpintaria da Panasqueira.....	113
Fig. 27 – Antiga Carpintaria da Panasqueira.....	113
Fig. 28 – Aspecto da Lavaria actual – Barroca Grande.....	113
Fig. 29 – Entrada da Mina – Rebordões.....	117
Fig. 30 – Entrada na Mina –Fonte Masso.....	117
Fig. 31 – Lugares a incluírem a rede de museus mineiros.....	138

“...Volfro há-o onde Deus quer. Dá-vos para o riso?! Ah, vocês do mundo pescam menos que eu de lagares de azeite. Pois fiquem sabendo que à minha bisavó ouviu minha mãe contar que uma vez passou por aqui um homem e lhe aconteceu tropeçar no caminho. Agachou-se a ver o que era e, vai senão quando, perceberam que dizia: Que diabo de terra é esta onde o oiro anda aos pontapés!”¹

¹ Ribeiro, A. (1985). – *Volfrâmio*: Romance. Lisboa: Bertrand Editora, 39.

1. Introdução

Nos últimos anos tem-se assistido, um pouco por todo o mundo, ao desenvolvimento de projectos de valorização do património arqueológico – industrial, constituído pelas explorações mineiras abandonadas ou ainda em actividade. Estas minas (ver anexo I) encerram uma riqueza patrimonial científica, histórica, etnográfica, arqueológico -industrial e, acima de tudo, escondem uma memória e imaginação criadora. No que diz respeito a intervenções sobre o património mineiro, já foram realizadas, em Portugal (ver anexo II), algumas acções de natureza museológica, nomeadamente no Lousal.

No que diz respeito a intervenções deste género na Europa destaco especial atenção ao Museu Alemão da Mina de Bochum que tive oportunidade de visitar. Um Museu que assume um papel activo na preservação da história das minas e do seu património técnico. A partir de 1969, este Museu tornou-se num entreposto dos arquivos da indústria mineira da Alemanha.

Com a presente dissertação não quisemos realizar apenas uma investigação a que as exigências académicas obrigam. O nosso objectivo foi igualmente lançar as bases para um discurso que possa conduzir à concretização do projecto de um Museu Mineiro na Panasqueira.

Tal projecto museológico é uma infra-estrutura de carácter sócio cultural de que a região e o país carecem. Ao mesmo tempo de que se trata de uma iniciativa de âmbito local, o seu alcance é muito mais geral, envolvendo a região e dizendo respeito a todo o país, já que se trata de um contributo para a criação de uma unidade museológica numa área –o património técnico e industrial – de que Portugal apresenta escassíssimas experiências. Acresce ainda que os Museus Mineiros atestam saberes, competências e memórias de uma actividade que teve centenas de anos de existência e no território português e que hoje se encontra em risco de ver fechar as últimas unidades produtivas.

Por tudo isto, a par da necessária fundamentação teórica, o trabalho assume, por vezes, um carácter prático e pragmático já que se tratou de inserir o projecto na região em que está implantado e conferir-lhe estrutura e dimensões capazes de responder com eficácia às necessidades económicas, turísticas e culturais do tecido beirão.

O presente trabalho – Memória, Identidade e Desenvolvimento. Um Museu para o jazigo da Panasqueira, aponta para a criação de uma acção global de natureza museológica, focalizada nas técnicas e instrumentos de trabalho próprios da indústria mineira (história,

geologia, técnica, sociologia, antropologia, etc.) e sobre as comunidades que se estabeleceram e viveram da exploração e transformação dos recursos minerais.

Entende-se que é necessário (urgente) documentar a evolução da exploração e da lavra dos minérios nesta região e também proceder à caracterização das profissões e vida social dos operários (mineiros) desta indústria.

A dissertação divide-se em quatro capítulos. No primeiro capítulo, abordam-se os conceitos de Memória, Identidade e Desenvolvimento, contextualizando-os, sumariamente, nas origens e nas ideias da Nova Museologia.

No segundo capítulo apresentam-se pequenos excertos retirados das entrevistas realizadas entre a população mineira, nas Minas da Panasqueira, apresentando-se de seguida algumas reflexões sobre a Memória social, Paisagem social e Paisagem mental.

O terceiro capítulo expõe uma reflexão sobre a recente perda de património gerado em mais de um século de explorações e trabalho. Apresenta ainda, o enquadramento histórico das Minas da Panasqueira. Anotam-se os principais aspectos da Geologia, exploração e mineração, aludindo à urgência de um plano de estudo e intervenção com a possibilidade da sua valorização assentar na construção de um Museu Mineiro e apela-se ao potencial cultural e turístico deste território mineiro.

Por último, discutem-se os indícios de suporte do projecto museológico e esboça-se um pré-programa com uma proposta de recuperação e reutilização dos espaços da mina com a criação de um trajecto expositivo que possibilite ao público caminhar pelos principais aspectos do trabalho mineiro, complementado com exposições permanentes, temporárias e actividades educativo/pedagógicas.

Entende-se que este Museu se apresenta como um plano de transformação da comunicação entre comunidade e os objectos da sua actividade. Assim, poderá o Museu tornar-se num instrumento de desenvolvimento local e regional, engrandecendo a vida humana e contribuindo para uma melhoria das condições de vida da população. Trata-se de conhecer e valorizar uma identidade cultural através do património.

1.1. Notas Históricas

As Minas da Panasqueira existem há mais de 100 anos. Desde então atravessaram diferentes conjunturas, consoante a flutuação do preço do volfrâmio no mercado.

Destas minas são extraídos cassiterite, donde provém o estanho calcopirite que dá o cobre e a volframite que tem múltiplas aplicações. O Volfrâmio é o produto de exploração principal na Panasqueira.

Este minério foi pela primeira vez apresentado em 1900, na Exposição Universal de Paris, pelos americanos que descobriram as suas potencialidades quando associado ao aço, conferindo-lhe alta resistência. A partir daí as suas aplicações foram várias, desde o tungsténio (filamento das lâmpadas), às lâminas dos bulldozers, às brocas até à electrónica e a material cirúrgico. Com características de dureza semelhantes às do diamante, alta densidade e trabalhado em pó, resistindo a temperaturas de fusão muito elevadas, o uso do volfrâmio, um dos últimos metais a ser descoberto pelo homem, nunca se tornou muito vulgar devido ao seu preço. Outros metais mais baratos, como por exemplo o urânio empobrecido ou o chumbo, substituem-no numa das suas maiores aplicações: o armamento. Foi por altura da II Guerra Mundial que a exploração na Panasqueira atingiu o seu auge. Então chegou a empregar 11 mil pessoas. Naquela região, a paisagem envolvente indicia uma grande actividade à volta da mina. Na encosta são visíveis numerosas fileiras de casas que eram propriedade da mina até 1994, altura em que ela fechou pela primeira vez. A administração, anterior à actual que assumiu a exploração em Janeiro de 95, entregou essas casas às famílias dos mineiros. Muitas delas, destelhadas mostram bem, o abandono que vivem actualmente. Sente-se em toda a aldeia uma magia que lhe terá ficado dos tempos idos. Actividade intensa voltou a viver nos anos de 55 e de 84 a 86. Hoje bastam apenas dois turnos de 40 homens no interior da mina para produzir diariamente as cerca de duas toneladas de "tal e qual", matéria bruta de minério extraído de onde é retirado o tungsténio," que resultam numa produção de 145 a 150 mil quilos de concentrado de volfrâmio por mês. Desde há meio ano, sensivelmente o rendimento das Mina da Panasqueira tem subido devido a variações positivas no mercado bolsista do valor do volfrâmio, resultado da quebra da produtividade das minas de volfrâmio da China, a principal concorrente.

Toda a mina está cartografada, identificando exactamente todos os filões, pedaços longilíneos onde se encontram os vários minérios, que deverão ser explorados. Debaixo de terra sente-se um cheiro intenso. "Cheira a mina". O fascínio pelo subsolo estende-se a muitos curiosos que a visitam. O responsável pelo departamento de geologia defende que as Minas da Panasqueira podem vir a ser um pólo de atracção turística.

Encravadas numa área onde a agricultura é quase inexistente, as Minas da Panasqueira têm contribuído de maneira sensível para o desenvolvimento e progresso da região e tudo leva a crer que a sua acção continuará a fazer-se sentir, contribuindo significativamente não só

para a promoção social dos operários e famílias que ali trabalham como das gentes das aldeias limítrofes, sempre ligadas e interessadas na sua actividade.

Do meu ponto de vista, são várias as potencialidades que concorrem, nas Minas da Panasqueira, para a criação de um complexo museológico que incide sobre o trabalho no interior e no exterior da mina:

- As Minas da Panasqueira são actualmente, a nível mundial, um dos mais importantes centros industriais de exploração de Volfrâmio;
- Do ponto de vista extractivo, se bem que a extracção desta mina tenha diminuído substancialmente nos últimos anos, durante muito tempo a sua posição foi bastante relevante;
- A sua localização na mancha do complexo xisto – gresoso das Beiras, do Proterozóico superior - Câmbrico;
- É necessário fixar e preservar os traços fundamentais de uma paisagem e um património industrial, revalorizando simultaneamente as zonas mais degradadas pelas explorações abandonadas;
- Através da instalação deste complexo poder-se-iam potenciar as possibilidades turísticas – culturais da região, reforçando a identidade local;
- Evidenciando os trabalhos da exploração e lavra dos mineiros poderá, este núcleo museológico, servir como cartão de visita dos compradores internacionais bem como possível pólo de atracção de exposições de arte específicas do sector.

Constituindo um equipamento de utilização colectiva e considerando o seu relevante interesse social, poderá constituir:

- Um instrumento de apoio pedagógico, no quadro da interacção meio/escola;
- Um meio de consciencialização da população local para os valores do património natural/cultural e melhor conhecimento de si própria;
- Um centro de investigação que interessa a geólogos, engenheiros de minas e estudantes universitários de vários domínios;
- Um instrumento de dinamização cultural, promovendo acções de divulgação dos diversos patrimónios da região no exterior trazendo a esta intervenções e conhecimentos complementares da actividade do museu;
- Um complemento de atracção turística, sobretudo quando na região estão a despontar iniciativas de turismo rural;
- Um poderoso factor de atracção de um público (estudantes, engenheiros, etc.) especialmente interessado em conhecer este tipo de centros (mineiros), sobretudo pelo seu carácter técnico e científico.

1.2. Objectivos

Situada numa zona rural, a Panasqueira, absorveu a população residente criando uma cultura própria. A escuridão da mina, o trabalho árduo, a paisagem e a silicose moldaram a identidade pessoal e colectiva de todos os residentes da região.

Durante anos, as Minas da Panasqueira foram o sustento das populações vizinhas. Porém, a instabilidade do mercado de volfrâmio deitou tudo a perder. Hoje, as Minas da Panasqueira são a única mina de volfrâmio da Europa, num mercado dominado por russos e chineses, capazes de, a qualquer momento, colocarem no mercado produtos a preço de saldo.

A crise instalou-se. As pessoas foram obrigadas a partir, em busca de sustento, de melhores condições de vida, ou simplesmente para não serem esquecidas.

Para os que ficaram, o cenário é de desolação. Instalações abandonadas, estradas com “buracos”, estruturas metálicas ferrugentas, ruínas e escombros...Gente esquecida, que se limita a esperar, porque mais não pode fazer.

Conhecendo bem estas histórias e sabendo o enorme potencial de desenvolvimento que as Minas encerram, julgo ser de enorme importância a preservação e valorização do património ali existente assim como a valorização dos valores identitários da população. Em suma, Valorizar e Preservar em busca de um Desenvolvimento capaz de inverter uma realidade esquecida atrás de montanhas de areia ocre.

Com base no orgulho do trabalho mineiro deverá erguer-se naquela região um complexo museológico que:

- Recolha, Preserve e Transmita um património cultural, histórico, sociológico, científico, técnico, geológico, antropológico, às gerações futuras;
- Informe e exponha matérias e materiais;
- Proporcione a investigação científica, com vista ao desenvolvimento do conhecimento;
- Dinamize a cultura, tornando-se num lugar de estudo, educação e lazer em cooperação com as escolas;
- Contribua para o aumento do turismo na região;
- Combata a imobilidade e o desânimo dos habitantes.

1.3. Destinatários

Face à de uma crescente dinamização cultural nas nossas sociedades e consciencialização, o público do museu passou de espectador passivo para interveniente activo no processo museológico.

A determinação prévia dos públicos do Museu Mineiro da Panasqueira é uma tarefa prioritária da programação

Os inquéritos e as conversas com mineiros, técnicos da exploração mineira, técnicos da autarquia, assim como o estudo da instalação de outros museus em Portugal, permitem o estabelecimento de quatro possíveis públicos do museu:

- Os residentes e os não residentes (que gostam de se rever na sua terra, quando regressam dos mais diversos cantos do mundo);
- A população escolar, devendo o Museu estender apoio pedagógico às escolas;
- População exterior: investigadores e turistas (nacionais e estrangeiros);
- Terceira Idade.

O Museu, como instituição, deverá procurar adaptar-se aos interesses específicos de cada segmento de público.

A musealização da Panasqueira seria importante para a população local, uma vez que proporcionaria a dinamização sócio-económica e revigorava um património sempre presente no quotidiano dos habitantes e nas suas representações mentais e afectivas.

Tornando a mina num espaço museológico, serviria de interligação entre a conservação, a investigação e a divulgação, tendo como objectivo maior o apoio pedagógico, a dinamização cultural e o turismo, que por sua vez proporcionam um desenvolvimento sustentado da região.

Pensar o desenvolvimento para a Panasqueira ligado a um Museu, subentende o envolvimento e participação da população local e só é possível graças à crescente importância que as questões culturais assumem junto da sociedade. Preservar uma “identidade local” que identifique a população, que a torne orgulhosa do seu trabalho.

Para terminar é de lembrar que o estabelecimento na Panasqueira, de um núcleo Museológico sobre a indústria mineira, é um sonho de toda a população e já falado ao nível das autarquias.

I CAPÍTULO

1- Nascimento da Nova Museologia – Afirmção dum papel de intervenção social do museu.

O significado do Museu foi durante muito tempo entendido como um “templo” de raridades e “coisas” exóticas.

Esta ideia, tornou-se dominante, devido ao facto do Museu ter estado durante muito tempo afastado do seu público, nomeadamente dos seus problemas sociais.

A História dos Museus remete para MOUSEION, palavra grega, que na antiguidade designava o templo das Musas (Nove deusas que presidiam as Artes Liberais), onde as obras de arte expostas pretendiam agradar mais as divindades do que serem admiradas pelo homem.

Mais tarde, passou-se a chamar Museu a casa que reunisse uma grande colecção de obras de arte, como os palácios reais e da nobreza na Idade Média. E mais tarde os Gabinetes de Curiosidades trazidos pelos exploradores europeus que, com as viagens que realizaram através do mundo, foram coleccionando os objectos de arte e da natureza que achavam curiosos, porque exóticos.

Nasciam, assim, os Gabinetes de Curiosidades, um espaço físico que abrigava objectos raros.

Logo, esses objectos passaram a ser objectos de valia para os seus possuidores de tal forma que mesmo poucas pessoas de família tinham a possibilidade de conhecer devidamente aquelas colecções privadas, consideradas raridades ou relíquias intangíveis e inacessíveis a pessoas estranhas. Apenas nobres e artistas tinham acesso às colecções.

Esta é ainda a origem dos actuais antiquários que abundam a Europa actualmente. Este espírito ou carácter reservado dos gabinetes do século XV perdurou por muito tempo ainda.

Foi apenas com o movimento revolucionário do século XVIII que o museu abriu as suas portas ao grande público. A colecção passou a ser compreendida como património e de carácter público, surgindo pela primeira vez preocupações relacionadas com o carácter educativo do museu.

Porém, o museu permanece como uma mistura de conceitos abrangendo a ideia de centro educativo e local de contemplação de raridades. É neste contexto que surgem as mais variadas críticas à questão da função educativa do museu. O museu deveria apresentar os objectos com uma visão crítica e não contemplativa como estava a ser feito.

Após 1917, com a revolução Russa, o museu rompe com as exposições contemplativas e começa a oferecer ao seu público uma visão completa dos objectos demonstrando o contexto em que as obras foram criadas.

Por outro lado, nos Estados Unidos, surge a preocupação de inserir o museu na dinâmica da sociedade. O museu passa a ser um centro para a promoção do objecto, ou seja, um centro de animação cultural.

Actualmente a museologia tem desenvolvido os aspectos destas diversas concepções museológicas.

A democratização da cultura na Europa, nos anos 60, introduziu mudanças nas instituições culturais incluindo os museus. Surge assim, o Movimento da Ecomuseologia e posteriormente o Movimento da Nova Museologia.

È neste cenário que surge uma nova ideia de museu defendida por Georges Henri Rivière. Para ele, o museu deveria estudar e valorizar o património cultural e natural da população em que se insere e através deles estudar a relação entre o indivíduo e o seu meio ambiente.

Neste contexto surge o conceito de ecomuseu. Para melhor compreender este conceito, torna-se indispensável a leitura do documento fundamental que é a própria definição de ecomuseu:

“O ECOMUSEU é um instrumento concebido, construído e desenvolvido conjuntamente por um poder público – através de técnicos, das facilidades e dos recursos que fornece – e por uma comunidade –segundo as suas aspirações, conhecimentos e relações.

O ECOMUSEU é um espelho onde a comunidade se observa para se reconhecer e reencontrar com a sua identidade, onde procura a interpretação do território ao qual está ligada, tal como os habitantes e populações que a precederam, quer no tempo, quer na continuidade das gerações. Um espelho que a população local oferece aos seus visitantes para melhor fazer compreender e respeitar o seu trabalho, os seus comportamentos, a sua identidade.

O ECOMUSEU é uma expressão do homem e da natureza. Situa a interpretação do homem no seu meio ambiente não apenas no seu estado original e natural mas também nas adaptações que a sociedade tradicional e industrial reconhecem como suas.

O ECOMUSEU é uma expressão do tempo quando a explicação dada remonta ao período anterior ao aparecimento do homem e prossegue através dos tempos pré-históricos até à actualidade e à vida do nosso tempo. Oferecendo perspectivas para o futuro, mas sem a pretensão de tomar decisões, o ecomuseu tem por função a informação e análise crítica sobre as aspirações dessas populações.

O ECOMUSEU é uma interpretação do espaço, dos locais e sítios a descobrir, a desfrutar, a visitar e a compreender.

O ECOMUSEU é um laboratório na medida em que contribui para o estudo do passado e do presente da população, do seu meio ambiente e favorecendo a formação de especialistas nas diferentes áreas em cooperação com organismos de investigação exteriores à comunidade.

O ECOMUSEU é um centro de conservação na medida em que ajuda a preservar e a desenvolver o património natural e cultural dessa população.

O ECOMUSEU é uma escola na medida em que envolve e motiva a população no estudo e trabalho da protecção do seu património e na compreensão do seu próprio futuro.

Este laboratório, centro de conservação e escola inspiram-se em princípios comuns. A cultura enorme da qual eles existem deve ser considerada em sentido lato. Dedicam-se a dar a conhecer a dignidade e a expressão artística proveniente de qualquer camada da população. A sua diversidade é limitada, tal como a variedade dos seus elementos. Esta tríade laboratório -centro de conservação -escola não se encerra em si mesma: recebe e dá!"²

Entende-se assim, que este novo conceito de museu, procura a rotura com o modelo de museu tradicional. Se analisarmos as práticas da Ecomuseologia, verificamos que este conceito modificou a acção museológica. Os museus devem identificar-se com um território e os seus habitantes; enumerar as suas necessidades e as suas expectativas; reconhecer que não é preciso uma colecção existir para que seja instituído um museu e, que a sua constituição será no sentido da relação comunidade -museu e não objecto - museu.

O conceito de Ecomuseu aponta para uma acção museológica assente na participação comunitária. Neste sentido, a Ecomuseologia tem como base o estudo da dimensão humana e, trabalha a noção de património e preservação *in situ*.

A Nova Museologia revelou a necessidade de afirmação do museu como um instrumento útil a uma dada sociedade, com funções de recolha, selecção, interpretação e divulgação do seu património.

O museu deve deixar de ser um local de antiguidades e de um público inactivo. É neste sentido que podemos falar de museologia social. Uma museologia preocupada com o homem e com a sua identidade.

De facto, os museus surgiram e evoluíram como uma necessidade social, com objectivos específicos e uma actuação própria que os diferencia das outras instituições sociais.

² Tradução apresentada nas XIII Jornadas sobre a Função Social do Museu. Selecção de textos, Alcoutim Tavira, Março 2001.

Segundo os Estatutos do Conselho Internacional dos Museus (ICOM), adoptados pela 16ª Assembleia-geral do ICOM (Haia, 1989) e modificados pela 18ª Assembleia-geral do ICOM (Noruega, 1995), um Museu é uma *“instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que realiza investigações relacionadas com os testemunhos materiais do Homem e do seu ambiente, os recolhe, os conserva e sobretudo, os expõe para fins de estudos, de educação e de deleite.*

(a) A definição de museu acima dada deve ser aplicada sem nenhuma limitação resultante do tipo da autoridade tutelar, do estatuto territorial, do sistema de funcionamento ou da orientação das colecções da instituição em causa;

(b) Além dos “museus” designados como tal, são admitidos como correspondendo a esta definição:

(i) os sítios e os monumentos naturais, arqueológicos e etnográficos e os sítios e monumentos históricos que possuam a natureza dum museu pelas suas actividades de aquisição, de conservação e de transmissão dos testemunhos materiais dos povos e do seu meio ambiente;

(ii) as instituições que conservam colecções e que apresentam espécimes vivos de vegetais e de animais tais como os jardins botânicos e zoológicos, aquários, viveiros;

(iii) os centros científicos e os planetários;

(iv) os institutos de conservação e galerias de exposição que dependem das bibliotecas e dos centros de arquivo;

(v) os parques naturais;

(vi) as organizações nacionais, regionais ou locais de museu, as administrações públicas de tutela dos museus tal como foram acima definidas;

(vii) as instituições ou organizações com fins não lucrativos que exercem actividades de investigação, educativas, de formação, de documentação e outras relacionadas com os museus ou a museologia;

(viii) qualquer outra instituição que o Conselho executivo, segundo opinião da Comissão consultiva, considere como detentoras de algumas ou da totalidade das características de um museu, ou que possibilite aos museus e aos profissionais de museu os meios de fazerem investigações nos domínios da museologia, da educação ou da formação.”³

É necessário, no entanto, mencionar, alguns eventos patrocinados pela UNESCO-ICOM (Conselho Internacional de Museus) que nos últimos cinquenta anos, apresentaram as primeiras discussões em torno da nova concepção de Museu.

³ Statuts de l'ICOM, adoptés par la 16^e Assemblée générale de l'ICOM (La Haye, Pays-Bas, 5 Septembre 1985 par la 18^e Assemblée générale de l'ICOM (Stavanger, Norvège 1995), In : <http://icom.museum/statuts.html>.

De entre todos os encontros confiro especial atenção ao *Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus* (Rio de Janeiro, 1958), à *Declaração da Mesa-Redonda de Santiago do Chile* de 1972; à *Declaração de Quebec* de 1984 e à *Declaração de Caracas* de 1992.

Fruto de uma fusão cultural, o Brasil recebeu o *Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus* em 1958.

Quem lê este Documento até pode chamar-lhe ultrapassado, mas a verdade é que não se pode ignorar a importante reflexão que iniciou um novo objecto de estudo para a Museologia.

Considerando o Museu como um forte complemento da escola, este Documento, alerta para a importante função educativa do Museu. Embora, apenas como extensão e não como mediador de transformação social.

Deixa ainda, um alerta para a importância da formação de profissionais na área de Museologia, sugerindo mesmo a criação de cursos específicos.

Pensando na data da sua realização este documento foi importante, na medida em que foi ao encontro dos problemas sentidos por muitos profissionais da museologia. A sua maior importância deve-se ao facto de pretender mostrar como a instituição Museu pode constituir um instrumento de desenvolvimento.

O Museu deve abrir portas à sociedade através de planos didácticos dirigidos à educação formal, como também a utilização de outros meios como rádio, televisão, cinema, para atingir camadas mais amplas da sociedade e poder disseminar melhor a sua mensagem.

Os anos passaram mas o Documento deve continuar a ser reconhecido pela sua importância, pela época em que foi produzido e pelas respostas que ofereceu a muitos profissionais de museologia insatisfeitos com uma Museologia Tradicional.

Em 1972, no Chile, o ICOM, promove a Mesa Redonda de Santiago distintamente dedicada ao tema: "*A importância e o Desenvolvimento dos Museus no Mundo Contemporâneo*".

A mensagem de Santiago dirigiu-se, sobretudo para um novo museu: um Museu Integral. Um Museu que se cruza com os problemas da Comunidade. Um meio activo de mudança social.

Para Mário Moutinho esse museu, denominado por "museu integral", "*é uma instituição ao serviço e inseparável da sociedade que lhe dá vida. Capaz de estimular em cada comunidade uma vontade de acção, aprofundando a consciência crítica de cada um dos*

seus membros. Buscando os fundamentos da acção nas condições históricas de desenvolvimento de cada comunidade.”⁴

Entre outras resoluções, no documento, destacam-se os seguintes aspectos:

- “1. É necessária a abertura do Museu a outros ramos que lhe são específicos para criar uma consciência do desenvolvimento antropológico, sócio-económico e tecnológico das nações da América Latina, mediante incorporação de acessores na orientação dos Museus;
2. Que os Museus intensifiquem a sua tarefa de recuperação do património cultural para colocá-lo em função social para evitar sua dispersão fora do meio latino-americano;
3. Que o Museu facilite aos investigadores qualificados, da melhor forma possível, o acesso às colecções de instituições públicas e privadas;
4. Actualizar os sistemas museográficos tradicionais afim de melhorar a comunicação entre o objecto e o espectador;
5. Que os Museus estabeleçam sistemas de avaliação para comprovar sua eficiência em relação com a comunidade.”⁵

A preocupação dos Museus, face aos problemas políticos que a América Latina atravessa, é bem visível no documento de Santiago. Neste Documento afirma-se uma necessidade de “uma tomada de consciência pelos museus da situação presente e da necessidade destes desempenharem um papel decisivo num mundo em transformação.” (Declaração da Mesa-Redonda de Santiago do Chile de 1972).

Considerada um dos marcos mais importantes da história da Museologia, a Declaração da Mesa-Redonda de Santiago do Chile de 1972, abriu as portas do museu à Comunidade, elegendo a intervenção social como principal preocupação da prática museal.

Era necessário que a Museologia se tornasse parte activa nos sistemas de transformação social, económica e política.

O desenvolvimento desta Declaração, um pouco por toda a parte, levou à realização da primeira reunião internacional da Nova Museologia no Québec -Canadá em 1984. No Documento saído desta reunião predomina a ideia de que o Museu deve estender as suas funções tradicionais de identificação, de conservação e de educação a práticas mais extensas para melhor inserir a sua acção no meio físico e humano fazendo apelo à interdisciplinaridade, ao conjunto da acção cultural e aos métodos de gestão moderna que integram os seus utilizadores.

⁴ Moutinho, M. C. (1989). Museu e Sociedade. Monte Redondo: Museu Etnológico, 31.

⁵ Nascimento, R. (1998). O Objecto Museal, sua Historicidade: Implicações na Acção Documental e na Dimensão Pedagógica do Museu. in: Cadernos de Sociomuseologia, n.º 11, Centro de Estudos de Sociomuseologia, Lisboa: ULHT. 29.

Nesta Conferência Geral do ICOM, tendo como base as resoluções da Mesa Redonda de Santiago do Chile, foram discutidas questões sobre a Ecomuseus e Nova Museologia, tendo resultado os seguintes pontos:

- “1. A museologia atua com vista a uma evolução democrática das sociedades;*
- 2. A intervenção dos museus no quadro desta evolução passa por um reconhecimento e uma valorização das identidades e das culturas de todos os grupos humanos, inseridos no seu meio ambiente no quadro da realidade global do mundo. E por uma participação ativa destes grupos no trabalho museológico.*
- 3. Existe um movimento caracterizado por práticas comuns, podendo assumir formas diversas em função dos países e dos contextos, que deverão conduzir a emergência de um novo tipo de museu correspondente a estas novas perspectivas.*
- 4. Nestas condições, a interdisciplinaridade e a função social conduzem a uma mudança no papel e da função do museólogo, o que implica uma formação neste sentido.”⁶*

No mesmo ano é realizada no México uma reunião, onde foi lavrado o Documento de Oaxtepec. Da leitura deste Documento destaca-se a definição do “novo” Museu. Um Museu actual, apropriando-se de conceitos de Ecomuseologia e Nova Museologia e concentrado no desenvolvimento e na harmonia ambiental. Trocando um edifício por um território, uma colecção por um património integrado e um público por uma comunidade participativa, este documento troca assim uma Museologia Tradicional por uma Museologia activa, capaz de responder às necessidades da comunidade.

Examinando o estado dos Museus da América Latina, vinte anos depois de Santiago surge a Declaração de Caracas, em 1992, que estabeleceu um perfil das mudanças sócio/políticas, económicas e tecnológicas nos últimos vinte anos da América Latina e a transformação conceptual e operativa nas instituições museológicas.

Propôs uma nova concepção de Museu, alterando o conceito de Museu Integral para o conceito de Museu Integrado na Comunidade.

A realização destas reuniões (e de outras que ficaram por referir por serem menos relevantes), levam-nos a declarar que a noção de Museu evoluiu e que a sua acção, actualmente, está admiravelmente inserida na contemporaneidade.

Num momento em que a crescente difusão de uma cultura universal, planetária em paralelo com processos de hibridação, de mestiçagem, de modos de expressão cultural de dimensão universal que desaguam nas culturas locais, sendo reapropriados por essas culturas, torna-se

⁶ Santos, Maria Célia Moura. (1996). Uma Abordagem Museológica do Contexto Urbano. Museus e Acção Cultural. Cadernos de Sociomuseologia, n.º 5, Centro de Estudos de Sociomuseologia, Lisboa, ULHT, 56-57.

necessário que o museu contribua para a inserção dos nossos povos no universo. É urgente abrigar os nossos valores, a nossa moral, revelações transcendentais e até maneiras de ser.

Comentando os pressupostos básicos da Nova Museologia, Mário Moutinho refere que o que há de novo nas suas práticas *“é a demonstração da capacidade (e a prática disso) de as populações se auto-organizarem para gerir o seu tempo e o seu futuro.”* Acrescentando que *“a concepção, o desenrolar a avaliação dos projectos da “Nova Museologia”, dependem sempre de uma percepção correcta das condições históricas e ambientais locais em que a intervenção se realiza, e que não a atende como uma ruptura epistemológica fundamental no campo museológico, mas como a adaptação do que é específico do trabalho museal às novas condições a que os museus pré-existentis nem sempre (ou quase nunca) foram capazes de responder eficazmente.”*⁷

Em suma, a Nova Museologia resultou destas e outras reflexões, complementares, e da busca constante para colocar o museu no centro da realidade homem -ambiente. Um museu do homem e para o homem.

2. Museu das Minas da Panasqueira: Um Museu Local.

Resultantes de iniciativas locais no âmbito de associações e fundações culturais ou das autarquias, os museus locais defendem a concepção museológica assente na participação da comunidade em que se inserem.

Sem esquecer as tradicionais funções do museu (recolha, selecção, interpretação e divulgação) em favor de uma participação comunitária, estas funções só adquirem significado se forem de encontro com as populações, no sentido de contribuir para a preservação e divulgação do seu património, memórias, identidade e, desempenhar um papel activo no seu processo de desenvolvimento.

Esta problemática foi anunciada no Encontro Nacional Museologia e Autarquias em 1996:

“...os museus locais analisam a comunidade em que se inserem e a sua história, cingida ao espaço administrativo do município, tentam eles próprios responder a estas perguntas: de onde vimos? qual é o nosso património? quem somos? qual é a nossa história? o que fizemos para melhorar a comunidade em que nos inserimos? quais os nossos valores socioeconómicos, políticos e educativos?”⁸

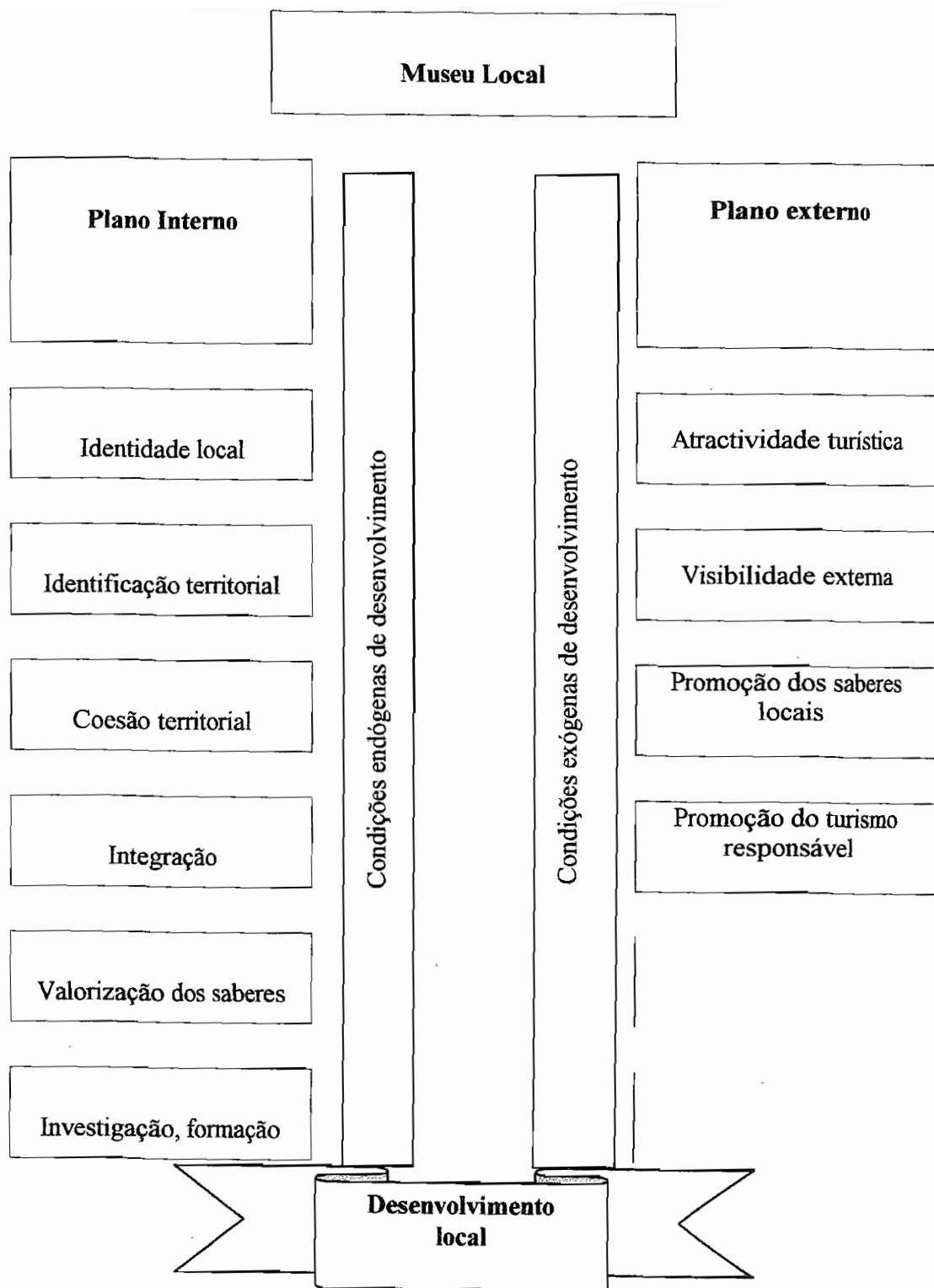
Julgo assim, que o Museu das Minas da Panasqueira deverá inserir-se neste contexto: um Museu local, polinucleado, capaz de ir ao encontro dos desejos da sua população ajudando-a na descoberta da solução para estas questões e outras que se coloquem no dia-a-dia.

A finalidade é que o museu se torne num parceiro da população ajudando-a a descobrir o seu património, valorizando-o e preservando-o e que esta, por sua vez, contribua para a necessária descoberta e afirmação da sua identidade.

Fernando João Moreira elaborou um quadro no qual é possível estabelecermos que a acção do museu se centra em dois domínios – interno e externo – mas que apresentam ligações de complementaridade no processo de criação de um museu local que seja organizado com vista ao desenvolvimento local.

⁷ Moutinho, M. C. (1989). *Museu e Sociedade*. Monte Redondo: Museu Etnológico, 61.

⁸ Nunes, G. M. S. (1996). *A História regional e Local – Contributos para o Estudo das Identidades Locais*. Actas do V Encontro Nacional Museologia e Autarquias. *in*: *Cadernos de Sociomuseologia*, n.º 8, Centro de Estudos de Sociomuseologia, Lisboa: ULHT, 81.



Fonte: Fernando João Moreira⁹

Segundo este quadro entende-se, que cada museu aponte as seguintes linhas de intervenção:

1. A promoção da identidade local;

⁹ Moreira, F. J. (1999). O Processo de Criação de um Museu Local. Texto apresentado no X Encontro Nacional de Museologia e Autarquia. Monte Redondo.

2. A promoção da identificação territorial da comunidade em que se insere;
3. A promoção da coesão territorial;
4. A integração de grupos recém chegados ou marginalizados;
5. A valorização dos saberes tradicionais;
6. Investigação e formação

Neste sentido, o plano interno do museu *“visa, directamente, a promoção do bem-estar, material e imaterial, da população da sua área de influência.”*¹⁰

Por outro lado *“Entende-se por domínio externo aquele que visa, indirectamente, a promoção do bem-estar material e imaterial da população.”*

Este domínio abrange um conjunto de práticas a desenvolver pelo museu com vista a proporcionar o desenvolvimento local.

Assim, destaca-se:

1. A promoção dos atractivos locais;
2. Proporcionar a visibilidade externa das características patrimoniais do local;
3. Promoção dos saberes locais;
4. Promoção do turismo.

Deverá o museu das Minas da Panasqueira, enquanto museu local, associar estes dois planos museológicos tentando responder ao desafio que se coloca aos museus locais, por um lado, o de serem um instrumento de desenvolvimento pessoal e social, por outro, um instrumento de desenvolvimento local.

¹⁰ Moreira, F. J. (1999). O Processo de Criação de um Museu Local. Texto apresentado no X Encontro Nacional de Museologia e Autarquia. Monte Redondo.

3. Porquê conservar o património da Panasqueira?

“Um dia teremos, pateticamente, que inventar, sempre com atraso, o que já tivemos quando éramos atrasados.”

Boaventura de Sousa Santos ¹¹

É urgente, recuperar e revelar as capacidades das gentes da «terra» da Panasqueira. Afirmar a sua identidade tornando-a condição obrigatória para uma existência digna. É portanto, indispensável proceder a uma inventariação, preservação e valorização do património mineiro na Panasqueira.

Exaltar os seus índices identitários, as razões e os contextos da sua existência, o seu saber e o seu agir. Promover um turismo cultural como veículo de desenvolvimento local.

É minha convicção que a construção de um Museu Local na Panasqueira pode constituir um motor de desenvolvimento ao mesmo tempo que retrata a população e que guarda as suas memórias e património.

A contemporaneidade chamou ao nosso quotidiano a necessidade e os mecanismos que justificam a conservação de objectos e de lugares patrimoniais em três campos que se articulam: o campo da salvaguarda; o campo do estudo/investigação; e o campo da divulgação.

Por outro lado o trabalho na área patrimonial e mais especificamente na área museal enquadra hoje três parâmetros essenciais: Memória, Identidade e Desenvolvimento. Estes três conceitos inevitavelmente associados surgem no contexto da criação de um museu e implicam a tomada de decisões nem sempre fáceis: porquê conservar este e não aquele bem cultural?; como constituir a colecção museal?; porquê investir neste projecto e não noutro?; porquê acolher este modelo de museu e não outro?...

Com esta articulação pretende-se verificar, que contributo poderá um museu na Panasqueira trazer, ao desenvolvimento da região. Nesse sentido, optou-se pela verificação da importância que a Museologia teve no reposicionamento do museu face à sociedade; não esquecendo os antecedentes que se bateram por uma participação comunitária, cada vez mais activa na vida do museu.

¹¹ Santos, B. S. (1993). Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. *Revista de crítica de Ciências Sociais*, n.º 38, 11-37.

4. Um percurso pelas relações entre memória, identidade e desenvolvimento

Os museus enquanto instituições integradas numa sociedade, com as suas componentes de recolha, selecção, interpretação e divulgação do património cultural, natural, material ou imaterial, são espaços congregadores de memórias e identidades.

Por vezes os valores patrimoniais funcionam como símbolos de uma identidade local contribuindo para aumentar o sentimento de pertença a um lugar constituindo deste modo recursos de grande valor económico.

Actualmente, a Museologia articula-se em função dos processos de musealização dos valores patrimoniais que têm sido preservados transformando-os em heranças culturais.

Estes processos estão associados à relação entre o Homem, o Objecto e um Território. Assim, à Museologia cabe o papel de apreender os comportamentos individuais e colectivos do homem face ao seu património e, ao mesmo tempo, desenvolver mecanismos que permitam que o património seja transformado em herança e contribua para a construção de uma identidade.

Na sua acção, o museu local, participa no desenvolvimento da comunidade, uma vez que lhe cabe o conhecimento, a salvaguarda e a divulgação de uma cultura, de uma identidade e dos aspectos resultantes das relações homem/meio. Ao realizar estas tarefas o museu concretiza a sua acção interventiva ao mesmo tempo que contribui para o desenvolvimento regional e local.

Assim, o museu participa no desenvolvimento regional e local quando:

“ -Estuda, interpreta, salvaguarda e valoriza divulgando o património cultural e natural, entendido como herança colectiva.

- Empreende acções de sensibilização do poder político, administrativo e económico, para os particularismos, para as diferenças regionais/locais, mostrando como é pelo respeito destes, que seremos nós. Mostrando, que estas diferenças podem constituir a base integradora de factores inovadores, como é o caso dos técnico-económicos, mas sem rupturas. Mostrando, ainda, que a identidade não é sinónimo de reprodução, de atraso, mas que possui uma dinâmica e uma plasticidade intrínsecas.

- Fornece os instrumentos de conhecimento necessários a um auto-conhecimento dos grupos sociais, contribui para a formação da consciência crítica e identitária dos sujeitos; constitui um repositório da memória das relações do homem/meio; envolve a população,

sabendo solicitar a sua participação activa; pode apresentar alternativas reabilitando por exemplo, os saberes-fazer tradicionais, ou outras práticas culturais e ecológicas, susceptíveis de irem ao encontro das necessidades da população."¹²

Desta forma, o projecto de trabalho do museu pode e deve utilizar o património (material e/ou imaterial) como instrumento de desenvolvimento.

A reflexão em torno deste património material e imaterial assume um papel importante no estabelecimento do projecto de trabalho do museu local. Normalmente, estes museus são chamados a recolher os vestígios materiais e imateriais de referência do sistema de vida de um determinado território, hábitos, comportamentos, costumes, ofícios tradicionais, trabalhos do campo...

Nomeando a comunidade como objecto museológico, estes museus transformam-se em museus identitários, na medida em que estudam, interpretam, salvaguardam, valorizam e divulgam o património cultural e natural, entendido como memória colectiva. É nesse sentido o entendimento de Ana Ferreira: *"Vivemos quotidianamente a experiência do uso da nossa memória individual e, ainda que não tenhamos nunca analisado os mecanismos do seu funcionamento, facilmente nos damos conta de que é o conjunto das nossas memórias que faz a nossa história pessoal e que nos permite situarmo-nos no tempo.*"¹³

Representando os testemunhos materiais da herança cultural e histórica da comunidade, o museu assume, o papel de repositório da memória e da identidade local, sendo por isso um instrumento essencial na construção de um discurso identitário dominante na comunidade em que se enquadra.

Sobre o papel de relação do público, com o discurso museológico, afirma Bourdieu: *"Os museus são, por conseguinte, espaços de empowerment para as comunidades que nelas se encontram representadas (e que se identificam com o discurso museológico e museográfico que as representa), criando, reforçando e reproduzindo sistemas de diferenciação social.*"¹⁴

Importa aqui, reforçar a ideia de Pierre Bourdieu de que os bens materiais são importantes instrumentos de capital simbólico e social, na medida em que assumem um papel primordial no perpetuamento de estruturas ideológicas e no estabelecimento de normas sociais, valores

¹² Martins, A. M. (1999). Museologia activa. Contributos para o desenvolvimento. *in*: Actas do IV Encontro Nacional Museologia e Autarquias, Tondela (29 a 31 de Outubro de 1993). Câmara Municipal de Tondela, 64.

¹³ Ferreira, A. M. S. (1999) Porquê Conservar o Património Cultural? Um percurso pelas relações entre memória, identidade e desenvolvimento. *in*: Actas do IV Encontro Nacional de Museologia e Autarquias. Tondela (29 a 31 de Outubro de 1993). Câmara Municipal de Tondela, 85.

¹⁴ Bourdieu, Pierre; Darbel, Alain. (data da 1ª ed. 1970). - L' amour de l' art. Les musées d' art européens et leur public, 2ª ed., Les éditions de Minuit, s.l.,s.d.

e atitudes em relação ao passado de tradição, de memória, de progresso, de cultura e de conhecimento.

O espaço museal assume assim, um papel de construção, afirmação e manutenção de sistemas de referência. Em suma, o reconhecimento do museu como um espaço de definição de discursos identitários colectivos e individuais.

Neste contexto, o papel da memória no discurso museológico assume um papel essencial como afirma Ulpiano Bezerra de Menezes: *“exilar a memória do passado é deixar de entendê-la como força viva do presente. Sem memória não há presente humano, nem tão pouco futuro. Em outras palavras: a memória gira em torno de um dado básico do fenómeno humano, a mudança. Se não houver memória a mudança será sempre factor de alienação e desagregação, pois inexisteria uma plataforma de referência e cada acto seria uma reacção mecânica, uma resposta nova e solitária a cada momento, um mergulho do passado esvaziado para o vazio do futuro. É à memória que funciona como instrumento biológico-cultural de identidade, conservação, desenvolvimento”*.

*Pode neste sentido afirmar-se que o museu é uma «arena» para o combate pelo reconhecimento da memória, tornando-o assim, num espaço de definição de quem somos.*¹⁵

Esta “memória reconhecida” vem associada a “patrimónios” que o museu confere:

*“...existe uma vasta gama de bens –procedentes sobretudo do fazer popular –que por estarem inseridos na dinâmica viva do quotidiano não são considerados como bens culturais nem utilizados na formulação das políticas económicas e tecnológicas. No entanto, é a partir deles que se afere o potencial, se reconhece a vocação e se descobrem os valores mais autênticos de uma nacionalidade.”*¹⁶

Através do documento (bem cultural) somos levados ao conceito de património e este aparece intimamente associado à ideia de «herança paterna»; algo que se transmite de geração em geração, de uma época para outra época. O “documento” leva-nos ainda, como vimos ao conceito de memória. Não podemos ignorar a memória se pensarmos o “documento” como «o que ensina» ou «o que informa».

O Museu torna-se então no instrumento de mediação para a mudança social: *“A memória é fundamental, uma vez que o novo não tem sentido sem a memória para reconhecê-lo. A memória justifica o novo, a informação e a redundância.”*¹⁷

¹⁵ Menezes, U. B. (1984). Identidade Cultural e Arqueologia. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. n.º 20, 33.

¹⁶ Magalhães, A. (1984) Bens Culturais: Instrumento para um Desenvolvimento Harmonioso. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. n.º 20, 40.

¹⁷ Amaral, M.T. (1977). Filosofia da Comunicação e da Linguagem, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/MEC, 401.

Não há comunicação (informação) nem aprendizagem sem a presença da memória. Importa, portanto, preservar a comunicação enquanto informação, como reconhece Connerton:

*“...podemos observar que a nossa experiência do presente depende em grande medida do nosso conhecimento do passado. Entendemos o mundo presente num contexto que se liga causalmente a acontecimentos e objectos do passado e que, portanto, toma como referência acontecimentos e objectos que não estamos a viver ao vivermos o presente. E vivermos o nosso presente de forma diferente de acordo com os diferentes passados com que podemos relacioná-lo. Daí a dificuldade de extrair o nosso passado do nosso presente: não só porque os factores presentes tendem a influenciar – alguns diriam mesmo distorcer – as nossas recordações do passado, mas também porque os factores passados tendem a influenciar ou a distorcer a nossa vivência do presente. Este processo, deve sublinhar-se, penetra nos mais ínfimos e quotidianos pormenores das nossas vidas”.*¹⁸

Um museu local ao nomear um território como objecto museológico assume-se como um museu identitário, pois acolhe as raízes, formação e evolução dessa comunidade que o habituou ao longo do tempo; assim como abriga e conserva memórias colectivas e/ou individuais, de formas de vida e de afinidade social, de uso e transformação da natureza, da vida e da morte.

Como nota Mário Chagas: *“Os objectos museais são também inutensílios; são coisas, trens e trechos que perderam a serventia e a utilidade de origem e passaram a ter outra serventia, uma outra servidão até então não prevista”.*¹⁹

O espólio museológico é constituído por objectos roubados ao abandono e transformados em suporte de memória. Porém, sem sentimentos, sensações, pensamentos e intuições as coisas estão mortas.

Cabe ao museu estabelecer um espaço de encontro de acordo com a memória e o esquecimento, a preservação e a destruição. Operar com documentos/bens culturais em busca da promoção de identificações e combater a massificação social.

A preservação do objecto não permite conhecer o seu passado. As memórias deterioram-se mais depressa do que a maioria dos bens materiais a elas associados. A memória pode ser preservada. Não de forma perfeita ou absoluta mas por um tempo suficientemente longo para acompanhar os objectos a que esta associada. A memória testemunha o que eles não

¹⁸ Connerton, P. (1993). – Como as sociedades recordam, Oeiras. Celta, 2.

¹⁹ Chagas, M. S.; Myrian S. S. (2002) Museu e Políticas de Memória. Cadernos de Sociomuseologia. n.º 19, Centro de Estudos de Sociomuseologia. ULHT. Lisboa, 8.

podem testemunhar: o homem, a sua vida, as suas vontades, os seus sentimentos, os seus pensamentos, as suas aflições, os seus medos, etc.

Se o museu apenas preservar os bens materiais, a sua colecção não passará de um amontoado de objectos mudos. Numa palavra, desinteressantes.

Recordar não é lembrar mas reflectir e reconstruir, as experiências do passado.

5. Conclusão

Com base nas propostas da Nova Museologia, o museu contribui significativamente na preservação e desenvolvimento do património natural e cultural das populações ao mesmo tempo que constitui um instrumento ao serviço da comunidade e do seu desenvolvimento.

Atribuindo um papel importante às tradicionais funções do museu (recolha, selecção, interpretação e divulgação), estas só adquirem utilidade se forem de encontro com as populações, no sentido de compreender e respeitar o seu trabalho, a sua memória e a sua identidade.

Registe-se ainda, o importante papel que o museu desempenha na sensibilização da população para o estudo e preservação do património com vista à compreensão do seu próprio futuro.

Torna-se importante recolher, seleccionar, interpretar, e divulgar o património imaterial e conservar e restaurar o património material, para a todo o tempo, a população local, os seus visitantes e principalmente as gerações futuras possam usufruir dele.

É neste sentido que se projecta o Museu das Minas da Panasqueira, um Museu local, polinucleado, e que implica a relação entre o homem e o património no seu meio.

II

CAPÍTULO

1. Memórias

O educador Camilo Vasconcelos (2001) diz-nos que: “... o processo educativo museológico deve contribuir para despertar nos indivíduos uma conceituação de cidadania mais ampla que inclua o alargamento do conceito de democracia, de transformação social e, especialmente, do acesso do indivíduo à cultura e o alienável direito à memória.”²⁰

Segundo esta perspectiva os indivíduos gozam do direito de acesso às suas referências patrimoniais e de estabelecer afinidades entre memória e realidade actual numa busca de identidade.

É da afinidade entre memória e realidade actual que surgem as páginas que se seguem. Páginas que relatam a história de gentes esquecidas no escuro das jazidas da Panasqueira. São memórias de lágrimas, de morte e revolta daqueles a quem a Mina enfraqueceu as forças e calejou as mãos.

É aí que se encontra a história da Panasqueira, na memória de cada um, no nome das aldeias, no nome dos mortos e no preto das viúvas.

As páginas que se seguem traduzem-se em pequenos relatos colhidos, por mim, junto de vozes que escondem tanto que contar. Talvez a minha origem e vivência naquele ambiente me tenha feito perder alguma objectividade e ganhar alguma emoção nas entrevistas que realizei mas tentei acima de tudo procurar saber o porquê das coisas mais importantes na vida dos mineiros.

Conversei com mineiros actuais, com mineiros reformados, com mineiros emigrados, com sindicalistas e com uma viúva e destas conversas muito ficou por contar.

Estive no interior das galerias onde o escuro não impede o trabalho. Visitei todas as instalações construídas no exterior para apoio à mina, com especial atenção à lavaria e tratamento de minerais e consultei a «pouca» bibliografia existente.

É da voz das conversas atrás referidas que surgem as páginas seguintes. Memórias que se perdem no tempo, numa altura em que a laboração mineira teima em chegar ao fim. Ouçamos, então a memória deste povo mineiro que tanto carece de um espaço que dignifique as suas referências patrimoniais e o seu direito à memória:

²⁰ Vasconcelos, C. M. (2001). Administrando a mudança: Os museus fazendo face aos desafios económicos e sociais. Comunicação apresentada durante a Conferência Geral do ICOM, Barcelona, 1.

1.1. Maria da Conceição, mais conhecida por Ti Barata. Nasceu em S. Jorge da Beira, há 86 anos. Casou com um mineiro das Minas da Panasqueira. *“O meu marido foi para lá trabalhar com nove anos. Ele e muitos. O dia que lá vinha o Engenheiro, o Capataz mandava fugir os garotos para ele não os ver. Não sabiam que andavam a trabalhar sem idade*

O meu homem morreu na mina. Não me deram nada. Ninguém teve pena de mim.

Antes de ir para a mina trabalhava na agricultura. Criar os filhos. Tratar a fazenda. Era assim. Andar de «cu» e cabeça. Daqui para além e de além para aqui. As crianças, antes de irem para a escola iam ao mato e à lenha.

Fui para a Barroca. Fui trabalhar no dia 10 de Março. Era viúva. Fui levantar o cartão ao escritório. Ia descalça não tinha que calçar. O xailito pela cabeça.

O Sr. Inglês disse-me para ir ao armazém comprar calçado e roupa para a cama mas eu não fui na onda de me assim enforçar. Arranjei-me conforme pude.

Deram-me um cesto para acartar a lenha para a cantina e para a casa dos que trabalhavam nos escritórios. Andava a gente de rua em rua. Deus da minha alma, sem culpa nenhuma! Entrava às oito e saía as cinco. Em 1949 chegava a casa com 10 escudos para governar seis pessoas.

Era assim a vida na Mina...A comer borralho a monte”²¹

1.2. Augusto Gonçalves Pereira. Nasceu em S. Jorge da Beira no ano de 1923. Viúvo passa agora, os últimos dias no Centro de Solidariedade Social de S. Jorge da Beira.

“Entrei para a Mina aos sete anos e saí aos trinta. Trabalhava doze horas por dia e ganhava cinco escudos. Fazia o transporte da pólvora para o Vale de Ermida. Escolheram um rapaz novo, que não fumasse nem bebesse, para que não houvesse qualquer azar, que ficasse sem mãos.

Aos vinte anos fui para marteleiro. Trabalhar com o martelo, a fazer furos para meter a pólvora e depois rebentavam e tínhamos o pessoal para limpar o cascalho com máquinas.

Depois convidaram-me para ser capataz mas eu disse que não estava pronto. Tinha a minha mulher doente, não era capaz de ir buscar água. Tinha de ser eu.

Tinha dois filhos e ganhava 20 escudos. A Lurdes andava na costura.

²¹ Maria da Conceição. (21.04.2003).

Depois fui para os túneis, a trabalhar com os martelos. Andávamos ali três marteleiros a trabalhar com os martelos. Fizemos uma chaminé de 35 metros em quinze dias. Às vezes esperávamos uma noite, enquanto não saísse o fumo não entrávamos para lá.

Trabalhávamos doze horas. De sol a sol. Comíamos lá dentro e tudo. Tanto de Inverno como de Verão andava sempre com os pés molhados. Nessa altura não havia botas, nem cá havia quem as vendesse. Tínhamos que andar enterrados em água. Infelizmente até o carbureto para o candil tínhamos que comprar!

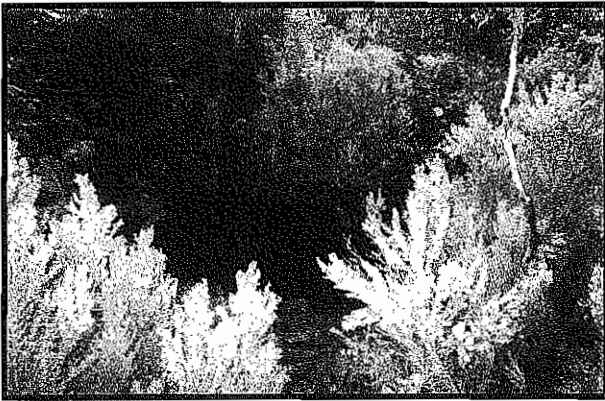


Fig. 1 -Exploração de pequenos afloramentos após a 2.ª Guerra Mundial

Aí por volta de 1938 começou o Salta-e-pilha.. Íamos entrar de noite, às onze horas da noite, meia-noite, quando os guardas eram bons, a gente íamos mais cedo. Mas era preciso ir guardar o posto da guarda e a casa deles. Tínhamos os espias a guardar. Se fossemos apanhados éramos presos. Eram as nossas mulheres que lavavam o minério. Se a gente não tivesse mulher para ir trabalhar, tínhamos de meter umas raparigas a lavar. Mas era preciso estar a lavar às escondidas. Era ali no ribeiro do souto. Era lai mais escondido. Se viesse a guarda faziam-nas dizer de quem era o minério. Vendíamos o minério aos contrabandistas. Eles vinham cá comprar por um bom preço.²²

1.3. Alfredo Bernardino nasceu em 1925 em São Jorge da Beira. É viúvo e tem apenas a quarta classe. É reformado. Começou a trabalhar nas Minas da Panasqueira em 1939 nos trabalhos das oficinas. Era serralheiro.

Em 1944 deixa de trabalhar na Mina até 1946, ano em que retoma a actividade até 1963.

Em 1939 recebia 3\$00 por dia (75\$00/mês). Em 1963 o seu vencimento era de 750\$00 por mês.

Lembra o ano de 1963, como o momento mais marcante que passou na Mina. Nunca participou numa greve.

Ocupa o tempo livre na agricultura.

²² Augusto Gonçalves Pereira. (22.04.2003).

Acha importante a construção de um museu mineiro nas Minas da Panasqueira.²³

1.4. Sabino Santos nasceu em 1938. É casado e tem dois filhos. Vive na Barroca Grande. Começou a trabalhar nas Minas da Panasqueira em 1969, ganhava 110\$00/dia. Actualmente é escriturário e recebe 868€.

Para Sabino Santos o interior da Mina é um lugar *“impróprio para cardíacos.”*

Pertenceu ao Sindicato, na sua fundação nas Minas da Panasqueira – de 1974 a 1980.

Aponta o futuro das Minas como *“muito instável e difícil.”*

Passa os tempos livres *“com a família, e sobretudo, com a neta.”*

Para Sabino Santos a representação da actividade Mineira num Museu é *“indiferente”*.²⁴

1.5. José dos Santos Duarte. Natural da Panasqueira freguesia de S. Jorge da Beira conta já cinquenta e nove primaveras. Vive na Barroca Grande onde trabalha desde 1973 no Departamento de Geologia das Minas da Panasqueira.

Inicia os trabalhos a ganhar 3.000\$00 e ganha actualmente 671 Euros para *“ retratar a Mina através de cortes com implantação de filões e falhas.”*

Insatisfeito com esse ordenado apressa-se a dizer que *“não”* está satisfeito com o seu ordenado. Em casa a esposa, doméstica, e um filho para criar fazem deste salário uma ninharia.

Apenas esteve um ano sem trabalhar, devido ao encerramento geral da mina (1994).

Descreve a mina como *“...um escritório labiríntico.”* Aponta a falta de luz como a maior dificuldade em trabalhar na mina mas nunca se sentiu em perigo.

Pertencendo ao Sindicato da Indústria Mineira desde 1973 participou em algumas greves.

Relembra a *“Greve do carboreto”* como a mais importante.

Fala das *“ quatro escolas com quarenta alunos cada uma, com professores pagos pela empresa.”* Recorda-se com gosto de que em *“1955-1960 a Beralt tem o melhor Hospital de Castelo Branco. Com médicos efectivos, cirurgia, parteiras...”*

“O futuro da minas apresenta-se muito negro. A cotação do volfrâmio está pelas rias da amargura. O investimento em preparações é quase nulo devido a isso. A mina está cega.”

²³ Alfredo Bernardino. (19/08/2003).

²⁴ Sabino Santos. (15/08/2003).

Ocupa o tempo livre a *“passear, ler, televisão.”*

Acha que *“seria bonito”* ver a actividade mineira representada num museu. *“O evoluir do equipamento, tanto pessoal (fatos) como de máquinas”*

Deixa como momento mais marcante que passou na mina *“A 1ª vez que desci numa jaula para fazer o levantamento de uma chaminé.”*²⁵

1.6. João da Silva José nasceu em S. Jorge da Beira no ano de 1945. É casado e tem uma filha. Actualmente é reformado mas reside na Alemanha.

Começou a trabalhar na Mina em 1965 a *“encher vagões que transportavam o minério para a rua, para ser separado na lavaria.”*

Deixou de trabalhar na Mina em 1966. *“A maior dificuldade é não ver a luz do dia.”*

Sentiu-se várias vezes em perigo, tendo partido *“uma perna com os cabos do guincho.”* E depois teve de *“ser transportado dentro de um vagão para o hospital.”*

Descreve a Mina como uma *“caverna escura.”*

Sofre de Asma. Ocupa os dias a *“ler, ver televisão e a passear.”*

Gostava de ver a actividade mineira representada num Museu com *“máquinas antigas e ver o interior da Mina.”*²⁶

1.7. César Henriques Camba nasceu em S. Jorge da Beira. É casado e tem dois filhos.

Começou a trabalhar nas Minas em 1963, ganhava 1500\$00/mês. Trabalhou nas Minas até 1993.

Aponta que a maior dificuldade em trabalhar na Mina *“são os gases e fumos”*.

Sentiu-se muitas vezes em perigo. Lembra: *“uma vez fui apanhado pelos cabos do guincho e fui levado para a torva e ainda estive 15 dias internado no hospital”*. Assistiu, também, à morte de muitos colegas. Saiu da Mina por falta de saúde. Sofre de *“estômago e intestinos”*. Diz que *“Gostava da Mina”*.

Refere que *“são uma minas em fim de exploração, já com um futuro muito fraco”*.

Divide o tempo livre entre a *“agricultura e a barbearia”*.

Gostava de ver um Museu com a actividade mineira representada. Mas diz que *“foram coisas que já passei; não gosto muito de recordar.”*²⁷

²⁵ José Santos Duarte. (29.07.2003).

²⁶ João da Silva José. (14/07/2003).

²⁷ César Henriques Camba. (07/08/2003).

1.8. António João Baptista Pereira nasceu em 1948, é casado e pai de dois filhos. Vive na Barroca Grande.

Começou a trabalhar na Mina em 1967. Ganhava cerca de 60\$00 (0,30€).

Interrompeu a sua actividade de Topografo *“em 1994, durante dez meses.”*

Exerce a sua actividade na Mina no Departamento de Reprografia. Actividade que *“consiste na marcação e medição dos teores dos filões e no tratamento desses dados.”* Actualmente o seu vencimento atinge os 1200€ porém, refere que *“devemos ter sempre presente algumas expectativas de melhoria.”* Refere que a maior dificuldade em trabalhar na Mina são os *“locais menos ventilados (ambiente) e também as deslocações (hoje um pouco melhoradas).”*

Sente-se em perigo quando o tecto da Mina não garante a melhor segurança.

O momento mais marcante que passou na Mina foi *“... em 1996. Quando já existia uma área de vários hectares apenas com pilares de 3x3. Iniciou-se uma sequência de facturas. Com estoiros de frequência cerca de 30 segundos ouvidos em qualquer parte da Mina durante vários dias e ofereciam alguma insegurança mesmo aos mais conhecedores.”*

Descreve a Mina como *“um local de trabalho com condições adversas. Existe legislação adequada para todas as situações. Deve haver vontade de todos para que a higiene e segurança no trabalho sejam sempre uma realidade.”*

Pertence ao sindicato da Topografia.

Participou em várias greves *“nomeadamente na greve que teve a duração de cerca de dois meses em 1979.”*

Julga que *“com os preços de mercado actuais” o futuro da Minas não é «risinho» a não ser que surjam novas perspectivas de mercado e ainda investimento de capital e prospecção, desenvolvimento e aquisição de máquinas.”*

“Para além de se beberem uns copos ou cavaquear” António também gosta de *“ler”*.

Gostava de ver a actividade mineira representada num Museu que *“deveria retratar as várias etapas de escavação da Mina. Talvez essa representação pudesse ser em Maquetas de todos os modelos de escavação dos desmontes. Com as ferramentas utilizadas no início da Mina. Com fotografias das máquinas até aos dias de hoje. Com os diversos modelos de fazer chegar o minério à lavaria.*

Também como não poderia deixar de ser a decoração de um espaço com os vários minérios extraídos.”

Acha importante a construção de um Museu Mineiro “ *não só para mostrar e ensinar o avanço gradual da Mina como servir de atractivo para o turismo e como uma das salas de visita da Beira Interior*”.²⁸

1.9. José Alves Camba. Natural de S. Jorge da Beira, nasceu no ano de 1951. Trabalha na mina desde 1975. Ganhava, então 7.000\$00. É solteiro e não tem filhos.

Interrompeu o trabalho em 1994, altura em que a mina encerrou.

Dá “*Apoio à mina – Controlo e eficiências.*” Que consiste no “*controlo de gases e poeiras, eficiências de furação, controlo dos materiais de furação e elaboração de relatórios, todo o tipo de ensaios às máquinas perfuradoras e medições de ventilação geral.*”

Não aponta nenhuma dificuldade em trabalhar na mina e nunca se sentiu em perigo.

Nunca assistiu a nenhum acidente de trabalho.

Relembra, como momento mais marcante que passou na mina uma “*altura em que decorriam negociações com a empresa (d direcção) para a actualização do Caderno Reivindicativo – formou-se um braço de ferro, tendo os mineiros ocupado o fundo da mina, durante três dias. Os familiares concentravam-se à entrada da mina e toda esta situação foi causadora de grande impacto nos meios de comunicação social nesta região.*”

Descreve a mina “ *sem ser um lugar aprazível, no entanto actualmente existem melhores condições de trabalho, se atender àquilo que meu pai me dizia da época em que lá trabalhou. Com a mecanização da mina, o trabalho passou a ser menos perigoso para a saúde.*”

Diz não sofrer de nenhuma doença relacionada com a mina.

Pertence ao “*Sindicato Mineiro (Sindicato Nacional da Indústria Mineira)*. A sua participação nas greves foi “ *naquelas em que estavam em causa os postos de trabalho e reivindicações salariais e de outras regalias.*”

Quanto ao futuro das minas “ *Sem querer ser pessimista, penso que não será risonho. No entanto tudo está dependente dos mercados internacionais de Volfrâmio e também das novas áreas a desmontar.*”

O tempo livre é ocupado a “ *...dar umas passeatas e beber uns copos...*”

²⁸ António João Baptista Pereira. (28/07/2003).

Gostava de ver a actividade mineira “ *não só representada como perpetuada* ” num museu. Gostava que esse museu fosse “ *uma casa visitada por todos aqueles que não vivem na região, para não falar dos nossos conterrâneos, etc.* ” Gostava de ver representada “ *Toda a actividade mineira, não esquecendo os primeiros mineiros, seus trajes, seu equipamento e as diversas fases de exploração por que esta mina passou.* ”

Acha importante a construção de um museu mineiro “ *Para que as gerações vindouras pudessem constatar «in loco» aquilo que os seus antepassados viveram.*”²⁹”

1.10. Augusto Lourenço Alves nasceu em S. Jorge da Beira no ano de 1954. É casado e tem dois filhos.

Começou a trabalhar na Mina em 1972, ganhava 520\$00/semana.

Encontra-se de baixa há 20 meses pois sofre de insuficiência supra renal.

Na Mina é chefe de grupo, na montagem de carris, para transporte de vagões.

Nunca se sentiu em perigo mas assistiu ao “ *descarrilamento de uma máquina de transporte de vagões que provocou a morte a um cunhado no ano de 1993* ”. Refere ainda, este acontecimento como o mais marcante que passou na Mina.

Descreve o interior da Mina com o uso de palavras soltas: “ *Desmontes...Inclinados...Galerias...Poços...* ”

Lembra “ *O futuro da Mina não está risonho* ”.

Ocupa o tempo livre a “ *Ler e ver televisão* ”.

Acha que é importante a construção de um Museu Mineiro onde fossem expostos “ *produtos extraídos das Minas* ”.³⁰

1.11. José Maria Gonçalves Isidoro vive em Dornelas do Zêzere. Nasceu em 1955, é solteiro e não tem filhos.

Começou a trabalhar na mina em 1970, mas não se recorda qual o seu vencimento. Refere, com algum desânimo, que o seu “ *vencimento actual é 498 euros* ”.

²⁹ José Alves Camba. (25.07.2003).

³⁰ Augusto Lourenço Alves. (29/07/2003).

Descontente com o ordenado conta que este *“é muito baixo, tendo em consideração a especificidade do trabalho, nas minas, os riscos que se correm no dia a dia do trabalho e as doenças profissionais que se contraem.”*

Aponta como dificuldades em trabalhar na mina *“a dureza do trabalho, iluminação deficiente, os riscos do trabalho e a contracção de doenças profissionais como a silicose e a surdez.”* Fala ainda, do *“ruído, da poluição, dos pisos que não oferecem condições de segurança e dos cheiros nauseabundos.”*

Trabalha no exterior da mina e refere que aí as coisas *“são bastante diferentes.”* Recorda *“uma vez ter rebentado um contentor de ácido e por pouco não me queimei todo, tive muita sorte.”*

Assistiu *“a alguns acidentes de trabalho que resultaram em pernas partidas, escoriações e dedos das mãos partidos.”*

“O momento mais marcante que passei na mina foi quando em 1970, com 15 anos de idade, ingressei nas correias e os vigilantes batiam a torto e a direito nestes miúdos trabalhadores, até os fazerem chorar. Outros momentos marcantes: quando das lutas por melhores condições salariais e de segurança no trabalho que duravam por vezes vários meses e saíamos vitoriosos.”

Descreve a mina *“Como um local de trabalho onde centenas de trabalhadores executam diariamente a sua actividade profissional como mineiros, muitas vezes com grandes dificuldades. É um local de trabalho”, acrescenta.*

Adianta que *“talvez já esteja afectado pela silicose e surdez, mas até este momento ainda não tratei de nada.”*

É *“membro dirigente do Sindicato Nacional da Indústria Mineira, com sede em Aljustrel.”* Pertenceu ainda, *“como dirigente sindical, durante 16 anos, ao sindicato dos trabalhadores da Indústria Mineira do Norte.”*

Participou em todas as greves que se realizaram nas Minas da Panasqueira. Recorda melhor *“as de 1979 e 1983, pelos muitos meses de duração que tiveram.”*

“O futuro desta multinacional não é risonho devido ao facto de a sua administração não ser a melhor. Não está a fazer preparações nem sondagens, que são a essência da continuidade da mina e as reservas que há para explorar dão apenas para mais um ano. É por isso, que o Sindicato Mineiro tem vindo a exigir que se comece já com as preparações e sondagens na Mina.”

Ocupa o seu tempo livre *“fazendo desporto, lendo e sempre que posso viajo um pouco pelo País.”*

Gostaria de ver a actividade mineira representada num museu “que tivesse ferramentas mais diversas de produção, desde os tempos primeiros desta empresa, até aos dias de hoje.”

Acha que a construção de um museu mineiro é muito “importante, porque o museu mesmo depois do desaparecimento da Mina, como unidade produtiva, marcará sempre a sua existência através das ferramentas que a fizeram existir durante muitos anos.”

Termina com algumas lembranças: “A mina está velha. As máquinas são velhas. Somos uma região paupérrima. Não podemos deixar desperdiçar a única riqueza que temos.”³¹

1. 12. Manuel Orlando Miguel nasceu em 1957. É casado e tem três filhos. Vive no Fundão e passa alguns meses a trabalhar na Suíça. Começou a trabalhar na Mina em 1977, como mineiro. A sua actividade consistia em “tirar o cascalho da torva para os vagões e levar para a rua.” Ganhava 15.000\$00. Abandonou a actividade de mineiro em 1980.

Refere que a maior dificuldade em trabalhar na Mina é o “medo de andar debaixo dos «calhaus».”

Nunca se sentiu em perigo, mas lembra “uma pessoa que ficou «atolada» numa máquina. A máquina apanhou-lhe o pé.”

O momento mais marcante que passou na Mina foi ver “um colega morrer. Caiu-lhe um «liso» em cima. Chamava-se Rogério. Era da Panasqueira.”

Descreve a Mina, apenas com palavras:

“galerias...desmontes...escuro...elevadores...rampas...”

Pertenceu ao sindicato Nacional da Indústria Mineira.

Quanto ao futuro das Minas atreve-se a dizer que “brevemente fecham”.

Gostava de ver a actividade mineira representada num Museu com “materiais mineiros antigos”.³²

1. 13. António Manuel Mendes Gonçalves Matias nasceu em 1962. Vive na Barroca Grande. É casado e tem dois filhos.

Começou a trabalhar nas Minas da Panasqueira em 1980, ganhava 32 000\$00.

³¹ José Maria Gonçalves Isidoro. (15/07/2003).

³² Manuel Orlando Miguel. (25/07/2003).

No ano de 1994, a Mina fechou e a sua actividade foi interrompida por um ano. Agora, passa os dias a conduzir uma máquina que *“limpa as frentes, ou seja, transporta o cascalho para a torva.”*

Trabalha oito horas diárias (entra às 15h e sai às 23h) e a receber 620 euros mensais, encontra-se insatisfeito *“devido ao duro trabalho que se faz na Mina.”*

Julga que a maior dificuldade em trabalhar na Mina são as *“condições de trabalho que deixam muito a desejar.”*

Já se sentiu em perigo e o momento mais marcante que passou na Mina foi *“ter assistido à morte de um colega e ter participado em encontrar o corpo que estava soterrado por um grande monte de lisos (pedras).”*

Descreve a Mina como *“casa escura revestida toda em pedras, sem janelas, não se vendo o céu.”*

É dirigente sindical, tendo participado em todas as greves desde que é mineiro. Ocupa o tempo livre com os filhos. Acha que o futuro das Minas é *“preocupante”*. Acha muito importante a construção de um museu mineiro e gostaria de ver representado *“um memorial da Mina. Todos os materiais usados no trabalho da Mina. Inclusive os antigos e os actuais.”*

Termina com uma preocupação: *“Se hoje entrassem pessoas para a Mina não havia botas de borracha.”*³³

1. 14. António Manuel Teixeira Magalhães vive em S. Jorge da Beira. Nasceu em 1965, é casado e tem um filho.

Começou a trabalhar em 1983 a ganhar *“setenta mil escudos”*. Actualmente recebe mensalmente *“seiscentos e vinte e oito euros”*. Sendo a mulher doméstica encontra-se insatisfeito com este vencimento e acrescenta que *“esta actividade é muito dura.”*

“Mineiro Especializado,” trabalha como *“operador de jumbos.”* Actividade esta que decorre *“no interior da mina onde se explora o Wolfram.”*

Refere que a maior dificuldade em trabalhar na mina *“é estar exposto a várias doenças e queda de pedras.”*

Quando está a trabalhar diz: *“Sempre estou em perigo. Porque trabalho com uma máquina de perfuração no qual está a actividade que faz vibrar o terreno.”*

³³ António Manuel Mendes Gonçalves Matias. (15/07/2003).

Nunca assistiu a nenhum acidente de trabalho, mas refere que o momento mais marcante que passou na mina *“Foi ter a notícia de acidentes mortais no interior da mina. De colegas de infância.”*

Quando descreve o interior da mina lembra que a *“ atmosfera ambiental está altamente poluída derivado ao movimento das máquinas a gasóleo; que as condições dos trabalhadores parecem mais toupeiras que pessoas humanas; as vias de acesso ao interior da mina têm muitos buracos cheios de água.”*

Não sofre de nenhuma doença.

Pertence ao *“Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Mineira.”*

Participou *“em várias greves relacionadas com a apresentação do caderno reivindicativo ao patronato e não se chegar a acordo esgotam-se todas as negociações.”*

Refere que *“O futuro da mina passa por uma conjuntura de mercado em baixa: Para que esta mina tenha um futuro longo tem que fazer preparações e sondagens para se encontrar novos filões e comprar máquinas novas.”*

Nos tempos livres *“gosto muito de ler e conviver com os amigos.”*

Gostava de ver a actividade mineira representada num museu e refere: *“ Gostaria que o museu fosse feito na localidade de São Jorge da Beira e ter exposta toda a história do começo da mina e actual.”*

Acha que é muito importante a construção de um museu mineiro *“ para que as gerações futuras se lembrem que aqui existiu uma mina de onde tem muitas histórias tristes e contentes.”*³⁴

2. Em jeito de Conclusão

2.1 Memória Social

Uma reflexão aprofundada, baseada nos contributos dos inquéritos realizados à população, bem como outras experiências realizadas junto de mineiros, permitiu-me reforçar a ideia de que o Couto Mineiro da Panasqueira assume características muito próprias em virtude da actividade mineira.

Tais características moldaram a população residente e promoveram uma cultura própria de milhares de homens e mulheres entregues a um mundo nocturno a vida inteira. Um mundo

³⁴ António Manuel Teixeira Magalhães. (15.07.2003).

cujas condições essenciais são afiançadas pela acção humana através dos recursos técnicos (actualmente).

Daí que falar de mina, seja entrar numa “*caverna escura*”, como relata João da Silva José, um mineiro, emigrado, obrigado a procurar melhores condições de vida no estrangeiro. Na verdade, esta visão do mundo subterrâneo é uma paisagem imposta na memória de todos os mineiros que desaparecem nas entranhas da terra por oito horas, cinco dias por semana. Numa paisagem sobrecarregada de “galerias, desmontes, elevadores, rampas...” como narra Manuel Orlando Miguel.

De facto, existe toda uma história “noctívaga” de descida aos 12 mil quilómetros de túneis escavados desde 1880, que alimenta a memória de todos os que aí trabalharam e trabalham. Nesse mundo subterrâneo, que tem vindo a ser estudado, as características da sua exploração conduziram a consequentes mudanças nos modos de vida e hábitos da comunidade que, abandonando os trabalhos agrícolas se entregaram à exploração de minério. Novos e velhos, a mina empregava todos aqueles que se apresentassem. Lembre-se o Sr. António Gonçalves Pereira, que com apenas sete anos entrou para a mina. E usando a sua própria linguagem, “...*trabalhava doze horas por dia e ganhava cinco escudos. Fazia o transporte da pólvora para o Vale de Ermida. Escolheram um rapaz novo, que não fumasse nem bebesse, para que não houvesse qualquer azar, que ficasse sem mãos.*” Porém, este cenário era desconhecido pelo Engenheiro de Minas. E quando este passava pelos trabalhos de exploração, os “rapazotes” escondiam-se a mando do capataz.

Subindo e descendo, martelando e escavando filões e galerias, assim se passavam as doze horas de trabalho na mina, nos anos trinta, com apenas uma pausa para um almoço. Muitos dias ao frio, de corpo ensopado pela água gelada da montanha, com um fio de luz produzido pelo gasómetro acompanhado de uma nuvem de borralho³⁵. Ao voltar para casa, uma nota de 10 escudos no bolso, por um mês de trabalho, era o sustento da casa.

Por volta de 1938, muitos mineiros entregaram-se à exploração por conta própria, organizavam-se em grupos e durante a noite partiam à descoberta de pequenos afloramentos. Chamaram-lhe o «**Salta-e-Pilha**». O minério que conseguiam era preparado pelas mulheres no Ribeiro do Souto (S. Jorge da Beira) e posteriormente vendido aos contrabandistas que o compravam por um bom preço.

O minério apanhado originou a utilização de um novo vocábulo – o **volfro** e/ou **wolfram** também conhecido por **tungsténio**. Sobral, no seu livro *Volfrâmio, aspectos técnico-económicos*, relata que “...*a palavra volfrâmio é originária do alemão, a partir da*

³⁵ Borralho é o vocábulo popular usado para designar poeiras de sílica levantadas pelas escavações originando posteriormente a silicose.

associação de 'olf' e 'rahm' que significam espuma ou nata de lobo, alusão ao facto de o volfrâmio 'devorar' o estanho (cassiterite) em leitos de fusão, por certo e devido ao seu elevado ponto de fusão – 3.419.°C. (6.170°F.). Em Portugal, o volfrâmio é já referido no Catálogo da Exposição Industrial Portuguesa de 1888, assinalando-se aí o seu bom preço no mercado, apesar de há poucos anos ser considerado como ganga sem valor e ser lançado aos entulhos nas minas de estanho; nessa época a sua aplicação fazia-se em cada vez maior escala, na indústria do ferro e do aço, havendo descoberta recente de novas aplicações...Mencionava-se a presença de volfrâmio nos distritos de Castelo Branco, Guarda, Viseu, Porto e Bragança.”³⁶

O vocábulo tungsténio deriva do sueco, resultante da união dos termos 'tung' e 'sten', que significam pedra pesada, alusão directa à elevada consistência do metal.

A I Guerra Mundial e a conseqüente expansão da indústria bélica, fomentaram o consumo e procura do volfrâmio, efectuando-se nesta altura a descoberta dos jazigos de volfrâmio na China. Nos finais dos anos 20, começaram a ser comercializados ferramentas com carboreto de volfrâmio. Com a Guerra Civil Espanhola, a II Guerra Mundial, a Guerra da Coreia e a expansão da indústria dos aços, aumentou a procura do volfrâmio em Portugal. Por sua vez, aumentou o número de mineiros. Santiago Rodriguez refere “Portugal, o maior produtor europeu de volfrâmio e um dos dez primeiros a nível mundial, chegou a ter, na altura da II Guerra, 100.000 mineiros enquanto que na Galiza, encontravam-se registadas para trabalhar no volfrâmio 10.000 pessoas.”³⁷

A correria ao volfrâmio torna-se no dia-a-dia das populações e desencadeia o aparecimento de novas expressões sócio-linguísticas que fazem parte do dialecto das populações mineiras. “**Volfro**”, “**wolfram**”, “**ouro negro**”, “**volframistas**” e outras expressões constituem um sociolecto composto por termos comuns a todos os que trabalham na indústria mineira ou a ela estão ligadas. São termos próprios de uma região e dificilmente se ouvem fora dela. Trata-se de um dialecto próprio de um grupo social que associado ao difícil e árduo trabalho de exploração nos jazigos e transformação do ambiente contribuíram para uma profunda e lenta mudança social e cultural.

Através dos registos atrás transcritos tenta-se compreender a memória social, da população mineira da Panasqueira, fruto das alterações dos modos de vida e costumes.

³⁶ Sobral, Fernando Sousa e Silva e Matias, Manuel João Senos. (1980). – *Volfrâmio, aspectos técnico-económicos*. Coimbra, F. C. T, 1.

³⁷ Santiago Rodriguez, X.L., Dir, Realiz. – *A Fevre do Wolfram*. Edic. Xoan Garcia, 1995 (video VHS, 58).

2.2. A paisagem social / paisagem mental

A febre do ouro negro originou, também na Panasqueira, o aparecimento de novas figuras sociais, onde formigam “os do quilo”, “pilhas”, “os cem gramas”, “os apanhistas”, arrepanhando, desviando e vendendo minério destacam-se “os volframistas”, sempre na mira das “notas de quilo”.

Figuras sociais novas que atestavam a carteira e rapidamente acumulavam fortunas escondidas que lhes permitiam remediar as suas vidas e garantir o estudo dos filhos – uma nova gênese, a dos “filhos do volfrâmio”.

Os anos do Volfrâmio, 1941, 1942 e 1943 em que a produção em Portugal excedeu as 5.000 ton./ ano permitiu a muitos aceder à riqueza – dedos repletos de anéis, fatos de senhor da cidade e gabardinas, canetas de tinta permanente, cavalos, etc. Deslocavam-se em carros de aluguer ou em táxis que aparecem nesta altura.

Porém, a fortuna não se estendeu a todos e por mais de um século de existência as Minas da Panasqueira trouxeram a muitos a morte. Uns morrendo abafados pelas poeiras, outros por desmoronamentos entregam, até hoje, os filhos aos cuidados das mães.

Entre 1982 e 1992 registaram-se, nas Minas da Panasqueira, doze acidentes mortais ocorridos no interior da mina.

Lembro uma notícia, mais recente, que o Jornal “*Notícias da Covilhã*” em 26.01.2001 publicou com o título: “*Mineiro morre atingido por pedra.*” Tratava-se da morte de Carlos Matias, natural de S. Jorge da Beira e com apenas 37 anos de idade que fora atingido por uma pedra de grandes dimensões. Aquele jornal noticiava: “*Nas Minas da Panasqueira, o deslizamento de uma pedra de grandes dimensões no interior de uma galeria provocou a morte de um mineiro e ferimentos em outro.*”

O acidente ocorreu às 18 horas de terça-feira, 23, quando Carlos Matias, 37 anos, fazia o segundo turno da exploração. Segundo António Magalhães, mineiro e representante do Sindicato dos Trabalhadores, em declarações à Rádio Cova da Beira, “é um tipo de acidente imprevisível, a que os mineiros estão sempre sujeitos e que eu, em 17 anos de mina, já testemunhei mais de uma dúzia de vezes”.

*Natural de S. Jorge da Beira e residente na Barroca Grande, a vítima deixa viúva e duas crianças. A mais nova, uma menina, é deficiente e a mãe não pode trabalhar devido a problemas de saúde. Uma situação dramática, já que Carlos Matias era o único sustento da família, mas que administração da empresa de exploração, Beralt Tin, garante estar salvaguardada através da respectiva indemnização aos familiares.*³⁸

³⁸ *Mineiro Morre Atingido por pedra.* Notícias da Covilhã, (26-01-2001), 5.

Para além deste tipo de mortes, registam-se diariamente aqueles que morrem vítimas da poeira que lhes provocou a silicose, ou ainda aqueles que sofrem de artrite reumatóide provocada pela humidade do fundo da mina.

A acompanhar estas enfermidades subsistem diariamente intoxicações, escoriações, pernas e dedos partidos.

António Manuel Teixeira Magalhães, mineiro especializado, atreve-se a dizer que quando está dentro da mina “...sempre estou em perigo. Porque trabalho com uma máquina de perfuração na qual está a actividade que faz vibrar o terreno.” E acrescenta, que no interior da mina a “... atmosfera ambiental está altamente poluída derivado ao movimento das máquinas a gasóleo; as condições dos trabalhadores parecem mais de toupeira que pessoas humanas; as vias de acesso ao interior da mina têm muitos buracos cheios de água.”

É este o ambiente no fundo da mina, os dias sucedem-se e os acidentes acontecem continuamente, e aos que são poupados cabe o papel de socorrer os seus colegas enterrados por entre um amontoado de pedras. Mortes e acidentes que fazem a memória desta gente. António Manuel Mendes Gonçalves Matias conta que o momento mais marcante que passou na mina foi “...ter assistido à morte de um colega e ter participado em encontrar o corpo que estava soterrado por um grande monte de lisos (pedras).”

Ou ainda, Manuel Orlando Miguel quando viu “...um colega morrer. Caiu-lhe um liso (pedra) em cima. Chamava-se Rogério. Era da Panasqueira.”

Aos acidentes físicos aliam-se o pânico e o medo que povoa a mente do mineiro. Lembre-se as palavras de António João Baptista Pereira ao recordar que o momento mais marcante que passou na mina foi “...foi em 1996. Quando já existia uma área de vários hectares apenas com pilares de 3x3. Iniciou-se uma sequência de facturas. Com estoiros de frequência cerca de 30 segundos ouvidos em qualquer parte da Mina durante vários dias e ofereciam alguma segurança mesmo aos mais conhecedores.”

O hospital da mina, na Barroca Grande fechou, e hoje quando há um acidente grave, o médico de trabalho elabora um despacho e o doente tem de ser encaminhado para o hospital da Covilhã ou do Fundão. Em caso de morte na mina a família recebe uma indemnização, mas no caso de ainda chegar vivo ao exterior e falecer posteriormente, a família não recebe nada.

O mundo daquelas aldeias mineiras, é hoje povoado por viúvas e ex-mineiros silicóticos. Em S. Jorge da Beira 20% das mulheres são viúvas e morrem cerca de 10 homens, por ano, vítimas de silicose.

Lembre-se as palavras de Maria da Conceição, “... *O meu homem morreu na mina. Não me deram nada. Ninguém teve pena de mim.*”

Mundo sombrio como outros, mobilizador de memórias e identidades. Um território social onde o trabalho moldou a conduta humana.

2.3. Expectativas da população quanto ao Museu

Quantos serão as vítimas da mina? Quem não tem um familiar silicótico? Quantas serão as viúvas das Minas? O que ganhou a região com as Minas?

- Fica-se cada vez mais pobre:

Doenças, mortes, ruína!!!

“Na reconversão que deveria ser feita nunca ninguém pensou; vai-se fazendo naturalmente, ficam as estevas e a região deserta, pois as pessoas são obrigadas a abandoná-la. Muitos dos nossos familiares tiveram que abandonar a sua terra, emigraram para conseguir uma vida melhor. Os que ficaram são hoje silicóticos ou órfãos, os pobres das nossas terras.”³⁹

Apesar desta relação negativa com a mina, os mineiros e a população residente manifestam uma relação de foro afectivo com a mina e gostavam de ver o seu trabalho representado num museu.

A população residente manifesta grandes preocupações com os problemas de perda de património e problemas ambientais e, consideram importante a sua preservação e valorização.

De acordo com as afirmações das entrevistas realizadas à população residente na região da Panasqueira, estes gostariam de ver retratado no Museu os seguintes aspectos:

- a) Evolução da exploração mineira (equipamentos, maquinarias, ferramentas, transportes, técnicas de exploração);
- b) História da Mina;
- c) Esforço humano;
- d) Malefícios da exploração (na natureza e no homem);
- e) Preservação de um troço da mina, com revestimento em madeira;
- f) Representação de maus momentos (acidentes, mortes, etc);
- g) Exploração de um filão;
- h) Minerais explorados;

- i) Fotografias;
- j) Criação de um livro com os nomes dos mineiros;
- k) Documentos e livros;
- l) Vestuário mineiro;
- m) Maquetas com os modelos de escavação dos desmontes;
- n) Miniaturas de máquinas;
- o) Usos e costumes da população da região mineira.

É sobre este ambiente que deverá ser construído um museu, que analise e interprete a realidade mineira e a dê a conhecer à população residente e ao público visitante. Um museu que coloque em cada um a possibilidade de interpretar e analisar o património mineiro escondido há mais de um século.

2.4. Conclusão

A reflexão em torno desta articulação entre memórias, paisagens sociais e mentais, de património material e imaterial tem, em meu entender, uma particular validade para o estabelecimento de um projecto de trabalho para um museu nas Minas da Panasqueira.

Um museu, portanto, que trate não só da indústria mineira mas também da vida dos homens que trabalharam nessa indústria, e dos que sofreram e perderam a vida com o trabalho, e daqueles que viveram e vivem nas Minas da Panasqueira.

Um museu de instrumentos e máquinas que foram usadas por homens que ainda podem dar o seu testemunho acerca dos tais instrumentos e máquinas; porque um museu de maquinaria sem homens é um museu de ferro velho, uma morgue mecânica que dificilmente despertará mais que um breve interesse. Cada objecto que o museu expuser há-de ter uma história para contar; cada história contada há-de retratar memórias de pessoas, algumas ainda vivas e que podem estar lá, contribuindo para fazer do espaço museológico um espaço socialmente dinâmico, culturalmente atraente, pedagogicamente importante.

Importa que o museu se assuma como um museu identitário, no sentido de investigar as raízes, formação e evolução dessa comunidade ao longo do tempo. Um museu que guarde e conserve memórias de feitos colectivos, de modos de vida, de relações sociais e de paisagens mentais.

³⁹ Comunicado da Comissão Intersindical das Minas da Panasqueira. (18.05.1983).

III

CAPÍTULO

1. CONSTRUINDO UM MODELO MUSEOLÓGICO

Numa altura em que a identidade local tende a perder-se é necessário criar estruturas em que as comunidades se reencontrem com os seus valores tradicionais reconhecendo a sua importância.

Nesse sentido poderá o Museu equacionar e regular o reencontro com esses valores tradicionais.

Como refere Maria da Graça Filipe *“em cada território se poderão encontrar elementos específicos, resultantes da história da sua ocupação humana através dos tempos, capazes de, devidamente investigados e interpretados, constituir um núcleo aglutinador de uma ideia de identidade.”*⁴⁰

Desta forma, pode afirmar-se que a Mina da Panasqueira gerou uma identidade cultural forte.

É necessário, por isso, preservar e desenvolver essa ideia através de acções de salvaguarda do património. É neste sentido que se projecta o Museu das Minas da Panasqueira. Um Museu que comunique, directamente, com as necessidades do desenvolvimento local.

Importa que o Museu leve a comunidade a pensar de onde vem, quem é, qual o seu património, qual a sua história, o que fez para melhorar a comunidade em que vive e quais os seus valores socioeconómicos, políticos e educativos, para chamar aqui várias vertentes que George Henri Rivière conferiu à instituição ecomuseal.

Assim, torna-se objectivo final deste museu abranger toda a comunidade ajudando-a a descobrir a sua história e património da região, valorizando-o e protegendo-o numa acção permanente de descoberta da sua identidade.

Este desafio pode ser lançado pelo Museu sensibilizando a população para a defesa do seu património histórico-cultural e levando-a à descoberta da sua identidade local.

Torna-se assim a identidade local num factor de integração, estudo, desenvolvimento e afirmação social.

Deverá, antes de mais proceder-se a um inventário do património industrial e geológica e a uma investigação que permita o resgate das fontes históricas, escritas e orais tendentes à elaboração de uma monografia local que ainda não existe. Esta investigação deverá ser

⁴⁰ Filipe, M. G. S. (1996) Ecomuseu no Seixal – Construindo Um Modelo Museológico – *in*: Cadernos de Sociomuseologia, n.º 8. Centro de Estudos de Sociomuseologia. Actas do V Encontro Nacional – Museologia e Autarquias. Lisboa: ULHT., 67.

realizada em colaboração com todos os agentes cooperantes da comunidade: colectividades, escolas, autarquias, associações, paróquias...

2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

2.1. O Concelho da Covilhã

Vergada nos declives da Serra da Estrela, voltada a Este, a Covilhã é cingida por duas ribeiras, a Degoldra e a Carpinteira, tendo a seus pés o rio Zêzere e toda a Cova da Beira.

O concelho abrange uma área de mais de 550 Km² e a sua população, segundo os censos de 2001, está estimada em 54 507 habitantes.

Este concelho é constituído por 31 freguesias: Aldeia de S. Francisco de Assis, São Jorge da Beira, Casegas, Sobral de S. Miguel, Ourondo, Erada, Paul, coutada, Barco, Peso, Vales do Rio, Cortes do Meio, Unhais da Serra, Tortosendo, Dominguiso, Boidobra, Ferro, Vila do Carvalho, Teixoso, Santa Maria, São Martinho, São Pedro, Conceição, Peraboa, Verdelhos, Sarzedo, Orjais, Aldeia do Souto, Canhoso e Vale Formoso.

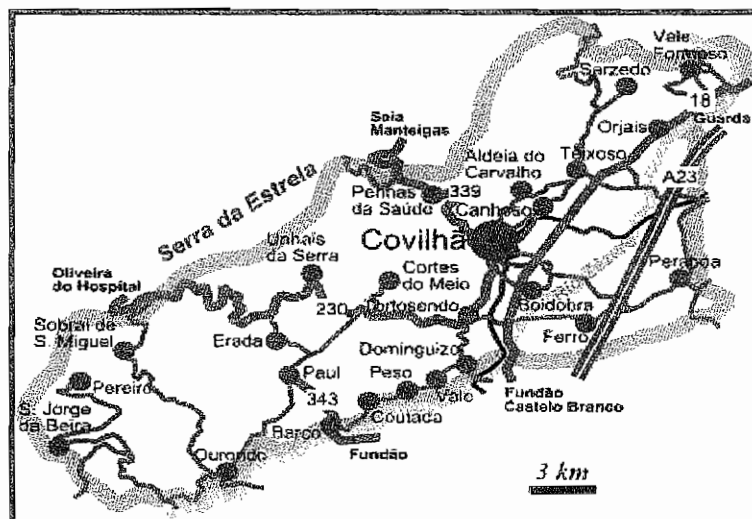


Fig. 2 – Mapa do Concelho da Covilhã.
in: <http://viajar.clix.pt/pt/dst3146.php?mg=1&lg=pt>

O topónimo da Covilhã está relacionado com uma lenda. Segundo esta, o Conde Julião, governador de Ceuta, teria permitido a passagem dos mouros, por vingança, pelo facto de que sua filha, Florinda, se ter enamorado por Rodrigo, o último rei dos Godos. Após a

morte deste, numa batalha contra Tariq, esta refugiou-se nos Montes Herminios e, pela sua astúcia e formosura, mereceu o respeito dos mouros e o nome de Cova. Seria o lugar de Cova Juliana ou Covaliana, donde resulta o nome da Covilhã.

Há ainda, quem diga que foram as condições em que a Covilhã se insere, com zonas de pastagens e refúgio do gado na Serra da Estrela que lhe deram o nome. Primitivamente conhecida por Covil da Lã, hoje chama-se Covilhã.

2.1.1. Breves notas históricas

A contiguidade com o rio Zêzere trouxe à Covilhã gentes dos mais diversos pontos do mundo. Gentes em busca de comércio que acabam por instalar-se na região devido às boas condições de subsistência.

Assim, as primeiras referências sobre a Covilhã apontam para o período Romano. Algumas escavações, na região, confirmam a existência de uma importante povoação romana. Encontram-se, um pouco por toda a parte vias romanas, inclusive na Serra, viradas para este, como forma de embargar o gelo.

Ponto de intersecção de estradas e caminhos, a Covilhã foi conquistada e reconquistada várias vezes. Os Mouros quase a destruíram por inteiro.

A vontade de defesa e organização por parte das gentes da Covilhã leva D. Sancho I, em Setembro de 1186, a conceder a Carta de Foral à mesma. Tornando-se capital do reino durante a Reconquista, muitas vezes o rei se instalou aqui com a sua corte. Finalizada a Reconquista a agricultura de subsistência torna-se insuficiente. D. Afonso III institui uma feira anual com a duração de oito dias. A feira realizava-se em Agosto. Depôs da festa de St.^a Maria. Também D. João I concede uma feira franqueada anual a realizar-se pelo S. Miguel e que se tem mantido até aos dias de hoje.

Neste período a habilidade para os lanifícios começa a adquirir forma. Os almocreves, vindos de Espanha, levam as lãs para Tomar. A «estrada da lã» como era conhecida na altura, passava pelo Paul, Casegas, Sobral de S. Miguel...

A Carta de Foral apontava para várias indústrias artesanais, abrangendo a dos lanifícios que abria o caminho a todos os que pretendessem instalar-se na região.

Assim, instala-se na Covilhã uma burguesia, cada vez mais forte incitadora de progresso, cobiça e riqueza.

Quando despontou o Renascimento, a Covilhã, era uma Vila em plena expansão populacional. A economia assentava ainda na agricultura, pastorícia, fruticultura e floresta. O comércio e a indústria, ainda que artesanais, estavam em crescente aperfeiçoamento. Gil Vicente cita «os muitos panos finos» da Covilhã. Os judeus detinham o capital e por isso dominavam o comércio e a indústria. Todas as ruas que davam para o Município exibiam casas com a porta larga e a porta estreita. Uma, a entrada da casa. A outra, a entrada para a oficina.

No tempo dos Descobrimento, a Covilhã participou com os impostos e potencial humano.

Frei Diogo Alves da Cunha participou na conquista de Ceuta em 1415 e Pêro da Covilhã enviava notícias de Moçambique a D. João II. Entre os missionários encontram-se o Beato Francisco Álvares, morto a caminho do Brasil; Frei Pedro da Covilhã, capelão na expedição de Vasco da Gama para a Índia e muitos outros que com a sua fé, levaram o nome da Covilhã a muitas partes do mundo.

Os irmãos Rui e Francisco Faleiro, cosmógrafos, tornaram-se célebres pelo conhecimento da ciência náutica.

Frei Heitor Pinto, Renascentista, é um dos primeiros portugueses a defender publicamente a identidade portuguesa.

Deve-se ao arquitecto Mateus Fernandes, Covilhanense, o projecto da porta da entrada para as capelas imperfeitas, no Mosteiro da Batalha.

2.1.2. Panorama Industrial

Após o ouro do Brasil, Portugal entrou em depressão económica. O Conde da Ericeira, D. Luís de Menezes, fundou a Fábrica – Escola na Ribeira da Carpinteira. Mandou vir técnicos de Inglaterra. Poucos anos depois, trabalhavam na cidade quatrocentos oficiais e dezassete teares.

A importância industrial da Covilhã fica marcada quando em 1764, o Marquês de Pombal instala na cidade a Real Fábrica de Panos, junto à Ribeira da Degoldra e mandou vir, do estrangeiro, tecedeiros e tintureiros.

A criação da Escola Industrial, por decreto do Ministério das Obras Públicas, publicado em 20 de Dezembro de 1864 é, exemplarmente, o sinal equívoco da importância da Indústria de lanifícios da Covilhã.

Em 20 de Outubro de 1870, D. Luís eleva a Covilhã à categoria de cidade baseando-se na sua população e riqueza.

A finalizar, há que lembrar que a Universidade da Beira Interior teve como um dos primeiros cursos a Engenharia Têxtil.

2.1.3. Covilhã Hoje

A Covilhã situa-se a 700 metros de altitude numa das vertentes da Serra da Estrela. Cingida pelas ribeiras da Carpinteira e Degoldra o que a deixa numa posição estratégica, com excelentes pastos para a criação de gado caprino, ovino e a tão conhecida manufactura de panos. Avultam na paisagem azenhas, moinhos de pão e fábricas que transformam a Covilhã no maior centro de indústria têxtil.

Existem dois parques industriais em actividade; a cidade dispõe de novas vias rodoviárias e uma Universidade que conta com um grande número de Licenciaturas assim como se regista um grande número de áreas de lazer, cultura e desporto.

A Covilhã é também um importante centro Turístico. José Aires da Silva (1996:171) refere que a Covilhã é uma “região privilegiada de turismo de montanha, especialmente se considerarmos que é o único centro de desporto de neve em Portugal.”

Mas, para além da neve, a Covilhã oferece ainda outros produtos turísticos como o montanhismo, campismo, caça, pesca e Sky.

A estes juntam-se também valores de ordem paisagística e patrimonial com destaque para os miradouros naturais, um quadro de casario a descer pela encosta; a imagem das antigas fábricas com feiras de janelas de guilhotina e altas chaminés, a Universidade da Beira Interior integrada nos velhos blocos da Real Fábrica de panos, o jardim público, o parque natural da Serra de Estrela e o Museu de Lanifícios.

É de referir, também, o equipamento hoteleiro composto por um grupo de hotéis, turismo de habitação e parque de campismo tão apreciados por gentes das grandes áreas urbanas, sedentos de ar puro, tranquilidade e contacto com a natureza.

Para aqueles que procuram os benefícios das termas esta região oferece cuidados nas Termas de Unhais da Serra, Caldas de Manteigas, Termas de Evendos e Termas de Monfortinho.

Toda a região da Covilhã oferece ainda aos seus visitantes plena ancestralidade e rusticidade no seu artesanato, folclore, romarias, festas, hospitalidade e generosidade humana.

O visitante, pode ainda, saborear um conjunto de sabores gastronómicos que começam pelo célebre queijo da Serra, feito de leite de ovelha e de sabor inconfundível acompanhado por um delicioso pão de centeio ou enchidos caseiros; e que passam pelos pastéis de carne, arroz de dobrada, cabrito assado, truta assada, feijão com chispe, maranhos e borolhões acompanhados pelo vinho da região. E terminar com uma melancia, pêra marquesa ou a cereja. Quanto aos doces, a região oferece doce de ovos, doce de morango e doce de abóbora.

A terminar a Covilhã é ligada por via aérea e ferroviária a Lisboa, servida pelo IP2, IP6, IC7 e A23, a Covilhã não tendo um papel de centralidade está, afinal, longe dos grandes centros.

2.2. A Freguesia de S. Jorge da Beira

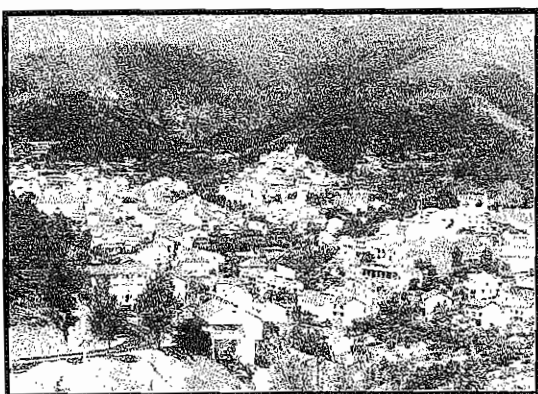


Fig. 3 - Vista parcial da Freguesia de S. Jorge da Beira (Cebola)

A freguesia de S. Jorge da Beira, localizada no concelho da Covilhã, abrigou os primeiros mineiros da Panasqueira e consagrou as suas encostas às primeiras explorações de minério. Ocupa, por isso, um papel de relevo na história mineira e depende dela, até hoje. Desta forma importa destacar, ainda que sumariamente, um pouco da sua história.

Situada a 50 Km de distância da Covilhã, S. Jorge da Beira (antigamente denominada por Cebola) situa-se no extremo sudoeste daquele concelho. Esta Freguesia é composta por quatro anexas: Cambões, Panasqueira, Vale da Cerdeira e Casal de St.^a Teresinha.

Esta freguesia viveu e vive da exploração mineira, forma mais primária de subsistência da região. A mina atravessou muitas crises conjunturais ao longo de mais de um século de existência. Lembre-se o caso do despedimento colectivo de 1991 e a não menos importante crise que atravessa actualmente.

Para além da exploração mineira restam a actividade florestal, a apicultura, a caça e a criação de gado caprino.

Actualmente, o decréscimo de actividade da Mina tem afastado a população da região e obrigado mesmo ao seu refúgio noutros locais.

A pouca agricultura praticada não vai mais além do cultivo para consumo próprio pois os terrenos de pequenas dimensões obrigam a uma cultura tradicional de enxada.

A indústria Têxtil de algumas aldeias vizinhas, como o Ourondo e Paúl, emprega algumas mulheres, porém as longas horas passadas na viagem de autocarro, por estradas degradadas e arriscadas provocam um grande desgaste físico e psicológico a quem as percorre diariamente.

S. Jorge da Beira possui alguns locais de interesse histórico-cultural como a Capela de N.^a Sr.^a de Fátima, Capela de St.^a Bárbara (na Panasqueira), Casa de Cinema e teatro (na Panasqueira), Jazigos mineiros (Panasqueira e Vale de Ermida) Casario com paredes em xisto, moinhos de água, lagar de azeite e um Museu Etnográfico.

Conta ainda com um Centro de Saúde e um Lar da Terceira Idade ou Centro de Dia e uma pousada (Casa da Ponte). A acrescentar ainda um ringue, um campo de futebol e um parque de merendas (Cambões).

Existe uma Associação Desportiva, um Corpo Nacional de Escutas e uma Banda Filarmónica.

S. Jorge da Beira conta com dois automóveis de aluguer, três cafés e três mercearias.

De realçar a gastronomia que faz as suas delicias com as couves e feijões e carne de Rez. O arroz doce, a tigelada e as filhós fazem parte da doçaria tradicional. O vinho é feito tradicionalmente em casa de cada um, bem como a aguardente de bagaço e de mel.

O artesanato está entregue a uma pequena oficina tradicional, onde se fazem gasómetros, antigamente usados no interior da mina como meio de iluminação e mesmo nas habitações antes do aparecimento da electricidade. Existe ainda, um sapateiro que confecciona tamancos de madeira e acomoda sapatos manualmente.

Entre outras festividades da região, realiza-se em Julho a Festa de Nossa Senhora das Dores também denominada por festa dos Mineiros.

2.3. Localização Geográfica do Couto Mineiro da Panasqueira

A província do couto mineiro da Panasqueira “...que se estende por uma vasta área pertencente a seis freguesias repartidas pelos concelhos da Covilhã, Fundão e Pampilhosa da Serra. É o maior jazigo de Tungsténio (volfrâmio) em toda a Europa, contendo ainda estanho, cobre e zinco. A exploração conheceu o seu auge durante a II Guerra Mundial. O espaço escavado para a extracção de minério ultrapassa os 250 km de extensão.”⁴¹ localiza-se nos “contrafortes sul da serra da Estrela, precisamente entre os maciços de S. Pedro do Açor e da Gardunha”⁴² ou seja, a ocidente da Cova da Beira; situado acima do vale do rio Zêzere, este representa a principal via de escoamento de todas as linhas de água da região e de onde provem a água necessária ao tratamento mecânico de todo o mineral extraído.

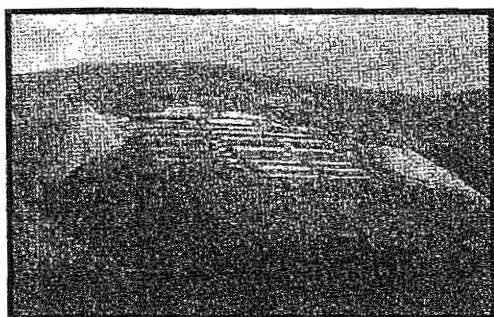


Fig.4 – Vista parcial da Panasqueira

A Panasqueira, origem da Empresa das Minas que hoje todo o mundo conhece pelo nome – Minas da Panasqueira –foi durante anos a sede principal da exploração mineira, passando posteriormente para a Barroca Grande (1944), até aos dias de hoje(2004).

O Couto Mineiro da Panasqueira “engloba três povoações, sendo a Barroca Grande o centro actual da exploração mineira que dista 30 Km do Fundão. As outras povoações são: -Rio, situada na margem esquerda do rio Zêzere e onde se encontra a lavaria de

⁴¹Moderna Enciclopédia Universal. (1987). Círculo de Leitores. Volume 14, Lisboa, 184.

⁴² Reis, A. C. (1971). As Minas da Panasqueira. Lisboa. Beralit Tin & Wolfram, LTD, 8.

apuramento final. – Panasqueira que foi no início centro de exploração e onde vivem ainda hoje muitas famílias.”⁴³

A Barroca Grande, povoação privativa das minas fica situada a 34 Km por estrada, da cidade do Fundão. É através desta cidade que se efectua, o escoamento de toda a produção e se recebem todos os abastecimentos indispensáveis à exploração. Ligado a Lisboa por estrada ou caminho – de – ferro, o Fundão é uma importante via de ligação ao porto de Lisboa, através do qual se efectua a exportação dos importantes concentrados de volframite da Panasqueira para os principais centros de consumo mundiais. (Antuérpia, Japão e EUA). A ligação com o norte do país é assegurada pela Pampilhosa da Serra por uma estrada de cerca de 29 Km.

A 756 metros de altitude, aninhada entre a serra da Estrela e a serra da Gardunha e “*em franca região xistenta, o acidentado da topografia conduz à formação de linhas de água profundamente cavadas que drenam todas as águas para o rio Zêzere*”⁴⁴, a Panasqueira goza de um clima frio, mas saudável.

Por entre vales suaves, de verde vestidos, aqui a videira, além os castanheiros ou o espectáculo da terra penteada de olivais abunda uma natureza cascalhenta e argilosa que impede o desenvolvimento agrícola. Este baseia-se apenas no reduzido cultivo de courelas situadas no fundo dos vales, deixando as encostas ao cuidado, dos medronheiros, da queiró, da mongariça, da giesta e das carquejas amarelas que sobrevivem por entre um farto pinhal. A espaços largos reúnem-se os casarios mineiros (S. Jorge da Beira, Panasqueira, Barroca Grande, Aldeia de S. Francisco de Assis e Rio), hoje cercados de montanhas de areia ocre amarelada circundadas por barragens de lodo.



Fig. 5 – Vista do casario mineiro da Barroca Grande.



Fig. 6 -Barragem de Lamas actual -Barroca Grande.

⁴³ O Mineiro. (Dez/ 1985) Descrição Sumária das Minas da Panasqueira, Portugal.

⁴⁴ Reis, A. C. (1971). As Minas da Panasqueira. Lisboa: Beralt Tin & Wolfram, LTD, 8.



Fig. 7 - Escombreiras - Barroca Grande

2.3.1. Origem do Nome

A serra, produtora de todo o mineral extraído das Minas da Panasqueira, era coberta de queiró, mongariça, giesta, carquejas e verdes pinheiros. Devido à origem cascalhenta do solo, a agricultura era quase impossível, tornando-se assim, necessário aproveitar todas as dobras das vertentes das serras. É nesse sentido, que o povo de Cebola (actualmente, S. Jorge da Beira), onde quer que corresse água, inicia a construção de pequenas courelas cercadas de muros de pedra, que produzissem batatas e milho.

Surgem assim, nestas dobras das vertentes das serras três vales –Madorrada, Vale Torto e Panasqueira- aproveitados em courelas, vestidas de batatas, milho, árvores de fruto, oliveiras e castanheiros.

A pequena propriedade da Panasqueira era assim chamada, possivelmente devido à fartura da erva «Panasco»⁴⁵ que provém de terrenos onde se plantou centeio.

Manuel Vaz Leal, refere que foi na Panasqueira “*que se iniciaram os trabalhos de exploração de minério e que se fez a primeira lavaria, aproveitando a água de duas fontes que nesse campo regavam bons lameiros que havia, e que ainda hoje alimentam os tanques dos motores que já há muitos anos ali foram montados.*”⁴⁶

Assim, quando se iniciou a procura do volfrâmio, o povo denominou a primeira mina de «*Minas da Panasqueira*».

⁴⁵ “*Planta vivaz cespitosa da família das Gramineas. É espontânea nos lameiros, arrelvados e terras cultivadas ou incultas. Pelo seu valor forrageiro entra frequentemente na constituição de prados temporários ou permanentes pastagens.*”in: Moderna Enciclopédia Universal. (1987). Círculo de Leitores. Volume 14, Lisboa, 184.

⁴⁶ Leal, M. V. (1945). As Minas da Panasqueira. Vida e História – Ano de 1945. Lisboa: Portugália Editora, 19.

À medida que a exploração e pesquisa iam crescendo, a propriedade do lugar chamado Panasqueira desapareceu, mas o nome ficou sempre associado às Minas.

Os trabalhos mineiros prosseguiram, mais tarde, na Barroca Grande e no Rio (construção de uma grande lavoura na margem esquerda do rio Zêzere) mas o nome resistiu a todas as mudanças. Já há mais de um século que em todo o mundo lhe chamam – Minas da Panasqueira.

2.3.2. Notas históricas – Como principiaram as Minas

Dizem os mais velhos que os Romanos e os Mouros exploraram cassiterite nesta região. Porém os vestígios são muito escassos e insignificantes para atribuir uma exploração intensiva na região.

Por conseguinte, a natureza do solo acidentado poderá ter facilitado o aproveitamento dos aluviões depositados no fundo dos vales. Verificou-se ainda, a existência de pequenos outeiros de volframite, derivados do fraccionamento da cassiterite.

Em S. Jorge da Beira, abundam galerias que datam da época da dominação árabe, são os casos do «Vale de Ermida», «Fontes Casinhas» e «Courelas». Nesses locais foram encontrados pequenos outeiros de volfrâmio que eram desaproveitados da separação do estanho.

Os proprietários dos terrenos onde se encontravam as galerias, ainda, extraíram boas quantidades de volfrâmio nos anos 50.

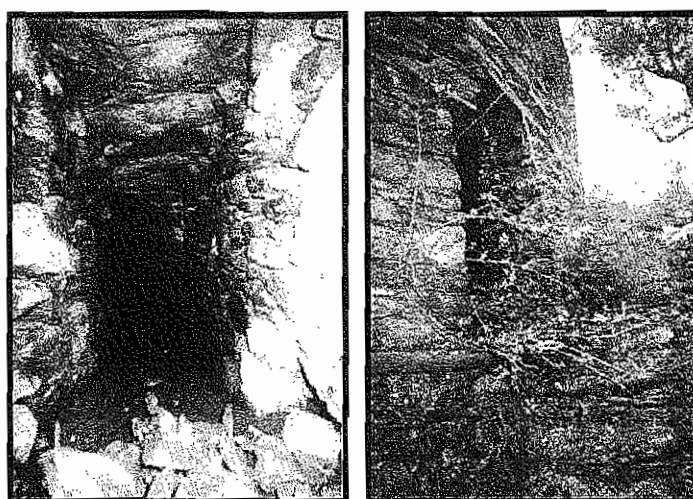


Fig. 10 – Minas de árabes – S. Jorge da Beira

Porém, só há registo de explorações em 1888 num livro que tem por nome CATÁLOGO DESCRITIVO DA SECÇÃO DE MINAS, Grupo I e II, Coordenado sob a Direcção de JOSÉ AUGUSTO C. DAS NEVES CABRAL. Lisboa. IMPRENSA NACIONAL.1889.

Este livro fala de Minas de Volfram em Castelo Branco, referindo: *“Ultimamente tem-se descoberto alguns jazigos de volfram (tungstato de ferro) sem que por enquanto se note a presença do estanho de que aquele minério é companheiro inseparável e ao qual está quase sempre associado.*

O Volfram tem hoje um bom preço no mercado, porém ainda não há muitos anos era considerado como ganga sem valor e lançado aos entulhos nas Minas de estanho, actualmente a sua aplicação faz-se cada vez em maior escala, tanto na indústria do ferro como na do aço.

Há pouco tempo descobriram-se novas aplicações do volfram que lhe aumentarão mais o consumo, entre estas figura a da fabricação do tungstato de soda para tornar combustíveis as telas empregadas nos teatros.

A Mina da Panasqueira, n.º 181, está situada a 1,5 quilómetro do lugar de Cebola e as uns 46 da Covilhã. O solo da localidade é constituído em geral por xistos que se devem atribuir ao período cambriano, segundo a carta geológica, e que estão interstratificados com grauwakes. O jazigo é um filão com rumo N.48ºE. e inclinado 15º para NO, tendo uma possança de 0m,30 e sendo constituído pelo quartzo e volfram.

A Mina do Cabeço do Pião, n.º 182, está situada a 20 quilómetros quasi a E. do Fundão. O terreno é constituído pelo xisto cambriano bastante contorcido e afectando orientações diversas. O filão segue o rumo N.23º O. inclina 50 a 60º para O. e tem a possança média de 1m,00. É cheio pelo quartzo impregnado de volfram e bastante mica.”⁴⁷

A zona abrangida pela mina era coberta de medronheiros, de queiró, mongariça, giesta, carquejas e pinheiros, onde vinham os carvoeiros fazer carvão que depois iam vender ao Fundão e à Covilhã. Diz-se que um destes carvoeiros – o Pescão de Casegas, encontrou uma pedra numa das covas onde se queimavam as torgas para o carvão. Manuel Vaz Leal (1945:23), refere que se tratava de uma *“pedra negra e luzidia”* que pelo seu elevado peso em relação à reduzida dimensão lhe chamou a atenção. Ao visitar o seu amigo, Manuel dos Santos, natural da Barroca do Zêzere, decidiu oferecer-lhe a tão preciosa pedra. Este ocorreu ao local para ver com os seus próprios olhos as pedras pretinhas e brilhantes.

Homem de negócios e aventuras deslocou-se a Lisboa, a fim de reunir com o Eng.º Silva Pinto, Professor de Mineralogia na Universidade de Lisboa, para juntos analisarem as amostras das pedras.

⁴⁷ Leal, M. V. (1945). As Minas da Panasqueira. Vida e História – Ano de 1945. Lisboa: Portugália Editora, 20-21.

Ao regressar de Lisboa, mercou um bom terreno ao João Francisco e Manuel Antunes Sapateiro, da freguesia de Cebola (hoje S. Jorge da Beira). Construiu uma pequena casa e logo, começou a juntar todo o minério que pode, com a ajuda de algumas pessoas. Até os pastores lhe vinham trazer todo o minério que encontravam. Manuel dos Santos comprava as pedras a vintém (20 réis=2 centavos) e a pataco (40 réis); as maiores, que chegavam a transportar às costas, por três tostões.

Entrementes, o Eng.º Silva Pinto chegou à Panasqueira e ao constatar a abundância de volfrâmio comprou todo o terreno e minério ao Sr. Manuel dos Santos, pela bela quantia de 7.500\$00 com a finalidade de ele mesmo explorar tamanha riqueza.

Inicia-se assim, a lavra nas que viriam a ser uma das minas de volfrâmio mais importantes da Europa e as de melhor qualidade deste minério no velho continente.

Parece assim, diz A. Cláudio dos Reis, as Minas da Panasqueira *“terem resultado os primeiros registos em nome daquele engenheiro e mais tarde, em 25 de Novembro de 1898, a publicação de um alvará de concessão no «Diário do Governo» a favor da «Sociedade de Minas de Wolfram em Portugal por firma e Almeida, Silva Pinto & Comandita, Exploradora de Minas de Wolfram existente no Fundão e Covilhã, com sede em Lisboa.”*⁴⁸

Esta autorização Governamental constituiu a primeira legalização da concessão de exploração destas minas, que atingiram uma dimensão de enorme factor económico e social. Pertenceram a particulares, a banqueiros e a empresas nacionais e estrangeiras, nomeadamente Inglesas e atravessaram, como todas as empresas, épocas de desenvolvimento alternadas com épocas de crise.

Por volta de 1911, refere Manuel Vaz Leal, nas Minas da Panasqueira existiam *“onze concessões de minas nas freguesias de Cebola (hoje chamada S. Jorge da Beira e Bodelhão (hoje chamada Aldeia de S. Francisco de Assis) do concelho da Covilhã e na freguesia de Silvares, do concelho do Fundão; vinte e quatro talhões de terra, cobrindo uma área de 125 hectares, os edificios situados nos seus próprios terrenos, transferindo simultaneamente os direitos derivados dos registos ou manifestos das Minas de Wolfram e os arrendamentos a prazos de várias propriedades de terra.”*⁴⁹

Após o fim da 1.ª Grande Guerra, em 1918, as Minas da Panasqueira paralisaram quase por completo durante dois anos e depois reabriram. A procura de volfrâmio aumentou e foram admitidos trezentos operários. Porém, em 1923 verifica-se uma nova paralisação e em 1926 as explorações de volfrâmio são suspensas por completo devido à falta de cotação. Desta

⁴⁸ Reis, A. C. (1971). As Minas da Panasqueira. Beralt Tin & Wolfram, LTD. Lisboa, 7-8.

⁴⁹ Leal, M. V. (1945). As Minas da Panasqueira. Vida e História, 26-27.

forma, aumentam os trabalhos de exploração de estanho, nos lugares do Vale das Freiras, Barroca Grande e Alvoroso, tendo, por isso aumentado a admissão de pessoal.

Em 1928, a Companhia Wolfram Mining and Smelting, que em 1910 havia comprado as minas ao conde de Burnay, admitiu a entrada de novos accionistas e a empresa passa a chamar-se de «Beralt Tin & Wolfram Limited». Direccionada para a exploração de volfrâmio, constrói a grande lavaria do Rio (Cabeço do Pião) e um forno para a transformação do estanho.

Os preparativos da 2.^a Grande Guerra, (1934) proporcionam ao volfrâmio um aumento de cotação.

O Eng.^o George Alfred Smith assume o cargo de director até 1946. É durante estes anos que as Minas da Panasqueira conhecem um período de grande prosperidade tendo este período ficado conhecido como a «época do volfro»: *“durante a II Guerra Mundial as minas chegaram a empregar milhares de pessoas e para fixar mineiros e suas famílias a empresa concessionária, a Beralt Tin & Wolfram, do grupo Minorco, construiu casas, escolas, hospital, piscinas, complexo desportivo, clubes recreativos”*⁵⁰

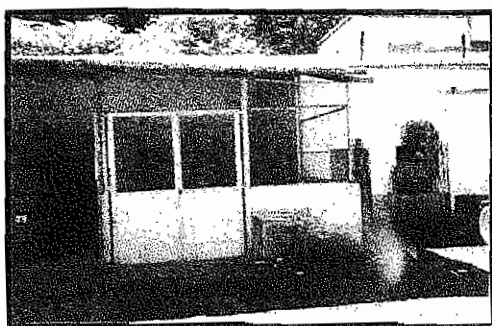


Fig. 11 -Entrada da mina - 2ª Guerra Mundial - 1948

Em 1934, as minas empregam 750 trabalhadores, em 1942 chegam aos 2.000 e em 1942 há registo de 5.790. *“ O nome das Minas (...) chega agora a todos os recantos de Portugal, e das aldeias mais pitorescas e risonhas do Minho até aos povoados mais branquinhos e alegres do Algarve, das vilas e cidades mais populosas da Beira, de toda a parte chegam centenas e centenas de operários e artistas em busca de sustentação e do trabalho”*⁵¹, afirma o P.e Manuel Vaz Leal, capelão das Minas.

Porém, surge uma nova crise em Junho de 1944, e regista-se uma paralisação das actividades mineiras. A publicação do decreto n.º 33.707 proibia toda e qualquer exploração e exportação de volfrâmio, originando o encerramento das minas, mantendo apenas os obreiros suficientes à sua manutenção. Permanecendo inactivas até 1946, as consequências

⁵⁰ Panasqueira aprende a viver sem as minas. (25.10.1998). *Correio da Manhã*, 7.

⁵¹ Reis, D.; Fernando. P. N. (1979). A Guerra da Mina. Os mineiros da Panasqueira. A regra do Jogo, Edições, 103.

para a região foram desastrosas. Face uma agricultura deficiente e à ausência de indústrias a população vê-se obrigada a emigrar à procura de novas formas de vida.

Em 1964, a Guerra do Vietname proporciona a subida do preço do volfrâmio porém, as crises foram aumentando até aos nossos dias. Em 26 de Julho de 1973 em Lisboa, é assinada uma escritura de constituição da Sociedade Beralt Tin & Wolfram (Portugal) S.A.R.L., ou seja, foi considerada a Beralt Companhia Portuguesa passando o Banco Nacional Ultramarino a fazer parte do grupo de accionistas.

Em 1994 regista-se uma nova paralisação *“alegradamente por o preço do volfrâmio no mercado Internacional não compensar a sua extracção”*⁵² e a população activa teve de procurar ganhar vida longe da terra. Registou-se assim muita emigração para França, Alemanha e Luxemburgo e até mesmo para os túneis do metro e construção de estradas.

Dez meses após o encerramento das minas, a Beralt, torna-se propriedade do grupo económico, Avocet Ventures que procedeu à sua reabertura, admitindo pouco mais de uma centena dos antigos mineiros. «Era o renascer das cinzas».

Contudo, *“com uma concorrência chinesa cada vez mais feroz, a exploração de volfrâmio nas minas da Panasqueira parece ter o destino traçado”*.⁵³ Acentuam-se as dificuldades devido às baixas da cotação do volfrâmio nos mercados internacionais.

Os acidentes de trabalho, a silicose, a falta de segurança e os salários reduzidos constam de uma lista de factores que afastam os actuais mineiros e os possíveis interessados na profissão.

Empregando actualmente (Abril de 2004) 212 trabalhadores, a empresa produz 120 toneladas de concentrados de volfrâmio e estanho mensalmente. Esta matéria-prima é depois exportada para os Estados Unidos, Espanha, Reino Unido e Japão. Os concentrados de estanho e cobre são vendidos à indústria nacional.

A última crise e a recente reabertura da mina mereceram a seguinte análise: *“Segundo responsáveis da BTW, as Minas da Panasqueira vivem uma situação muito difícil, com custos de produção bastante superiores aos preços concorrentes do mercado, o que provocou a impossibilidade de efectuar vendas, sendo urgente o aparecimento de contratos para que as minas possam sobreviver a mais uma ameaça de encerramento, uma situação longe de ser inédita nos quase cem anos de história desta exploração.”*⁵⁴ O que significa que o futuro da mina está comprometido, ciclicamente a história repete-se! Sucessivos encerramentos e reaberturas...

⁵² Panasqueira aprende a viver sem as minas. (25.10.98). *Correio da Manhã*, 7

⁵³ Loureiro, C. (25/07/2003). É preciso livrar as minas da morte. *Notícias da Covilhã*, 11

⁵⁴ Minas da Panasqueira com futuro incerto. (16/02/ 2004). *Diário de Notícias*, 5.

3. GEOLOGIA DO JAZIGO DA PANASQUEIRA

“Estes vales profundos e estas cumiadas, subindo a custo até à Serra da Estrela, fazem-nos pensar nos grandiosos e incomensuráveis esforços que os produziram.”⁵⁵

(Manuel Vaz Leal)

Enquadradas numa região dominada por formações sedimentares, as Minas da Panasqueira situam-se sobre a imensa mancha do complexo xisto-gresoso das Beiras, do Proterozóico suerior e Câmbrico (ver anexo IV). É uma zona, onde ocorre um número elevado de manifestações eruptivas e básicas.

Estes terrenos foram cobertos por mares, que, por sedimentação, deram origem aos xistos argilosos das Beiras.

Mais tarde, muitos milhões de anos mais tarde, grandes paroxismos transformaram o relevo. O magma penetrou as rochas sedimentares que, gastas pela erosão, originaram como refere Neftali da Costa Fonseca *“dois grandes maciços graníticos”⁵⁶*, o da Serra da Estrela e o do Fundão.

Aparecem ainda, na zona do Couto Mineiro, afloramentos de pequenos filões estéreis verticais, aos que a população chama de filões de «seixo bravo» (ver anexo V).

Este terreno é classificado como *“profundamente erodido”* com nítidos vales em V. É uma zona que apresenta imensas linhas de água, sendo a mais importante a do rio Zêzere.

O resultado desta enorme actividade química e tectónica, em que o magma fundido violenta a crosta terrestre, é a libertação de gases e vapores que trespassam as fendas das rochas e forçando até à sua penetração, são os conhecidos filões.

Foi neste ambiente que o jazigo da Panasqueira se desenvolveu.

Constituído por um vasto «campo filoniano» (ver anexo VI) o jazigo, como aponta Cláudio Reis é *“formado por inúmeros filões quartzosos mineralizados sub-horizontais.”*



Fig. 10- Aspecto de um afloramento

⁵⁵ Leal, M. V. (1945). As Minas da Panasqueira. Vida e História – Ano de 1945. Lisboa: Portugália Editora, 74.

⁵⁶ Fonseca, N. C. (1943). Notas sobre o Jazigo de volfrâmio da Panasqueira. Bol. Soc. Geológica de Portugal, Vol. III – Fase. I e II, 103.



Fig. 11- Aspecto de um filão



Fig. 12- Aspecto de um filão

*Com possanças muito variáveis que raramente ultrapassam 1,00m. Os pendores médios vão de 5 a 12° embora acidentalmente possam atingir valores dos 30 e 40°.*⁵⁷

O Prof. Jones atribui estes fracos pendores “à predominância da componente horizontal das pressões estabelecidas nas rochas no momento da formação das fracturas que pouco depois viriam a ser preenchidas pelas soluções mineralizantes.”⁵⁸

Décio Thadeu refere que um filão “é sempre constituído por uma série de lenticulas com pendor e direcção semelhantes.”⁵⁹ À distância entre filões, diz Cláudio Reis “pode variar de alguns centímetros até 2m e por vezes mais.”⁶⁰

Estas lenticulas terminam em estreitamentos designados por «rabo de enguia»

⁵⁷ Reis, A. C. (1971). As Minas da Panasqueira. Lisboa: Beralt Tin & Wolfram, LTD, 9.

⁵⁸ Jones, W.R. (1936). Report on the Beralt Tin & Wolfram Mining Area, Portugal. Relatório não publicado.

⁵⁹ Thadeu, D. (1951). Geologia do Couto Mineiro da Panasqueira. «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», Lisboa, 32, 1ª Parte, p. 16.

⁶⁰ Reis, A. C. (1971). As Minas da Panasqueira. Lisboa: Beralt Tin & Wolfram, LTD, 12.

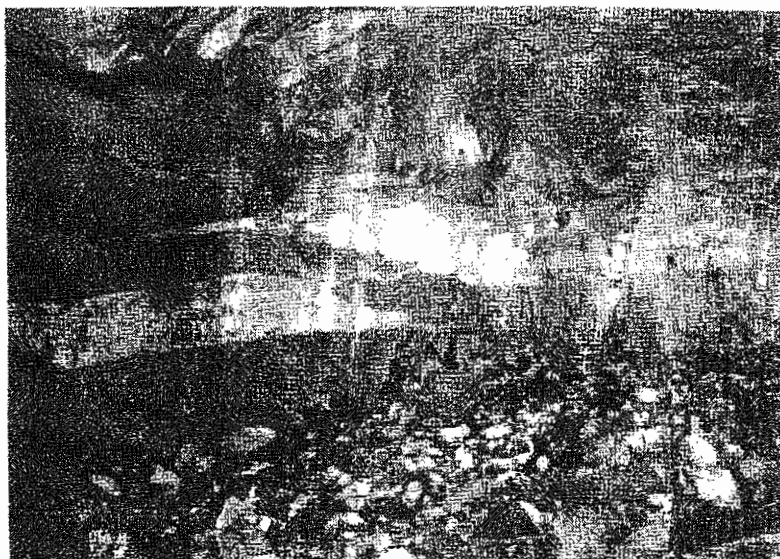


Fig. 13 – Aspecto de um Filão “Rabo de Enguia”.

Segundo Neftali da Costa Fonseca a constituição mineralógica dos filões compreende: “*Quartzo, arsenopirite, pirite, volframite, cassiterite, apatite, calcopirite, calibite, calcite, molibdenite, ouro, galena, dolomite, blenda e berilo.*”⁶¹ É de referir que o quartzo é o mineral mais abundante.

Actualmente são extraídos no jazigo da Panasqueira quartzo, volframite, calcopirite (de onde provém o cobre), cassiterite (de onde provém o estanho), arsenopirite, blenda, apatite, siderite, marcassite, pirite, calcite, mica branca e galena.

Geralmente as lenticulas do filão apresentam um aspecto uniforme. A volframite tende a concentrar-se nos bordos das lenticulas.

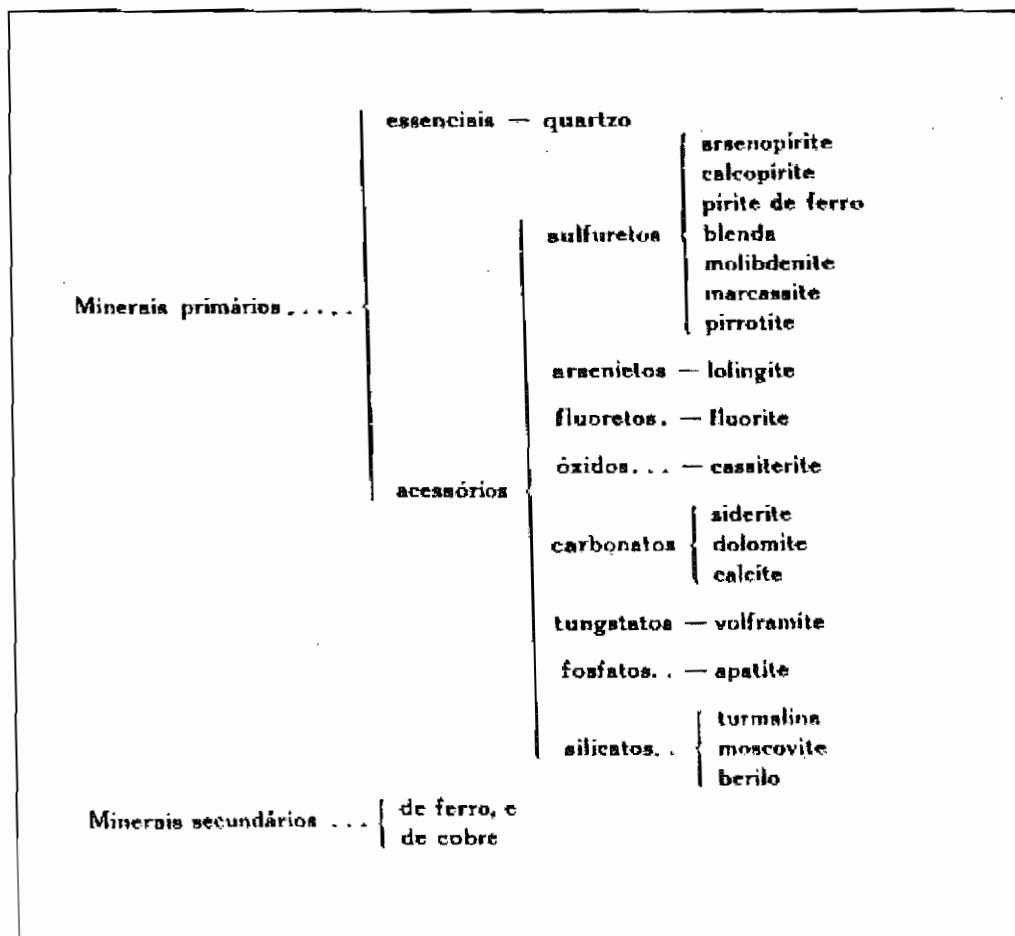
Neftali da Costa Fonseca fala da ocorrência de “*ninhos de cristais*”⁶² no seio do filão e frequentemente no contacto com a rocha encaixante. Nestes filões observam-se cristais de quartzo com cerca de 0m,60 de comprimento e agregados de cristais de volframite com mais de 4 quilos (por vezes cristais perfeitos, mas raros).

Em tempos, surgiram, em virtude da exploração de aluviões «nuggets» de ouro na ribeira de Cebola (actualmente S. Jorge da Beira).

⁶¹ Fonseca, N. C. (1943). Notas sobre o Jazigo de volfrâmio da Panasqueira. Bol. Soc. Geológica de Portugal.; Vol. III – Fase. I e II, 105.

⁶² Fonseca, N. C. (1943). Notas sobre o Jazigo de volfrâmio da Panasqueira. Bol. Soc. Geológica de Portugal.; Vol. III – Fase. I e II, 107.

Décio Thadeu agrupa os minerais dos filões que constituem o campo filoniano do seguinte modo⁶³:



De toda a mineração atrás indicada, a exploração apenas aproveita a volframite, a cassiterite e pirites, pois grande parte dos outros constituem apenas curiosidades mineralógicas ou, por outro lado, não possuem valor comercial. É o caso da arsenopirite. Um mineral muito abundante no jazigo da Panasqueira.

Quanto à paragénesis do jazigo da Panasqueira Waldemar Lindgren (1933) classifica o jazigo de “hipotermal”. A turmalina indica alta temperatura; a mica e a apatite, pelos mineralizadores que contêm, indicam alta pressão.

Mais tarde o Prof. Décio Thadeu refere que o “campo filoniano está nitidamente relacionado com a intrusão granítica da Beira Baixa. Temos de atribuí-lo à diferenciação

⁶³ Thadeu, D. (1951). Geologia do Couto Mineiro da Panasqueira. «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», Lisboa, 32, 1ª Parte, 19.

*do magma que originou a intrusão. Embora se deva admitir a existência dum período pneumatolítico, o campo filoniano foi essencialmente formado por soluções hidrotermais que, tudo leva a crer, foram alcalinas.”*⁶⁴

3.1. Uso dos Minerais no Quotidiano

*“Além de dar uma têmpera especial aos aços, utilizam-no os alemães, ao que consta, como catalizador na produção da gasolina sintética”.*⁶⁵

(Aquilino Ribeiro)

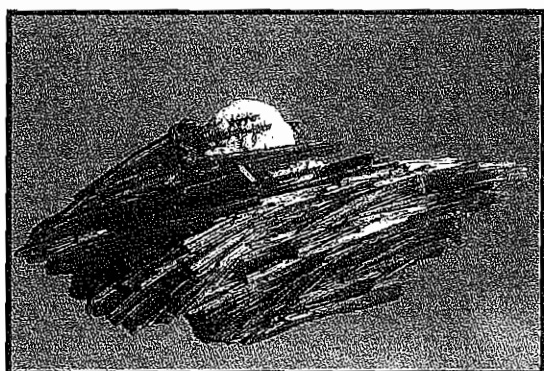


Fig. 14 – Volfrâmio extraído nas Minas da Panasqueira

Nas Minas da Panasqueira são extraídos a cacitrite, que dá o estanho, calcopirite, que dá o cobre e volfrâmite que dá o tungsténio constitui o grande filão em exploração. A utilização do tungsténio abarca inúmeras utilizações. Porém, e por se tratar de um elemento de enriquecimento de outros elementos como o aço, foi muito utilizado na 2.^a Grande Guerra, e posteriormente foi sendo substituído pelo urânio empobrecido e pelo chumbo. Estes

⁶⁴ Thadeu, D. (1951). Geologia do Couto Mineiro da Panasqueira. «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», Lisboa, 32, 1ª Parte, 39.

⁶⁵ Ribeiro, A. (1985). – *Volfrâmio*: Romance. Lisboa: Bertrand Editora, 37.

materiais apresentam custos mais baixos mas com implicações mais graves no nível ambiental.

Segundo descreve José Jorge Álvares Pereira no seu livro «Riquezas mineralógicas de Barroso e sua história», o “nome de volfrâmio deriva do alemão Wolf (lobo) e rahm (espuma), isto é, o lobo que comia o estanho e espuma ou escória que ficava da fusão”. O volfrâmio ou tungsténio são metais cujos principais minérios são a volframite e a scheelite. Só em 1855, quase conjuntamente, Oxland e Mushet registaram patentes para a aplicação do volfrâmio em ligas com o ferro e aços. Em 1900 causaram grande impacto as ferramentas de aço a tungsténio apresentadas na feira de Paris. Daí em diante o seu uso foi rapidamente aproveitado na fabricação de aços rápidos e outros de larga aplicação em diversos domínios, com grande incidência no material bélico e ferramentas de corte. O tungsténio metálico, após largos e variados estudos para o tornar maleável e dúctil, aplicou-se vantajosamente no fabrico de filamentos de lâmpadas eléctricas. Hoje tem grande aplicação em vários domínios industriais, incluindo o revestimento das cápsulas espaciais dado o seu alto ponto de fusão (superior a 3000°C). Alguém, e com razão, lhe chamou o metal do século XX, pois actualmente utiliza-se em diversos domínios desde as esferas das canetas esferográficas, lâminas de barbear, contactos eléctricos especiais, ferramentas diversas, até às culatras dos canhões e aços dos blindados...

3.2. Zonas Mineralizadas do Jazigo da Panasqueira

Segundo os autores Cláudio Reis e Décio Thadeu, em toda a região abrangida pelo Couto Mineiro da Panasqueira são (situação que escasseia de dia para dia) abundantes afloramentos de filões quartzosos mineralizados por volframite e cassiterite.

Existem ainda, registos de zonas onde a mineralização não apresenta interesse económico e os filões escasseiam. Assim o estudo de todos os afloramentos e filões desmontados nas áreas subterrâneas conduziu à delimitação de zonas mineralizadas quer em volframite quer em cassiterite.

Segundo o Prof. Jones (1936) podiam considerar-se as seguintes zonas (estas considerações foram apenas de ordem geográfica):

- a) *Panasqueira;*
- b) *Vale das Freiras e Vale de Ermida;*

- c) *Barroca Grande*;
- d) *Corga Seca e*
- e) *Alvoroso* ⁶⁶

Posteriormente, o Eng.º Avelar Barbosa (1944) estabeleceu quatro zonas (estas considerações foram baseadas em acidentes tectónicos):

- a) *Panasqueira, Barroca Grande, Cambão – Corga Seca e Alvoroso*;
- b) *Rebordões (encosta W) e Barroco Fundo (a poente da falha principal)*;
- c) *Vale das Freiras, Vale de Ermida e Fontes Lameiras*;
- d) *Cabeço do Pião.* ⁶⁷

Mais tarde, apoiado em dados de ordem morfológica, mineralógica e tectónica, Décio Thadeu (1951) estabeleceu uma classificação adoptada e confirmada pelos trabalhos mineiros. As zonas definidas pelo Prof. São as seguintes (ver anexo III):

- a) *Panasqueira e Barroca Grande*;
- b) *Corga Seca, Alvoroso, Veia Branca e Giestal*;
- c) *Lomba da Cevada*;
- d) *Rebordões e Seladinho*;
- e) *Fonte das Lameiras*;
- f) *Vale das Freiras e Vale de Ermida*;
- g) *Cabeço do Pião.* ⁶⁸

O conhecimento destas zonas é de relevante para a condução dos trabalhos de sondagem e preparação do jazigo com vista a obtenção de reservas.

4. EXPLORAÇÃO

A exploração iniciou-se no afloramento de alguns filões provocados pela erosão, entre os lugares de Cebola (actual S. Jorge da Beira) e Panasqueira. Até 1944 a Panasqueira deteve o

⁶⁶ Jones, W.R. (1936). –Report on the Beralt Tin & Wolfram Mining Area, Portugal. Relatório não publicado.

⁶⁷ Barbosa, A. A. (1944). Algumas notas sobre o campo filoniano da Panasqueira. Técnica, nº 150, Lisboa, 15.

⁶⁸ Thadeu, D. (1951). Geologia do Couto Mineiro da Panasqueira. «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», Lisboa, 32, 1ª Parte, 40

centro da exploração, mas o esgotamento do jazigo obrigou à transferência dos trabalhos para a aldeia da Barroca Grande até aos dias de hoje. No centro mineiro encontram-se ainda, a Lavaria de pré-concentração e todos os serviços de apoio à respectiva indústria.

4.1. Horário da Mina

Actualmente a exploração da mina funciona em dois turnos das 7h00m às 15h00m e das 15h00 às 23h00m. Os mineiros trazem o almoço já preparado de casa e dispõem apenas de meia hora para almoçar. A refeição realiza-se no interior da Mina num local destinado para esse efeito.

4.2. Equipamento Mineiro

O equipamento mineiro é composto por um fato de macaco de cor azul, galochas, protecção auricular, luvas, óculos, máscara, pilha e capacete.

4.3. Troço da Mina

O jazigo da Panasqueira encontra-se a 620m acima do nível do mar e a 200m de profundidade da superfície. Actualmente as explorações encontram-se a 470m acima do nível do mar e o ponto mais profundo atinge os 1080m no Pico do Chiqueiro.

4.4. Trabalhadores

Actualmente as Minas empregam 88 mineiros nos trabalhos subterrâneos auxiliados por pessoal das manutenções eléctricas e mecânicas, bem como os técnicos dos gabinetes de topografia e geologia. A estes juntam-se os trabalhadores das operações de instalação e transformação do produto – lavaria – que operam no exterior, como os administrativos, a contabilidade e o pessoal de limpeza o que faz um total de cerca de 122 trabalhadores (Abril de 2004) (ver anexo VII).

4.5. Um Dia na Mina

Seis horas e quarenta e cinco minutos: encetam no alvorecer os primeiros mineiros⁶⁹. Estamos à porta da mina nos Rebordões. Os minutos seguintes são escassos para um "Bom Dia", entre companheiros, e uma corri dela aos balneários. À saída um amontoado de homens, todos vestidos " com macacos de cor laranja, uma máscara, luvas, óculos, protector de ouvidos, botas de borracha, um capacete preto e uma pilha na cabeça"⁷⁰ deixam adivinhar o negrume da mina.

Sete horas: à entrada da mina um "Machimbombo"⁷¹ transportará os mineiros a 200 m de profundidade por um número inacabável de galerias.

Sob o olhar atento de Santa Bárbara embutida numa das paredes xistosas da entrada da mina, o "machimbombo" abandona a superfície e dirige-se para o interior.

Uma rampa escura e húmida parece Ter fim junto de uma mesa de madeira. Os mineiros descem do "Machimbombo" e colocam a "bucha" sobre a mesa. É neste local que o Encarregado⁷² distribui o pessoal e o material. E num minuto os mineiros desaparecem por entre o escuro como toupeiras. Apenas se vêm pela luz que seguram na cabeça.

Começa o trabalho: Há que regar as frentes com mangueiras e escombrar. "As Padjadoras fazem o expurgo do corte e levam o cascalho para as chaminés. Com a frente limpa os "boomers tam rock" e "atlas copco" encarregam-se do trabalho de furação:

" cada furo leva um cartucho de gelamonite com respectiva cápsula fulminante ou respectivo detonador. Depois dois terços do furo são enchidos com anfo e de seguida fazem-se todas as ligações. Entre a meia-noite e uma da manhã os carregadores,⁷³ provocam os rebentamentos. "⁷⁴

Seguidamente há que retirar o produto dos rebentamentos. Este trabalho implica:

2. Retirar o cascalho das chaminés;
3. Subir o cascalho para o nível dois;
4. Subir o cascalho para o nível dois (poço Eng.º Cláudio dos Reis);
5. Descarregar esse cascalho naquela chaminé onde (por baixo) há um quebrador primário (malha de 15 cm) e;

⁶⁹ De uma forma geral chamam-se Mineiros a todos os trabalhadores que cumprem a sua actividade nos trabalhos subterrâneos.

⁷⁰ Duarte, Z. (22.07.2003).

⁷¹ Machimbombo é o nome popular para designar um tractor com atrelado.

⁷² Distribui o pessoal e o material, fiscalizando a boa execução dos trabalhos.

⁷³ Pessoa que prepara as cargas explosivas, o carregamento dos furos da mina e o disparo.

⁷⁴ Camba, Z. (22.07.2003).

6. *Encher a correia transportadora (tela que vem até à superfície e estabelece a ligação com a lavaria).*

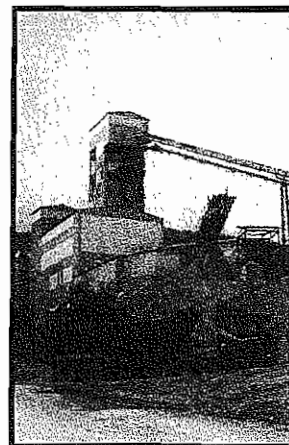


Fig. 15 - Lavaria.



Fig. 16 - Entrada da Mina actual - Rebordões.

Metalurgia

Logo após a quebragem, “o minério bruto é crivado de modo a separá-lo em duas fracções –a mais grossa e tratada por Separação Hidrogravítica, usando “ciclones” e como meio denso ferro –silício; A fracção fina é tratada por meio de mesas.”⁷⁵ Operações que apartam estéreis na relação de 90% do total, sendo o restante enviado para que se efectuem as operações de concentração final. (Ver anexo VIII)

⁷⁵ Rodrigues A.P. (16.01.1984). Minas da Panasqueira. Departamento de Geologia, 3. (relatório não publicado)

Fig. 17 – Tratamento do minério.

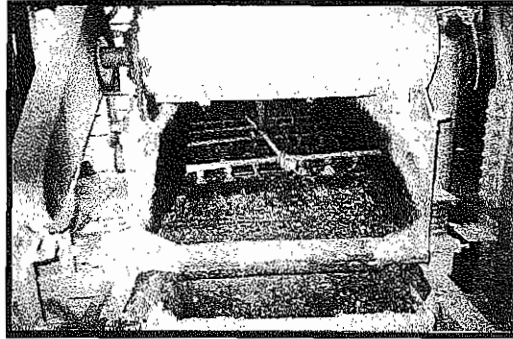


Fig. 18 - Tratamento do minério.

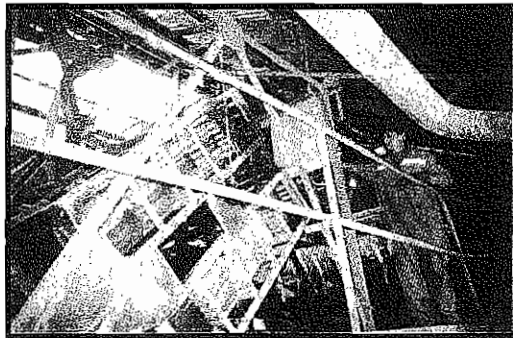


Fig. 19 – Embalagem de concentrados.



5. TRABALHOS DE PROSPECÇÃO E RECONHECIMENTO DO JAZIGO

5.1. Prospecção

A prospecção inclui as pesquisas geológicas e mineiras destinadas a descobrir e reconhecer novos filões no jazigo. Para esse efeito “encontram-se em trabalho permanente 5 sondas de superfície –Joy HD-22 e Longyear 44.”⁷⁶

Os testemunhos, recolhidos por estas sondas são, posteriormente submetidos a exames para saber se os sistemas filonianos cortados apresentam ou não mineração.

5.2. Traçagem e preparação do Jazigo

5.2.1. Galerias

Os actuais trabalhos de mineração encontram-se em “3 níveis de base –Nível 0 à cota de 680m acima do nível do mar, Nível 1 à cota de 620m e Nível 2 à cota de 560m. Estes níveis são constituídos por galerias de base distanciadas 100m umas das outras (DD), de direcção aproximada E-W, cortadas por outras perpendiculares (PP)..”⁷⁷

As galerias são abertas com a ajuda de “jumbos” e pás mecânicas.

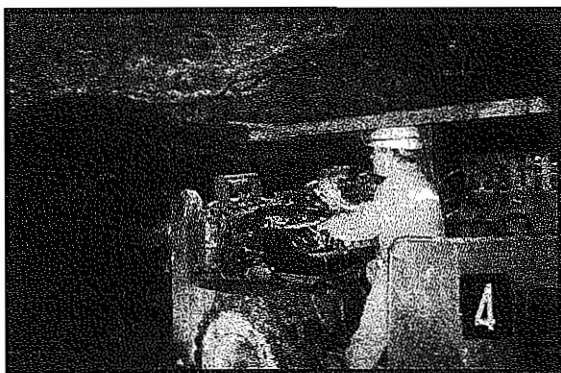


Fig. 20 – Jumbo de Furacão.

⁷⁶ Rodrigues, A.P. (16.01.1984). Minas da Panasqueira. Departamento de Geologia, 2. (relatório não publicado).

⁷⁷ Rodrigues, A.P. (16.01.1984). Minas da Panasqueira. Departamento de Geologia, 2. (relatório não publicado).

5.2.2. Chaminés

Nas galerias são abertas chaminés de 50 em 50 metros que atravessam os filões e é a partir delas que se iniciam os desmontes. A sua abertura é realizada no sentido de baixo para cima com o uso da “Holman Raise Drill”. As chaminés são utilizadas no reconhecimento dos filões, preparação dos filões para desmonte, desmonte, escoamento de minério, ventilação (existem mesmo, chaminés apenas para ventilação – chaminés D23 nos Rebordões), cabos de energia eléctrica (apenas em chaminés fora de serviço e ainda pelas rampas de acesso). (Ver anexo IX)

5.2.3. Inclínados

Os inclinados (ver anexo X) são abertos com a ajuda do martelo pneumático e a sua limpeza é feita com um “seraper” e “pá carregadora-transportadora”.

O termo “inclinado” designa uma galeria aberta sobre o filão mesmo que seja em plano horizontal. Iniciam-se nas chaminés verticais e são abertos em quatro direcções. Estes inclinados servem para estudo da mineração filoniana com a finalidade de determinar o seu valor económico e como base para os futuros desmontes.

5.2.4. Trabalhos de desmonte

O uso de maquinaria pesada obrigou à introdução de “*câmaras e pilares*” como método de desmonte, em substituição dos métodos antigos de “frentes corridas” (Longwall) em frentes paralelas ou leque. As rampas, abertas através das galerias permitem o acesso da maquinaria aos desmontes.

5.3. Serviços auxiliares subterrâneos

5.3.1. Serviço de extracção e transporte de materiais

O minério é deitado nas chaminés, depois os vagões passam nas galerias de base (nível 3) e posteriormente vagão a vagão é subido para o nível 2. O vagão é cheio e desce ao nível 3 e vai em seguida ser despejado numa chaminé onde está um quebrador primário. Este quebrador reduz as pedras a uma malha de 10 a 15 cm. Seguidamente, há uma correia transportadora com cerca de 1200m de comprimento que transporta o produto bruto até à superfície. Já na superfície, na Cabeça da Correia existem três chaminés onde o minério é despejado. Finalmente, através da correia ou tela vai alimentar a Lavaria.

5.3.2. Serviço de ventilação

No fundo da Mina existem duas chaminés varadas à superfície com dois exaustores potentes que retiram o ar poluído. Em certas zonas existem ventiladores que projectam ar fresco para as frentes e extraem o ar poluído.

5.3.3. Serviço de esgoto

Há uma galeria que está varada à superfície, localizada na Salgueira, à cota de 53m, mas como os trabalhos actualmente se encontram abaixo desse nível existe uma estação de bombagem de água no nível 4 que bombeia a água para essa galeria.

5.3.4. Serviços de Apoio Técnico

Estes serviços constituem um apoio técnico essencial aos trabalhos subterrâneos. Estes controlam as direcções de avanço, determinam áreas, valores dos filões, etc.

5.4. Serviços de Topografia e Desenho

Este serviço é constituído por um departamento de topografia e desenho responsável pela topografia geral de toda a Mina. É este serviço que fornece os elementos necessários à condução dos trabalhos de preparação e desmonte.

5.5. Departamento de Estudos

O Departamento de Estudos realiza o controle do terreno (converge ou sobe lentamente), o controle do CO e N₂ nas máquinas (óxidos) ST3.5 a Gasóleo, controle dos ciclos do ponto de St.^a Barbara como do movimento das máquinas.

5.6. Departamento de Geologia

Este Departamento tem como função retratar a mina através de cortes com implantação de filões e falhas.

5.7. Oficinas de Apoio

Junto da Mina, existem oficinas mecânicas e eléctricas que dão apoio a todas as operações de exploração, produção e tratamento do minério.

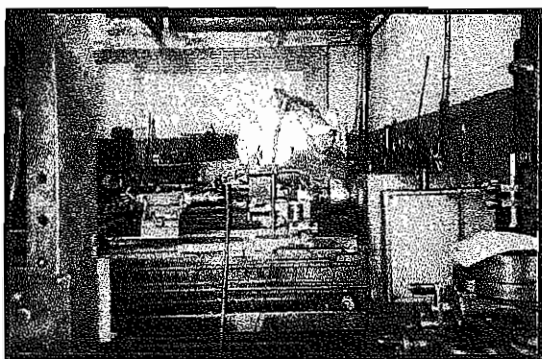


Fig.20 – Oficina de Mecânica.

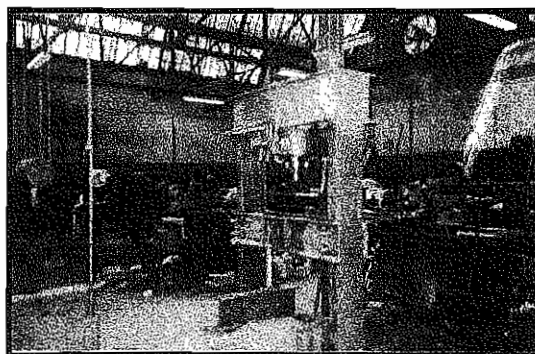


Fig.21 – Oficina de Serralharia.

5.8. Abastecimento de Energia

O abastecimento de energia é feito através da Central do Esteiro. Na Mina existem transformadores adequados.

5.9. Serviços Sociais

Estes serviços, deveriam a exemplo de outros tempos, promover condições de habitação, meios de lazer, educação, utilidades domésticas, assistência religiosa, assistência médica e medicamentos. Porém, a empresa detentora das concessões mineiras livrou-se de todos estes encargos em 1991.

Hoje em dia apenas oferecem aos seus trabalhadores míseros salários.

O Pe. Américo fala do tempo que já lá vai, no tempo em que as Minas viviam uma época de expansão e havia muitas actividades naquela zona. *“Havia uma banda de música, dois grupos de teatro, uma corporação de bombeiros, cinema, futebol, ténis e hóquei.”*⁷⁸ A empresa tinha construído os bairros das três povoações mineiras – Panasqueira, Barroca Grande e Rio – que dispunham de casas para as famílias ali estabelecidas, promoveu o estabelecimento de redes de esgotos e distribuição de água e energia eléctrica. Todas as famílias dispunham dos Serviços Clínicos da Empresa gratuitamente. Para tal, as Minas da Panasqueira dispunham de um Hospital, equipado com salas de operação, raio X, banco, gabinetes de consulta, salas de convívio, cozinhas, lavandaria e 55 camas distribuídas pelas enfermarias e quartos particulares.

Dispunham de 10 salas de aula para o ensino do 1º e 2º ciclos sendo os professores remunerados e alojados pela empresa.

Cada povoação dispunha e dispõe de Capelas para o culto católico.

Cada povoação dispunha de um Armazém de venda de produtos necessários à vida diária.

Na Barroca Grande funcionava uma padaria com serviço de refeições que abastecia toda a região. A Companhia oferecia o pequeno-almoço a todos os trabalhadores.

Estes foram sem dúvida os melhores tempos das Minas da Panasqueira.

6. AS MINAS DA PANASQUEIRA NO FUTURO

Em entrevista ao Notícias da Covilhã José Duarte (2001:15), intimamente ligado à área de geologia da Mina, afirma: *“Vamos continuar à procura de mais filões e prosseguir a nossa rotina. Os rebrandamentos, as perspectivas, o transporte nos vagões, vai tudo continuar. O futuro é isso. Continuar.”*⁷⁹

Mas o futuro das Minas da Panasqueira, dos seus trabalhadores e habitantes pode, também, ser assegurada por um dos sectores de maior dinamismo no nosso País: o Turismo. Nos Jazigos não faltam motivos de interesse ao mesmo tempo se que fala da maior Mina subterrânea do Mundo com os seus 12 mil quilómetros de túneis escavados desde 1880.

Cíclicamente as Minas encerram. Para evitar que as crises sejam tão dramáticas é necessário pensar projectos alternativos que minimizem essas situações.

⁷⁸ Ser Padre nas aldeias. Notícias da Covilhã. (14/02/99), 9.

⁷⁹ Volfrâmio. Minas da Panasqueira: A esperança continua. Notícias da Covilhã. (02/01/2001), 15.

IV
CAPITULO

1- PROGRAMA MUSEOLÓGICO

1.1 Recuperação de uma herança patrimonial

“...Numa viagem pelas minas abandonadas, fica-se com a imagem da incúria e negligência com que os empresários trataram os processos de encerramento. Tudo parece ter sido feito à pressa. Os escombros a céu aberto, os vagões de transporte a meio dos carris (alguns ainda com minério), os ferros retorcidos, no conjunto fazem lembrar os fantasmas dos mineiros que morreram (e foram muitos...) e dos que ficaram, a morrer um pouco por dia, com os pulmões queimados pelo pó...”⁸⁰

(L.M)

Como refere José M. Brandão, *“a recente evolução dos mercados internacionais e o esgotamento de muitos jazigos determinam, porém, sobretudo nas últimas duas décadas, o encerramento e abandono da maior parte das minas portuguesas, à semelhança aliás, do que se tem vindo a passar em toda a Europa.”⁸¹*

Torna-se assim, urgente proceder a um aproveitamento deste património, o **espaço cultural da mina**, criando estruturas e/ou iniciativas que permitam a sua recuperação e valorização, à semelhança do que se tem feito com minas abandonadas na cena internacional.

Em analogia com a recuperação de outros espaços mineiros em Portugal, também nas Minas da Panasqueira se torna urgente criar uma infra-estrutura sócio-cultural de que o concelho tanto carece. Uma infra-estrutura susceptível de reconhecimento do valor memorial, identitário, educativo e turístico que as minas escondem.

É de lembrar que se a exploração mineira foi muitas vezes, e em muitos lugares, *“a principal ou única actividade existente”⁸²* como refere J. Menezes, também se tornou responsável pela crise social e económica e pela deterioração ambiental dessas regiões.

⁸⁰ L.M. (10/4/2000). Somincor amealha a pensar no fim. *Diário de Notícias*. Supl. 9.

⁸¹ Actas do Seminário: Arqueologia e Museologia Mineiras. (1998). Coordenação: José M. Brandão. Museu do Instituto Geológico e Mineiro. Lisboa, 5.

⁸² Menezes, J. (1988) – Perspectivas de desenvolvimento da actividade mineira em Portugal. *Bol. Minas*, 25 (4), Lisboa, 332.

É de conhecimento público e segundo o que vem sendo noticiado em todos os meios de comunicação que *“as Minas da Panasqueira vivem uma situação muito difícil, com custos de produção bastante superiores aos preços concorrentes do mercado, o que provocou a impossibilidade de efectuar vendas, sendo urgente o aparecimento de contratos para que as minas possam sobreviver...”*⁸³ Empregando actualmente 212 trabalhadores, a mina produz 120 toneladas de volfrâmio e estanho por mês.

De facto, os recursos da Panasqueira terão de ser aplicados a outras alternativas de requalificação que instituem um motor de desenvolvimento local, que proporcione, não só, a criação de mais-valias económicas mas também a promoção do seu nível cultural e o crescimento do bem-estar pessoal e colectivo.

Defendo, e por isso aponto, a criação de um museu aberto, ajustado a um agregado de linhas de orientação que visem a sua organização como suporte de programas de intervenção social, visando a promoção do desenvolvimento local e pessoal, envolvendo nas suas funções um grupo técnico⁸⁴ e todos aqueles (população) que mantiveram, por mais de um século, os trabalhos de exploração e processamento dos minérios – os Mineiros. Sem esquecer, como diz A. Tinoco *“aqueles que não tendo estado directamente implicados no processo museológico de algum modo se sentem identificados com o projecto, já porque partilham parte da memória comum, já porque estão animados do espírito de participação social e de mentalidade associativa e querem exercer essa participação colaborando na vida do museu a vários níveis.”*⁸⁵

Importa referir que o sucesso deste projecto de intervenção museológica se prende com a sua associação em percursos de outras instituições turísticas e culturais do concelho e/ou distrito, ou pela junção à outros projectos geomineiros em Portugal.

Desta forma, e como diz José M. Brandão... *“as minas, mesmo abandonadas e sem aparente viabilidade económica (enquanto produtoras de substâncias minerais), são afinal passíveis de uma “segunda vida”, decorrente das actividades ligadas à sua recuperação, valorização e fruição cultural, o que significa também, a prazo, uma nova alternativa económica especialmente nas zonas onde o encerramento da actividade deixou profundas cicatrizes económicas e sociais.”*⁸⁶

⁸³ Mineiros temem fecho esta semana. *Diário de notícias*. (16/02/2004), 5.

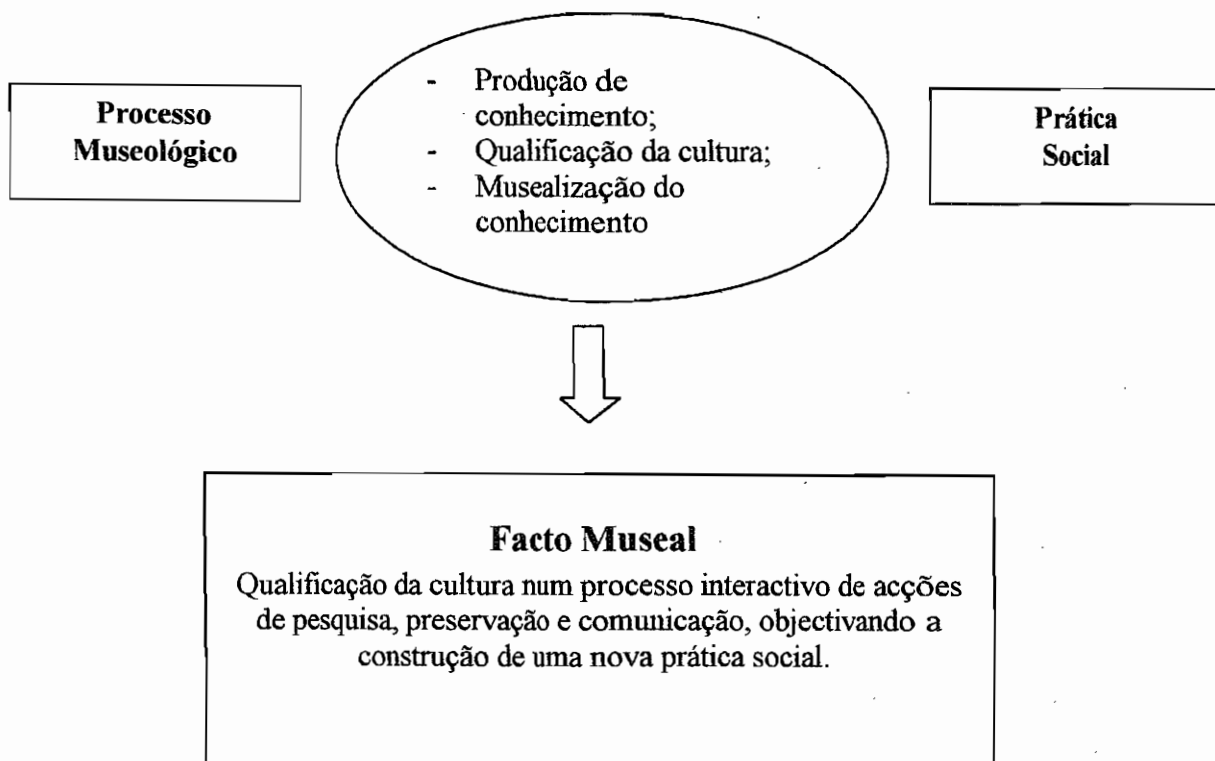
⁸⁴ O corpo técnico inclui: Museólogos, técnicos de minas, geologia e ambiente, sociólogos e historiadores.

⁸⁵ Tinoco, A. (2002) – Museologia Comunitária, *Bol. Informativo do MINON* – Portugal, 8.

⁸⁶ Actas do Seminário: Arqueologia e Museologia Mineiras. (1998). Coordenação: José M. Brandão. Museu do Instituto Geológico e Mineiro. Lisboa, 5.

É ainda de lembrar que a instalação do museu deverá acompanhar os recursos económicos, humanos e materiais existentes e responder às expectativas dos habitantes e possíveis públicos. Tratando-se de uma instituição sócio-cultural os benefícios sócio-culturais são tão importantes como os benefícios económicos.

Tratar-se-á de um processo museológico como uma acção interactiva.



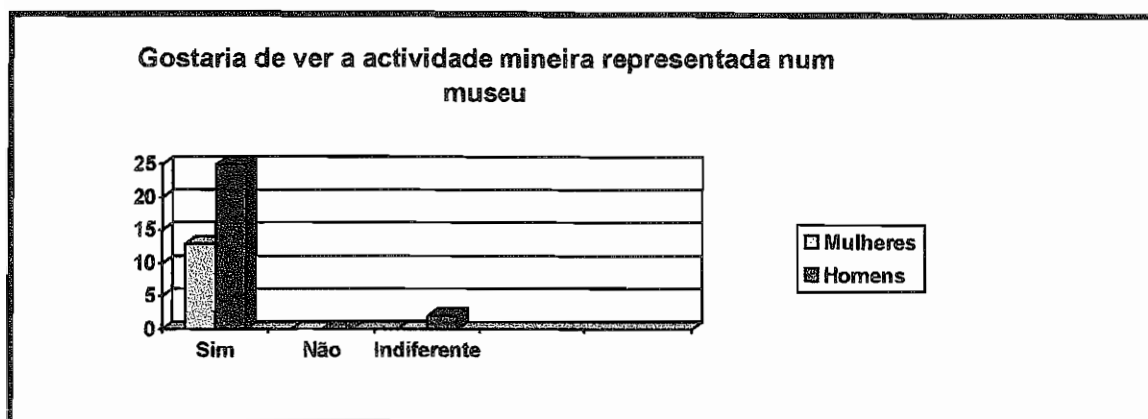
Uma vez que os testemunhos patrimoniais se encontram em vários espaços do coto mineiro da Panasqueira e expressam importantes vivências, entende-se que deverá proceder-se à musealização *in situ*, como forma de valorização, respeitando o contexto em que se inserem.

1.2. O Projecto do Museu das Minas da Panasqueira e a População Residente

Debaixo de terra sente-se um cheiro activo. "*Cheira a mina*". A atracção pelo subsolo estende-se a muitos curiosos que a visitam. O responsável pelo departamento de geologia defende que as Minas da Panasqueira "se houver força de vontade dos responsáveis podem vir a ser um pólo de atracção turística".

Preservar a memória e a identidade cultural e paisagística, apelando ao desenvolvimento é o propósito fundamental deste projecto. Proporcionando o conhecimento dos recursos geológicos, dos métodos de exploração e tratamento o museu favorecerá ainda, a divulgação da história local *in situ*.

Na verdade a preservação do património mineiro é uma preocupação da população que se manifesta interessada na sua representação sob forma de museu. Veja-se:



Num universo de 40 pessoas entrevistadas, apenas duas pessoas acham indiferente a representação da actividade mineira num museu, as restantes gostavam de ver esta actividade representada num museu.

Encravadas em região onde a agricultura é quase inexistente, as Minas da Panasqueira têm contribuído de maneira sensível para o desenvolvimento e progresso da região e tudo leva a crer que a sua acção continuará a fazer-se sentir, contribuindo claramente não só para a promoção social dos operários e famílias que ali trabalham como das gentes das aldeias limitrofes, sempre ligadas e interessadas na sua actividade.

Tais elementos absorveram a população e criaram uma cultura própria criadora de novos valores e referências a que a mina deu origem e sentido.

Sendo assim, pode afirmar-se que as Minas da Panasqueira se tornaram num valor fortemente interiorizado.

As Histórias, os sustos, os acidentes, os desesperos e alegrias acrescidos de uma paisagem fortemente alterada povoam a memória pessoal e colectiva dos habitantes. Poderá assim, afirmar-se que a exploração e transformação dos recursos minerais originaram claramente o aparecimento de uma identidade pessoal e colectiva muito própria.

Pode mesmo falar-se de uma ligação afectiva entre a população e a mina; entre a população e o património mineiro.

Como afirma Alfredo Tinoco “ a preservação do património mineiro é encarada como legitimação da cultura mineira bem como manifestação de coesão e de reforço identitário e a assunção, com orgulho, do trabalho do passado.” ⁸⁷

É neste sentido, que se poderiam desenvolver acções de preservação e valorização do património na Panasqueira. E neste desenvolvimento surge a necessidade de «desenhar» o Museu da Panasqueira. Um projecto para um território com necessidades claras de afirmação de um património cultural e histórico.

Do meu ponto de vista, são vários os factores que concorrem, neste território, para a criação de um pólo museológico sobre o trabalho no interior da mina:

- 1- Esta região já foi, um dos mais importantes centros industriais de exploração de Volfrâmio do mundo;
- 2- Do ponto de vista extractivo, se bem que a extracção desta mina tenha diminuído substancialmente nos últimos anos, durante muitos anos a sua posição foi bastante relevante;
- 3- A sua localização na mancha do complexo xisto –gresoso das Beiras, do Proterozóico superior – Câmbrico;
- 4- É necessário fixar e preservar os traços fundamentais de uma paisagem e um património industrial, revalorizando as zonas mais deterioradas pelas explorações abandonadas;
- 5- Através da instalação deste pólo poder-se-iam potenciar as possibilidades turístico-culturais da região, reforçando a identidade local.
- 6- Focalizando os trabalhos da exploração e lavra dos minerais poderá, este núcleo museológico, servir como cartão de visita dos compradores internacionais bem como possível pólo de atracção de exposições de arte e tecnologias específicas do sector

Deverá, assim, o museu da Panasqueira ser entendido numa politica integrada de desenvolvimento cultural, que afirme o passado como herança desejável e não como um fardo.

⁸⁷ Tinoco, A. (1998). Museu Mineiro do Lousal. Programa Museológico. APAI. Lisboa, 22.

Para além deste, o património imaterial constitui também um importante capital a recolher e pesquisar numa geração que tende a desaparecer.

Poderá, assim o museu estabelecer a base necessária à preservação e conservação deste importante património.

1.3.2. Critérios Económico-Sociais

Localizadas nas entranhas das beiras as Minas da Panasqueira não beneficiam de uma situação geográfica favorável.

Região onde se pratica uma agricultura tradicional, a Mina é a única fonte de rendimento da região.

O seu encerramento arrastará cerca de 200 famílias para a miséria se nos lembrarmos de factores como a faixa etária dos trabalhadores e a falta de qualificação profissional noutras áreas.

É uma região que carece de equipamentos sociais e culturais; incentivos ao investimento e estruturas turísticas.

Poderá a criação de um Museu proporcionar o aparecimento de novos empregos, recuperação de equipamentos em fase de degradação e ainda incentivar e redinamizar o comércio e outras actividades locais.

1.3.3. Critérios Culturais e de Desenvolvimento

A continuidade das práticas económicas ligadas à exploração das minas, não pode ser assegurada senão pela criação de uma instituição museal, que encontrará nas actividades recreativas e culturais uma forma de rendimento que permitirá apoiar e afiançar a sobrevivência de uma actividade incapaz de suportar a competição com o desenvolvimento económico deste século.

A instituição de um museu nas Minas da Panasqueira, uma região de interesse natural (geológico e mineiro) e cultural exerce uma dupla funcionalidade: a conservação e/ou recuperação da natureza e a salvaguarda da cultura local, com a preocupação de

contribuir para valorização da memória e identidade e, capaz de ajudar a promover o desenvolvimento.

A região das Minas da Panasqueira, face ao seu posicionamento geográfico e ao árduo trabalho das minas criou nos seus habitantes um sentimento de frustração, acrescido pela inexistência dos serviços de saúde e acessibilidades difíceis.

A criação de um Museu nas Minas da Panasqueira constitui um importante meio de dignificação do mundo mineiro, a fim de que ele não se transforme num templo que os urbanos vão contemplar.

A animação cultural, o estímulo de actividades tradicionais e acções ao ar livre entre outros, constituem alguns meios de promoção junto do grande público. Por sua vez, o interesse do público fará com que a população sinta orgulho da sua forma de vida.

Deste modo o museu recupera e engrandece o património mineiro, promovendo um turismo cultural de qualidade baseado nas especificidades culturais próprias da população local.

1.3.4. Critérios políticos/ Incremento Turístico

Poderá o Museu da Panasqueira constituir uma fonte de promoção turística para a região, numa altura que se regista um crescente interesse pelo património mineiro.

O turismo é entendido por Maria Peix "*como fonte potencializadora de «cultura e ecossistema natural» é, assim, dinamizador dum desenvolvimento sócio-económico e patrimonial. É afinal a cultura como base potencial de desenvolvimento.*"⁸⁹

Poderá o Museu tornar-se num meio fundamental para o desenvolvimento sustentável da região, da Panasqueira, fortalecendo no passado o presente e o futuro de uma população com tantas carências.

Numa altura em que o turismo se tornou numa actividade procurada por uma grande faixa da população que dispõe de mais tempo livre. Uma população, que tende cada vez mais, a viajar do que ficar no local de residência e trabalho.

⁸⁹ Peix, M. (1993) Turismo rural, património, desenvolvimento. Um triângulo possível? in: Actas do IV Encontro Nacional de Museologia e Autarquias. Câmara Municipal de Tondela, 94.

O Turismo é, assim, uma actividade fundamental no quadro de um processo de desenvolvimento sustentável, potencializando a economia, da região e a consequente dinamização e activação do património cultural e natural.

Fernando Santos Pessoa refere que “ *sendo o turismo um consumidor crescente dos valores culturais e patrimoniais, se for bem entendido, pode, por si só, ser um suporte para a preservação e valorização do Património.*”⁹⁰

O Museu da Panasqueira poderá proporcionar ao seu público o conhecimento das relações homem – espaço na região.

1.3.5. Critérios ambientais

*“Montanhas artificiais erguem-se nas imediações das minas da Panasqueira, concelho de Covilhã. São formadas pelos resíduos da extracção do Volfrâmio acumulados ao longo dos anos, sem que fossem acauteladas as consequências ambientais...” “Os principais impactes negativos no ambiente do desmonte do minério são – como escreve Carlos Magno no Boletim de Minas do Instituto Geológico e Mineiro – a descarga de águas ácidas e contaminantes (metais pesados e compostos orgânicos originados nas reacções químicas usadas na separação dos metais), resíduos da extracção, erosão, assoreamento de lagos e linhas de água, bem como poeiras e ruídos.”*⁹¹

A exploração mineira originou distúrbios através da remoção de terras, modificações na forma do terreno (desmontes, escavações, depósitos, infra-estruturas), activação ou acumulação dos fenómenos erosivos, retirada da vegetação, destruição da camada superficial do solo de maior fertilidade, depósitos de lamas, montanhas de gravilha, poluição do rio Zêzere, chaminés e poços mal protegidos, etc...

Poderá o Museu da Panasqueira constituir uma estratégia para dizimar os impactes ambientais derivados da actividade mineira, através da tomada de decisão sobre medidas necessárias para a minimização e recuperação de todas as áreas degradadas.

⁹⁰ Pessoa, F, S. (2001). Reflexões Sobre Ecomuseologia. Edições Afrontamento. Porto, 139.

⁹¹ Minas da Panasqueira. Correio da Manhã. (22/05/2004), 3.

1.3.6. Conclusão

As Minas da Panasqueira constituem um recurso de índole cultural não renovável, pelo que a sua degradação representa um dano ao património da humanidade.

Embora, o volfrâmio e a força daqueles que o arrancaram às entranhas da terra caminhe a passos largos para o esquecimento, ainda, é possível encontrar um ponto de equilíbrio.

A partir desta perspectiva, projecta-se o Museu das Minas da Panasqueira. Trata-se de assegurar, à semelhança do que se perspectiva para outras áreas mineiras, a preservação e conservação de mais de cem anos de história.

Como é evidente, o avanço das explorações ameaça o desaparecimento do volfrâmio, acelerando, ao mesmo tempo, os processos de degradação ambiental e destruindo bens patrimoniais.

A população envelheceu, e as minas atravessam uma grande crise, ameaçando fechar a qualquer altura. Corre-se o risco de perder o património da maior mina da Europa.

Perder este património é apagar da história a identidade e a memória dos que a fizeram.

Entendo, assim, que a construção de um museu, nas Minas da Panasqueira, além de permitir a conservação *in situ* e a sua utilização pela população, permitirá a recolha, selecção, interpretação, divulgação e preservação do património mineiro.

Trata-se de garantir, a preservação do património mineiro, assegurando uma via para o desenvolvimento cultural, social, económico e político da região.

Integrado no contexto mineiro como uma herança que devemos passar às gerações futuras, à sua utilização. O museu tornar-se-á um equipamento cultural colectivo, de carácter social, educativo, pedagógico, turístico e recreativo.

Por outro lado, a exploração mineira originou a degradação do solo. Por todo o couto mineiro da Panasqueira são visíveis os montes de charrisca. Esta situação ocorre porque o minério é aproveitado pela empresa, mas os inertes são despejados nas encostas, abatendo-se ao longo dos vales. É ainda de considerar o impacte sobre as águas do rio Zêzere.

Poderá, o museu das Minas da Panasqueira constituir uma estratégia para diminuir os impactes ambientais causados pela exploração mineira, bem como a recuperação das áreas degradadas.

1.4. Organização do Museu – Programa e Método

O Projecto para um “Museu no Jazigo da Panasqueira” detém um carácter singular, logo à partida pela especificidade da respectiva temática, que lhe confere indubitável afínco no seio da Museologia Nacional.

De facto, a preservação do património desta mina, como atrás foi referido, é uma preocupação da população que se manifesta interessada na sua representação sob forma de museu e até falada ao nível da autarquia (Covilhã).

Trata-se da produção de uma infra-estrutura de carácter sócio-cultural, de que a região e o país carecem. E por se tratar de uma acção de âmbito local, o alcance que terá excede em muito a região da Panasqueira abrangendo todo o país.

A musealização deste espaço mineiro contrai uma dupla importância: para a população local, pela oportunidade de mediatização sócio-económica e pela reabilitação de um património sempre presente no dia-a-dia dos habitantes e nas suas representações mentais, nomeadamente, afectivas; e, para os visitantes que têm uma admiração pelo trabalho mineiro, já pelo conhecimento dessa realidade, já pela sedução por esse mundo desconhecido e obscuro feito de mistérios em que tudo se passa nos subterrâneos.

É de referir, ainda, que este projecto pretende cooperar no desenvolvimento social e cultural da população residente e dos visitantes, no desenvolvimento económico do local e num aumento progressivo do bem-estar pessoal e social e da qualidade de vida, isto é, no desenvolvimento integral e não apenas no incremento económico.

1.4.1. Faseamento e Intervenientes

1.4.1.1. Faseamento

Devem considerar-se três fases distintas na execução do projecto museológico:

a) Fase de viabilidade

A fase de viabilidade normalmente é constituída por um conjunto de estudos preliminares, inquéritos e sondagens dos públicos alvo.

Para Ambrose, T. & Paine “*não tem qualquer valor criar novos museus se eles não forem viáveis a longo prazo, se as colecções que alojam tiverem um significado limitado ou se apenas um número limitado de pessoas o visita ou usa os seus serviços.*”⁹²

Este autor apresenta ainda o seguinte estudo de viabilidade:

- “1. *O mercado com o qual vai operar; Necessidade de olhar para o tamanho e natureza do mercado potencial, as suas características demográficas, as distâncias; o apelo do museu em termos de temas, colecções, facilidades e serviços; a qualidade dos serviços oferecidos aos visitantes; e a competição com outros museus;*
2. *O número e o tipo de visitantes que o museu pode esperar atrair ao longo dos anos e as suas expectativas;*
3. *O conceito do museu e os temas que abarca;*
4. *A pesquisa necessária para suportar os temas e disponibilidade de colecções para o ilustrar;*
5. *As formas de apresentação e a interpretação necessárias;*
6. *Os serviços a disponibilizar;*
7. *Os edifícios para alojar os diferentes serviços e funções, bem como as adaptações necessárias às suas novas funções;*
8. *Os custos de capital e exploração;*
9. *Os benefícios sócias e económicos que o museu poderá trazer à população;*
10. *As relações que se podem estabelecer com outros museus;*
11. *A composição do staff, a gestão e o estatuto legal;*
12. *Os financiamentos;*
13. *Os proveitos e os gastos com as diversas actividades.*”⁹³

O museu mineiro da Panasqueira será um projecto de desenvolvimento integrado que inclui a criação de infra-estruturas turísticas (hotelaria, espaços de lazer, campismo, turismo rural, restaurantes), de formação profissional e criação e de equipamentos culturais, que em conexão com os restantes programas, assegurem parte da viabilidade do projecto. Por essa razão, a concepção e a implantação do programa museológico implicam um diálogo constante com os promotores e a população, de modo a garantir a qualidade do projecto e a salvaguarda dos interesses de todas as partes. Por essa razão o programa tem de ser faseado, ao longo de alguns anos, ainda que fosse mais aliciante a sua abertura ao público em sincronia com a apresentação do Museu Mineiro na íntegra.

⁹² Ambrose, T. & Paine, C. (1993) – Museum basics. ICOM in Conjunction With Routledge London, 205.

⁹³ Ambrose, T. & Paine, C. (1993) – Museum basics. ICOM in Conjunction With Routledge London, 206.

Lembrando as palavras de Helena M. Alves “*Um projecto museológico deve procurar atrair um público sempre crescente e diversificado, mas deve ser construído com e para a comunidade: é na sua especificidade e carácter único que reside a sua essência e a sua viabilidade económica.*”⁹⁴

Por outro lado, pode acrescentar-se a ideia de que a viabilidade dos museus, actualmente, passa pela capacidade de criarem, alargarem e manterem vivos sistemas de organização em rede. Podendo este museu associar-se a outros museus mineiros em Portugal.

Refira-se, ainda, que uma vez assegurada a viabilidade do projecto, trata-se de mais uma possibilidade no nosso país de musealizar uma mina. De facto, nas últimas décadas, Portugal tem assistido ao encerramento sucessivo das suas minas, sem que jamais tenha sido possível mostrar ao público o que é a actividade mineira.

b) Fase de investigação

A fase de investigação prevê:

- a) a criação de um pré-programa geral;
- b) a discussão com o promotor dos objectivos e finalidades do museu;
- c) a elaboração de um modelo museológico;
- d) a definição dos públicos potenciais do museu.
- e) a elaboração de um programa (este programa é em parte objecto do trabalho presente).

c) Fase de desenvolvimento

O presente trabalho desenvolve os pontos principais de orientação teórica, metodológica e de desempenho.

Superada a fase da instalação, a programação definitiva é da responsabilidade da equipe museal sob a coordenação do Director/Conservador (ver anexo XI).

1.4.1.2. Intervenientes, funções, responsabilidades

a) Promotor/Gestão Patrimonial

⁹⁴ Alves, H.M. (1998). Mina de S. Domingos: Entre o Património Construído e os Projectos de Musealização. in: Actas do Seminário Museologia e Arqueologia Mineiras. Lisboa: Pub. Do Museu do I.G.M, 49.

A gestão do Museu da Panasqueira, dada a sua amplitude (a existência de um vasto património aponta à criação de vários núcleos museológicos) deverá ser objecto de uma análise dos seus responsáveis (empresa, autarquia)

Tendo em conta a rentabilização do património, poderão ser adoptados vários modelos de gestão.

O modelo tradicional é gerar receitas através das visitas e venda de produtos (postais, livros, minerais...)

Porém, este modelo poderá apenas ter em conta objectivos comerciais e financeiros. Apesar de serem objecto de salvaguarda deve o modelo ter presente a cultura e o homem da comunidade.

Outro modelo de gestão implica que os encargos de funcionamento do Museu sejam assegurados pela administração local. Todavia, este modelo, apresenta muitos inconvenientes uma vez que coloca o projecto numa grande instabilidade financeira.

Antes de avançar com um modelo de gestão, para o Museu da Panasqueira, toma-se importante considerar as especificidades da comunidade, quer de ordem económica, quer social e cultural.

A gestão dos museus locais, para Camacho *“deve ser coordenada por agentes da população cuja responsabilidade deve ser assegurada através de um leque amplo que tente eliminar os riscos de apropriação e utilização do poder por parte de sectores determinados da comunidade.”*⁹⁵

Partindo desta ideia, entendo que a criação de uma Fundação que associe os diversos promotores (População, Juntas de Freguesia, Município, Empresa, etc.) com o fim de adoptar o modelo de gestão mais apropriado para o Museu das Minas da Panasqueira, será o mais indicado e vantajoso. Este modelo assegura, por um lado, a lealdade aos princípios orientadores da Nova Museologia, e por outro, o envolvimento da comunidade.

Pensando o Museu como um instrumento para o desenvolvimento importa que a comunidade se torne no principal agente de salvaguarda do seu património.

Neste sentido, a constituição de um espaço museológico deste género, poderá contar com apoios comunitários, estatais e camarários.

⁹⁵ Carnacho, C. (2001) – Museu e participação das populações. Selecção de textos, Museologia Comunitária. XIII Jornadas sobre a Função Social do Museu. MINON, 16.

Poderá ainda, apresentar uma candidatura no âmbito do Programa Operacional da Cultura (P.O.C.) ou no âmbito do Programa Operacional do Centro coordenado pela Comissão de Coordenação da Região Centro (C.C.R.C.), pois só assim será possível reunir as condições mínimas para o desenvolvimento do projecto.

b) Director/Conservador e Programador

O Director e o Programador do museu devem estar presentes desde a primeira fase da instalação do museu.

Ao Director, que deverá ser licenciado em Museologia, cabe o papel de Direcção e coordenação de actividades do Museu bem como o acompanhamento dos trabalhos de tratamento administrativo e técnico da colecção e fundos documentais.

c) Arquitecto

Ao arquitecto cabe a função da produção das respectivas adaptações técnicas nos edifícios a integrar os vários núcleos do museu, assim como o tratamento dos espaços exteriores. É de referir, que os edifícios ligados à mina da Panasqueira, bem como os espaços exteriores a esta, enfrentam problemas de deterioração bastante avançados.

Por outro lado, as respectivas adaptações requerem ainda, algumas alterações subsequentes do carácter do espólio mineiro, bem como, da proposta de circulação nos edifícios destinados à exposição permanente.

1.4.1.3. O Programa Definitivo

As considerações que se apresentam a seguir ditam uma proposta para a criação do Museu Mineiro da Panasqueira. Todavia, o desenrolar do processo e o aprofundamento do conhecimento da actividade e suas instalações ditarão o seu aperfeiçoamento e possíveis alterações, uma vez que o programa de um museu nunca está terminado. Este programa requer uma constante avaliação e consequentes modificações, ajustamentos e readaptações de maneira a que possa exercer as suas funções.

1.5. Os públicos Potenciais do Museu

Fernando João de Matos Moreira menciona que *“Globalmente, entende-se por público o conjunto de usuários de um serviço. No caso específico dos museus, os usuários são todos aqueles que utilizam um serviço posto à disposição pela instituição museu. Assim, o público dos museus corresponde não só aos visitantes (pessoas que entram ou entraram no museu), mas também à parcela daqueles que, de alguma maneira, sem uma relação presencial no museu, usufruíram dos serviços ou bens por ele disponibilizados(p.e. encomenda de livros ou outros materiais por catálogo, visitas a exposições itinerantes, destinatários de acções pedagógicas levadas a efeito nas escolas,...).”*⁹⁶

Actualmente os museus, independentemente da sua tipologia, só têm razão de existir socialmente e culturalmente em função da sua utilidade para o seu público.

Actualmente, diz Fernández, *“...exige-se aos museus que a sua atenção e dedicação sejam dirigidos não a um público indeterminado nem a uns visitantes anónimos, mas sim a uma certa e concreta comunidade, a um grupo social determinado.”*⁹⁷

É exigido aos museus, uma dedicação e atenção especial ao seu público, normalmente a uma comunidade em especial.

A determinação prévia dos públicos do Museu Mineiro da Panasqueira é uma tarefa prioritária da programação

Os inquéritos e as conversas com mineiros, técnicos da exploração mineira, técnicos da autarquia, assim como o estudo da instalação de outros museus em Portugal e na Alemanha, permitem o estabelecimento de quatro possíveis públicos do museu:

- os habitantes das quatro aldeias mineiras (S. Jorge da Beira, Panasqueira, Barroca Grande e Aldeia de S. Francisco de Assis);
- os públicos escolares;
- os visitantes indiferenciados;
- o público interessado na actividade mineira / grupos organizados
- a Terceira Idade.

⁹⁶ Moreira, F, J, M. (2001). Uma reflexão sobre o conceito de público nos museus locais. Colectânea de textos. Curso de Mestrado em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa. Monte Redondo, 1.

⁹⁷ Fernández, L. A. (1999). Introducción a la nueva museología. Alianza Editorial. Madrid, 125.

1.5.1. O Público Local

O público local constitui-se pelos habitantes das quatro aldeias mineiras (S. Jorge da Beira, Panasqueira, Barroca Grande e Aldeia de S. Francisco de Assis).

Para este público o museu é uma forma de perpetuar o trabalho de uma vida presente ainda, na memória de alguns e apagada na memória de todos aqueles que partiram num universo de mais cem anos. Constituindo por isso, um valor extraordinariamente forte. Há ainda que registrar que o ambiente de trabalho, a paisagem transformada e característica contribuíram para moldar a mentalidade de todos aqueles vivem na região e nunca trabalharam na mina (é o caso das mulheres e filhos de mineiros).

Assim, os habitantes encaram a construção do museu como a legitimação da sua identidade e assunção do seu trabalho.

1.5.2. O Público Escolar

O crescente aumento, por parte da escola, em visitar instituições culturais fará deste grupo o maior grupo de visitantes do museu. Detendo um carácter único, pela especificidade da sua temática, este museu irá despertar alguma curiosidade junto deste público.

Esta previsão origina preocupações especiais na actividade museológica. Devem apresentar-se exposições simples/coloridas direccionadas para o público infantil até aos doze anos; exposições multifacetadas, com informações factuais adequadas para a mostra dos espécimes, bem como o uso de etiquetas de forma lógica, constituindo uma ideia geral do objecto (uso apelativo) para o público adulto/adolescentes sem conhecimentos especializados.

1.5.3. O Público Indiferenciado

O público indiferenciado constitui uma importante fracção do público do museu. Este público geralmente é identificado com os excursionistas ou até o turismo accidental. Normalmente estes grupos atraídos pela originalidade usufruem das restantes componentes do museu – lojas de artesanato, restaurantes, alojamento...

1.5.4. Visitantes especialmente interessados

Este tipo de público tende a aumentar de dia para dia. São um público interessado nos vários aspectos da indústria mineira (história, antropologia, geologia, técnica, sociologia, etc.) que podem apresentar-se a título particular ou em grupo.

Estes grupos, normalmente especializados detêm um conhecimento prático e teórico sobre o assunto e procuram material para os seus estudos. Assim, os bens patrimoniais devem conter o máximo de informação da sua natureza, origem, séries comparativas e material de pesquisa pois este público procura especialmente comparações e material para outras experiências.

1.5.5. Terceira Idade

O público da Terceira Idade constitui, actualmente, um importante segmento do público do museu. Este público geralmente é identificado com o turismo programado. Normalmente estes grupos procuram novos espaços de lazer e usufruem das restantes componentes do museu – lojas de artesanato, restaurantes, alojamento...

1.6. A Componente Científica e Pedagógica do Museu

Para que o museu possa cumprir as suas funções de recolha, conservação, estudo e divulgação dos bens patrimoniais deve ter sempre bem presente a previsão dos públicos atrás descritos. Só assim, o museu poderá, proporcionar ao seu público informações claras e exactas sobre os seus espécimes. Deve proporcionar a educação integral do público para que provoque e estimule o desejo de voltar para completar as suas pesquisas.

1.7. Organização Espacial do Museu das Minas da Panasqueira

Segundo Francisca Hernández Hernández, *“Para que o museu possa desenvolver as suas funções e cumprir os fins de estudo, educação e deleite require-se uma série de âmbitos específicos, apropriados às colecções, ao pessoal e ao público, de forma que a sua distribuição, volume e disposição estejam de acordo com o programa e funcionamento general da instituição.”*⁹⁸

Em conformidade, com esta ideia a organização espacial do Museu deverá atender a três condições ocupacionais:

- f) Espaços públicos
- g) Espaços semi-públicos
- h) Espaços reservados

Alfredo Tinoco refere que *“a instituição museal é um sistema que abarca funções muito diversificadas que requerem a utilização de espaços com características específicas e funcionais. Importa, assim, diferenciar os vários níveis de ocupação.”*⁹⁹

Apresentam-se de seguida algumas orientações para a localização dos vários espaços do Museu da Panasqueira, bem como sugestões para a sua adaptação às novas funções.

1.7.1. Áreas públicas

Para que o público usufrua das áreas públicas é indispensável que estas ofereçam uma boa informação enquanto decorre a visita, esta deverá ser moderada mas eficaz e legível.

Segundo Roy, *“Todo o sistema de sinalização deve cumprir os seguintes requisitos: proporcionar a informação oportuna no momento oportuno, ou seja, nem antes nem depois, ser legível para a grande parte dos visitantes, respeitar o funcionamento do edifício, integrar-se na arquitectura e responder à imagem do Museu.”*¹⁰⁰

⁹⁸ Hernández, H. F. (1998). Manual de Museologia. Editorial Síntesis, S.A. Madrid, 123.

⁹⁹ Tinoco, A. (1998). Museu Mineiro do Lousal. Programa Museológico. APAI. Lisboa, 31.

¹⁰⁰ Roy, P. (1991). La Señalización en la Práctica. Museum, 172. Paris, 191.

1.7.1.1. Acolhimento Geral

Esta área do Museu adquire grande importância. Este espaço apresenta um carácter particular uma vez, que constitui o contacto primário entre o Museu e o público, ou seja, entre o exterior e o interior.

Este espaço, de grande extensão, deverá servir de controlo de acesso às salas de exposição permanente, temporárias, conferências e projecções e albergar os seguintes serviços:

- Recepção;
- Informação;
- Bilheteira;
- Guarda-roupa;
- Livraria (Loja Museal)

Este será o lugar destinado à venda de produtos relacionados com a mineração e museologia – colecção de rochas e minerais, bibliografia especializada, produtos específicos do Museu da Panasqueira – bibliografia, postais ilustrados, diapositivos, filmes, réplicas de objectos, produtos alusivos à história e etnografia locais.

Segundo Alfredo Tinoco este local *“constitui um importante factor de animação e difusão do Museu além de ser uma fonte suplementar de financiamento pelo que deve haver um especial cuidado na sua montagem e funcionamento.”*¹⁰¹

- Cafetaria

Estes espaços poderão ser integrados na antiga cantina da Panasqueira (ver anexo XII), a necessitar de recuperação e adaptações arquitectónicas.

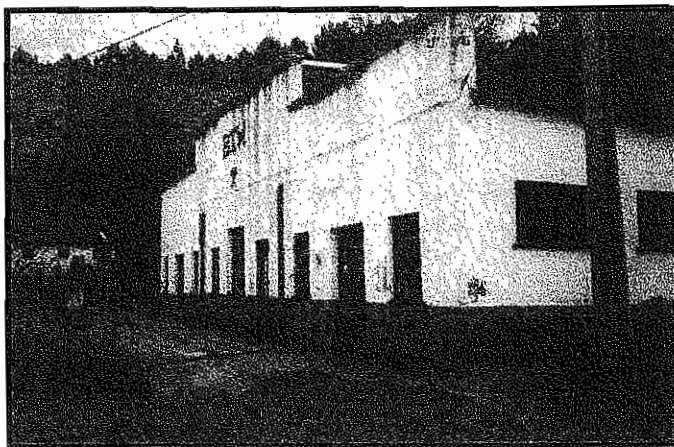


Fig. 22 – Antiga cantina da Panasqueira

¹⁰¹ Tinoco, A. (1998). Museu Mineiro do Lousal. Programa Museológico. APAI. Lisboa, 32.

1.7.1.2. Centro de Interpretação

Esta área do Museu deverá inserir o Museu no panorama local e regional. Deverá assumir o compromisso de apresentar ao público a realidade histórica, antropológica, económica e social do concelho da Covilhã e da região da Panasqueira.

Deverá, ainda, expor os aspectos geológicos da Panasqueira inserida no complexo xistogresoso das Beiras e referenciar ao público as áreas visitáveis do Museu e outros locais de interesse na região.

O Centro de interpretação deverá funcionar na antiga lavaria da Panasqueira (ver anexo XII), que necessita de obras de recuperação e adaptação.



Fig. 23 – Antiga Lavaria da Panasqueira

1.7.1.3. Auditório

Este espaço destina-se a acolher os diferenciados públicos do museu e possíveis eventos culturais. Poderá ainda o auditório servir como sala de cinema, reavivando e trazendo de novo o cinema à Panasqueira, ao mesmo tempo que serve de recurso ao museu.

Deverá situar-se no antigo cinema da Panasqueira (ver anexo XII), que tem de ser dotado de equipamento audiovisual e de obras de recuperação, prevendo-se cerca de 200 lugares sentados.

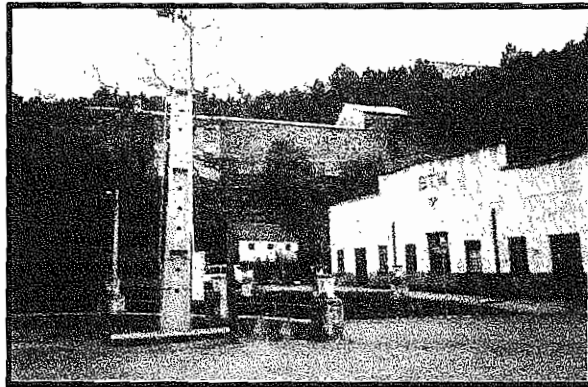


Fig. 24 – Antiga cantina e cinema da Panasqueira.

1.7.1.4. Exposições Permanentes

As exposições permanentes são imagem do museu. Constituem a referência principal para o público. Dividem-se aqui, nos espaços ao ar livre e nos espaços interiores.

1.7.1.5. Espaços ao ar livre

Os espaços de Ar Livre abrangem todo o património construído, ligado à exploração e tratamento do minério na Panasqueira. Importa que o público sinta a ambiência diária que caracterizou e caracteriza o local.

Desta forma, todo o património construído no exterior da Mina constitui exposição permanente. Desta fazem parte todos os edificios directamente ou indirectamente ligados à extracção, tratamento de minério, serviços de apoio, serviços administrativos e vivência do dia-a-dia da população.

Deverão estes espaços ser sujeitos a trabalhos de limpeza e arranjo. Sempre que se justifique, estes espaços deverão proporcionar ao público uma sinalética e legendagem adequada. Destes espaços fazem parte:

- a) Bairros mineiros;
- b) Capelas;
- c) Casa do Director;
- d) Casas dos Engenheiros;
- e) Edifícios directamente ligados à Mina;
- f) Escolas primárias;
- g) Campos de Jogos;
- h) Clubes recreativos;
- i) Cantinas;
- j) Carpintaria;
- k) Piscinas;
- l) Hospital
- m) Monumentos
- n) Lavaria da Barroca Grande e Cabeço do Pião (Rio);
- o) Oficinas da Barroca Grande;
- p) Carpintaria da Panasqueira;
- q) Estações de Tratamento de águas residuais da Barroca Grande e Rio;
- r) Laboratório da Barroca Grande,
- s) Escombrelras;
- t) Barragens de lamas da Barroca Grande e Cabeço do Pião (Rio);
- u) Várias entradas das galerias;
- v) Gloriosos do Vale de Ermida;
- w) Torva de cascalho do Vale de Ermida;
- x) Afloramentos do Vale de Ermida;
- y) Base de arrasto do Vale de Ermida;
- z) Chaminé de ventilação do Vale de Ermida;

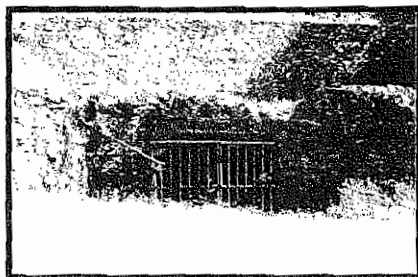


Fig. 25 – Entrada da Galeria 6 na Panasqueira.

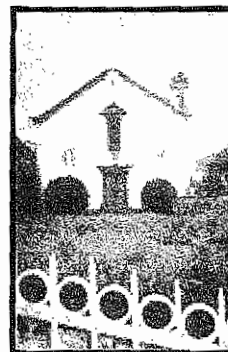


Fig. 24 – Igreja da Panasqueira



Fig. 26 - Entrada da Galeria 6 na Panasqueira.



Fig. 27 – Antiga Carpintaria da Panasqueira.

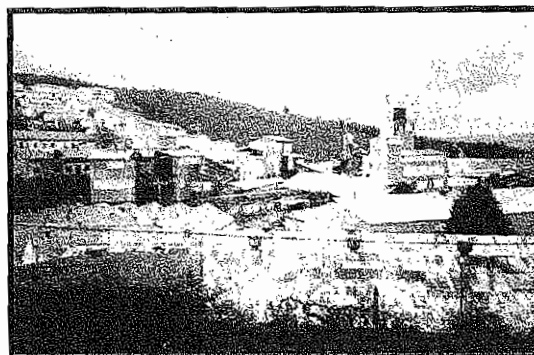


Fig. 28 – Aspecto da Lavaria actual – Barroca Grande.

O Museu das Minas da Panasqueira não se limita a

ser um conjunto de salas de museu, usando formas dinâmicas de exposição encaminhará o público para os lugares atrás referidos.

Para tal, deverá o museu programar um percurso que permita visitar aqueles locais de interesse. O percurso, devido à sua longevidade poderá ser feito com pequenas carruagens puxadas por um tractor.

Deverão construir-se ao longo de toda a área visitável do museu, pequenas áreas de descanso, com sombra, fontes e bancos.

1.7.1.6. Espaços interiores

Este ponto inclui o património que constitui as exposições permanentes. Deve a direcção do Museu em conjunto com a equipa museal definir a sua renovação periódica, quer monográfica quer temática.

Este espaço museológico deverá ser integrado nas antigas oficinas e serralharia eléctrica junto à lavaria na Panasqueira (necessitam de obras de recuperação e adaptação).

1.7.1.6.1. Centro de Geologia e História Geológica

A instalar num grupo do bairro operário da Panasqueira (ver anexo XII), necessita de obras de adaptação.

Este centro de grande importância para os investigadores e estudantes dos vários ciclos e graus de ensino facultará ao público:

- a) A origem e evolução geológica da Terra;
- b) A variedade geológica e recursos minerais;
- c) A aplicação dos minerais no quotidiano do homem;
- d) A geologia do local e sua integração no complexo xisto – gresoso das Beiras.

Este centro integrará uma colecção de rochas e minerais já classificados.

Segundo Alfredo Tinoco o centro de Geologia, *“a par de ser um centro de informação para o visitante, deve ser um centro de ciência viva para os estudantes do Ensino Superior,*

nomeadamente os de Geologia e Engenharia de Minas que aí deverão dispor de materiais capazes de completar eficazmente a sua formação e suscitar o aprofundamento da investigação em articulação com o Centro de Documentação.”¹⁰²

Deverá este centro estabelecer uma ligação com o laboratório. Este deverá facilitar ao público interessado na realização de análises e classificação de rochas e minerais.

1.7.1.6.2. Centro de História Mineira e da Mineração na Panasqueira

A instalar no edifício dos escritórios da mina do Vale de Ermida (ver anexo XII), que deverá ser totalmente reconstruído.

Este centro pretende proporcionar ao público uma panorâmica da história mineira:

1- História Mineira

- a) Arqueologia e história mineira;
- b) Origem e evolução;
- c) Técnica e tecnologias;
- d) Sistemas de exploração;
- e) Utilização dos minerais no quotidiano

2- A Mina da Panasqueira

- a) Descoberta;
- b) Origem e evolução da exploração;
- c) Técnicas e tecnologias empregues;
- d) História social (operária, sindicatos, associações, lutas e greves, habitação, educação, lazer e cultura, doenças e quotidiano da mina.)
- e) História empresarial (organização, serviços, instalações, pessoal, escritórios e outras instalações.)

A preparação deste centro requer uma pesquisa aprofundada na Panasqueira de modo a recuperar e completar o espólio que fará parte do centro.

Deverá, para isso, proceder-se a uma investigação em arquivos e bibliotecas públicas e privadas de modo a constituir um corpo iconográfico, cartográfico e documental que sirva os fins da panorâmica histórica mineira atrás referenciada.

¹⁰² Tinoco, A. (1998). Museu Mineiro do Lousal. Programa Museológico. APAI. Lisboa, 36.

É de referir que nenhuma das Direcções que passaram pelas Minas da Panasqueira se preocupou com a salvaguarda do espólio mineiro. A expressão é mesmo: “É velho... não serve... vende-se!”

Só a reunião do espólio permitirá reconstruir o ambiente e as condições existentes e transmiti-los com rigor ao público do Museu.

1.7.1.6.3. A Mina

Uma experiência de Museologia Mineira, não pode colocar de parte a possibilidade de visita às galerias subterrâneas ao seu público.

A possibilidade de “descer à mina” não pode ficar esquecida. Trata-se de mostrar a realidade de um mundo “misterioso”, “subterrâneo”, “perigoso” e “interdito”. Um escritório, sem luz, onde trabalham centenas de pessoas o dia todo. Um escritório onde a esferográfica tem forma de picareta e o papel é duro e negro. Onde a luz se resume a uma pilha na cabeça de cada um, onde se respira um ar empoeirado. Isto é a Mina. A realidade que o Museu deve mostrar.

Deve proceder-se à preparação de uma das galerias de forma a proporcionar ao público a visita ao interior da mina (a definir conforme o mais aconselhável por razões de segurança).

A exposição no interior da galeria, deverá mostrar a variedade dos trabalhos mineiros – sondagens, perfurações, extracções, carregamentos, transporte – reconstruindo o ambiente de trabalho e a vida na mina – comunicação, refeições...

Estes ambientes deverão ser reconstruídos através de manequins, maquinaria, objectos apropriados, efeitos sonoros e luminosos.

Poderá ainda simular-se num pequeno troço da Mina um filão a explorar, como actividade educativa e de recreio infantil.

Segundo a perspectiva do Sr. José Duarte, do Departamento de Geologia das Minas da Panasqueira, o troço visitável poderá ser instalado no nível I, com entrada no sítio de “Rebordões” e saída no “Fonte Masso” (ver anexo XIII).

A visita poderá ser feita num comboio de vagonetas e os visitantes deverão estar equipados com fato de macaco, botas e capacete.

Na exposição da galeria deverão estar bem assinaladas a vertente científica e pedagógica.

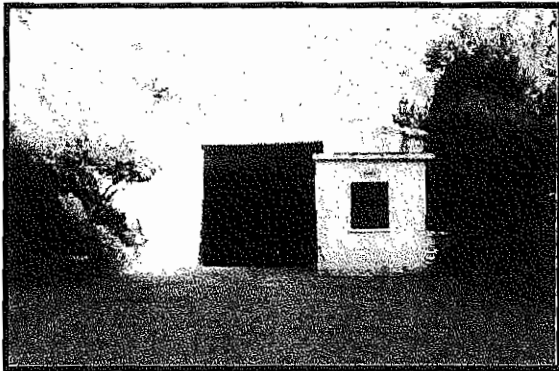


Fig. 29 – Entrada da Mina – Rebordões.

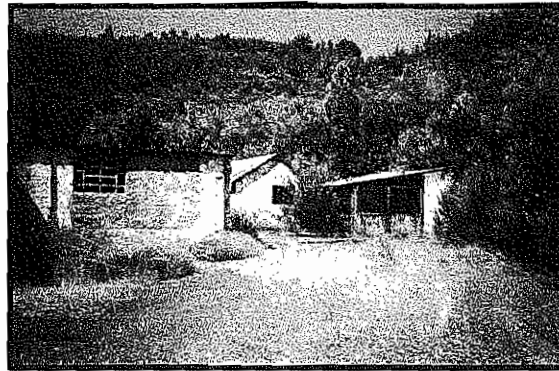


Fig. 30 – Entrada na Mina –Fonte Masso.

1.7.1.7. Exposições temporárias

As Exposições temporárias deverão ser instaladas na Casa de Ferramentas do Vale de Ermida (ver anexo XII), que deverá ser totalmente reconstruída.

Nos Museus, a apresentação de exposições temporárias faz-se cada vez mais com mais frequência. Estas exposições podem estabelecer uma ligação com as exposições permanentes.

São exposições que permitem ao público a possibilidade de contemplar determinadas obras às quais nunca tiveram acesso.

Segundo Alfredo Tinoco deverá o Museu *“apresentar ao visitante, a par das exposições permanentes, que constituem o veículo mais directo de transmissão da mensagem própria de cada instituição museal, outras exposições que, dentro do espírito dessa mensagem e complementando-a, dêem conta do trabalho especificamente museológico que se vai desenvolvendo e da capacidade de renovação do museu.”*¹⁰³

É a renovação do Museu que capta o público e o faz voltar. Essa renovação deve ser efectuada, pelo menos uma vez por ano.

A programação das exposições é da responsabilidade da equipa museal sob a coordenação do Director/Conservador.

¹⁰³ Tinoco, A. (1998). Museu Mineiro do Lousal. Programa Museológico. APAI. Lisboa, 39.

1.7.1.8. Centro de Documentação

Este espaço deverá funcionar junto ao Centro de Geologia e História Geológica num dos grupos do bairro operário da Panasqueira (ver anexo XII). Como atrás foi referido, estes edifícios necessitam de obras de recuperação e adaptação.

O Centro de Documentação é um serviço fundamental do Museu. Partindo da afirmação de Cabrera de que *“no novo museu a investigação é o instrumento que possibilita a conservação, comunicação e exibição dos seus valores culturais”*¹⁰⁴ deve este centro, destinar-se a todas as pessoas interessadas no aprofundamento dos conhecimentos ou na investigação sobre a mineração e história da Panasqueira.

Este centro não deverá fazer parte das visitas, destinando-se apenas a pessoas interessadas e investidores.

Deverá o centro proceder a uma aquisição por compra ou permuta de todos os documentos, publicações periódicas e livros relacionados com a Mina nas áreas de:

- a) Obras de referência;
- b) Museologia em geral e mineira;
- c) Geologia e Mineralogia;
- d) Mineração e História Mineira;
- e) História da Mina da Panasqueira (documentação administrativa e financeira, documentação empresarial e sindical, arquivos respeitantes ao pessoal, arquivos do Centro de Saúde, outros documentos, publicações);
- f) História Local (concelho da Covilhã e distrito de Castelo Branco).

Paralelamente, o Centro de Documentação acolherá também outros arquivos:

- a) Arquivo fotográfico;
- b) Arquivo cartográfico;
- c) Arquivo videográfico;
- d) Arquivo sonoro (colheita de testemunhos orais a promover pelo Centro de Documentação).

O Centro deverá preocupar-se com a actualização do seu espólio por compra, intercâmbio com outras instituições ou ainda, através de profissionais e investigadores.

¹⁰⁴ Cabrera, B. P. (1992). La investigación en los Museos. Política Científica I+D en Museos, nº 34, Madrid, 11.

O Centro deverá, ainda, dispor de uma biblioteca orientada para o público infantil, contribuindo, assim, para o melhoramento e alargamento da sua função educativa.

Por último, o Centro deverá estimular projectos de investigação. Segundo Francisca Hernández Hernández devem “os museus realizar investigações na área da sua competência, que implica a programação de projectos que permitem completar, actualizar, interpretar e ampliar o horizonte de suas próprias colecções e podem ser incluídas dentro dos planos nacionais e internacionais de investigação.”¹⁰⁵

1.7.1.9. Outros Espaços Complementares

O Museu deve oferecer ao público um agregado de serviços de apoio de grande utilidade:

a) Parque de Estacionamento

Utilizado pelo público em geral de todo o projecto deve ter espaço para carros ligeiros e autocarros de passageiros;

b) Bar/Restaurante

Deverá haver pelo menos um restaurante na área do projecto museológico. Deverá este restaurante proporcionar ao público (e demais pessoas) as mais variadas refeições e doçarias típicas da região. Bem como os seus vinhos e aguardentes. Ao longo dos Centros Museológicos deverão ser instaladas máquinas automáticas de café e bebidas frescas com esplanadas de suporte;

a) Telefone público/Fax

Deverá proceder-se à instalação de equipamentos de telefonia ao longo de todo o projecto;

e) Sanitários Públicos

¹⁰⁵ Hernández, H. F. (1998). Manual de Museologia. Editorial Sintesis, S.A. Madrid, 162.

Deverá o projecto prever a instalação de vários sanitários públicos e ter em atenção o seu acesso a deficientes;

e) Vestiário/Balneário

A visita às galerias obrigará ao uso de fatos de macaco, galochas, capacete e pilha de iluminação, assim este espaço proporcionará ao público a troca de vestuário. Servindo ainda, de guarda a esse vestuário.

f) Pousada

Deverá o projecto prever a instalação de uma pousada na área do couto mineiro da Panasqueira a fim de alojar grupos interessados, estudantes e investigadores.

1.8. Espaços semi-públicos

Estes espaços de serviço do Museu só são acessíveis ao público sob determinadas condições.

1.8.1. Administração/Secretária

É um serviço dependente da Administração do Museu. Cuida do pagamento e recebimento de materiais. É responsável pela gestão do Museu.

1.8.2. Serviços de Educação e Animação Cultural

Os Serviços de Educação e Animação Cultural proporcionam ao Museu um maior contacto com o público. Deverá o Museu ter conhecimentos sobre o público de forma a proporcionar uma maior dinamização na sua missão educativa.

Rivière (1974) destacou o papel do Museu como instrumento de educação e cultura e a importância que tinha o conhecimento do público antes de planificar qualquer tipo de actuação.

Segundo escreve Araújo *"O Museu pode trazer muitos benefícios à educação. Esta importância não deixa de crescer. Trata-se de dar à função educativa toda a importância que merece, sem diminuir o nível da instituição, nem colocar em perigo o cumprimento das outras finalidades não menos essenciais: conservação física, investigação científica, deleite, etc."*¹⁰⁶

Assim o Museu deverá dispor de espaços próprios para o exercício das actividades de Educação e Animação Cultural:

- a) Salas de trabalho;
- b) Salas para ateliers pedagógicos de grupos escolares;
- c) Espaços de ar livre para ateliers pedagógicos;
- d) Auditório.

Parece-me importante que este espaço promova a criação de um Centro Educativo/Pedagógico polivalente de aprendizagens para todos os que nele participam. Um espaço que conduza a comunidade a assumir responsabilidades num espaço que lhe pertence, a aumentar os seus conhecimentos, a confirmar as suas hipóteses e a desenvolver a sua criatividade.

Poderá o Centro estabelecer ligações com associações de âmbito nacional e internacional.

Poderão integrar-se neste Centro:

- a) Um clube de fotografia;
- b) Uma oficina;
- c) Grupos de Expressão Artística (rancho folclórico, banda filarmónica e grupo de teatro).

Associando interesses e tempos livres, realiza-se uma verdadeira Educação Patrimonial, à qual se podem anexar as seguintes actividades:

- a) Recolha de lendas e canções populares;
- b) Análise dos níveis de poluição terrestre e aquática provocada pela extracção e tratamento de minérios;

¹⁰⁶ Araújo, M. (1995). A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo. Documentos e Depoimentos. Comité Brasileiro do ICOM, 11. Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus- Rio de Janeiro-1958, 11.

- c) Arte popular;
- d) Criação de um jornal;
- e) Organização de festas folclóricas, gastronómicas e artesanais;
- f) Cursos, seminários e congressos;
- g) Actividades desportivas (desportos náuticos, desportos de Inverno, caça e pesca);
- h) Turismo de aventura (aerostação, rappel, escaladas, bicicletas de montanha, viagens e circuitos de aventura).

Conservar a realidade da comunidade, manter a sua cultura e acentuar a sua identidade são os objectivos deste pólo cultural e intelectual.

Os Serviços Educativos deverão funcionar num edifício, a construir, no Vale de Ermida (ver anexo XII).

1.8.3. Reservas visitáveis

Segundo Alfredo Tinoco *“A reserva técnica é um local de trabalho, que inclui a conservação do espólio, a investigação e a preparação de exposições.”*¹⁰⁷

Sendo um espaço reservado ao Museu, esta reserva pode ser visitada pelo público interessado, nomeadamente investigadores. Assim este espaço deve dispor de um gabinete de trabalho e instalações sanitárias.

1.9. Espaços Reservados

Estes espaços são de carácter exclusivamente museal, não estando abertos ao público. Estes espaços deverão localizar-se num grupo operário (ver anexo XII) junto ao Centro de Geologia e História Geológica e ao Centro de Documentação.

1.9.1. Administração

Segundo Francisca Hernández Hernandez esta área integra as seguintes funções:

- *Tratamento administrativo de fundos: registo dos mesmos;*
- *A segurança das colecções. Estas hão de contar com os meios técnicos e humanos necessários;*

¹⁰⁷ Tinoco, A. (1998). Museu Mineiro do Lousal. Programa Museológico. APAI. Lisboa, 44.

- *A gestão económico - administrativa, que se encarregará de coordenar o regime interno do museu.* ”¹⁰⁸

1.9.2. Direcção do Museu

Segundo Francisca Hernández Hernández as funções da Direcção do Museu são as seguintes:

“- *Dirigir e coordenar os trabalhos derivados do tratamento administrativo e técnico dos fundos.*

- *Organizar e gerir a prestação e serviços do museu.*

- *Adoptar os meios necessários para a segurança do património cultural ...* ”¹⁰⁹

A direcção deve compreender um gabinete do Director/Conservador e uma sala para reuniões/trabalhos.

1.9.3. Reservas

Este espaço acolhe o espólio do Museu, cedido ou definitivo. Será apenas para uso de público dedicado à investigação. Deverá ainda, compreender uma sala de trabalho.

1.9.3.1. Sala de Reserva

Esta necessitará de mobiliário adequado à guarda das peças que integrarão o espólio.

1.9.3.2. Câmara de Expurgo

Deverá criar-se uma sala destinada a desinfecção/limpeza das peças que serão guardadas na reserva.

1.9.3.3. Gabinetes Técnicos

Estes gabinetes destinam-se à conservação e restauro das peças.

1.9.3.4. Gabinete de Investigação

Este gabinete destina-se a eventuais trabalhos de investigação relacionados com a reserva do Museu.

¹⁰⁸ Hernández, H. F. (1998). Manual de Museología. Editorial Síntesis, S.A. Madrid, 107.

¹⁰⁹ Hernández, H. F. (1998). Manual de Museología. Editorial Síntesis, S.A. Madrid, 107.

1.9.3.5. W.C.

Junto a estes gabinetes deverá haver sanitários para uso de pessoal e possíveis investigadores.

1.9.4. Serviços de Museografia

Estes serviços deverão preparar e efectivar uma pré-montagem das exposições. Deverão, assim, possuir espaços para receber as peças, registo fotográfico e inventário.

1.9.5. Centrais Técnicas

Este espaço deverá compreender uma central de segurança, uma central eléctrica e de ar condicionado.

1.10. A colecção – sistema de documentação

Por colecção entende-se os testemunhos e objectos materiais e imateriais do homem e a informação que se tem acerca deles. Assim, a colecção do Museu da Panasqueira, compreenderá um conjunto de objectos e testemunhos materiais e imateriais referentes à actividade mineira, sua história, história local e suas afinidades com o meio envolvente.

O estudo da colecção obriga à elaboração de um sistema de documentação detalhado sobre os objectos que por sua vez facilita uma melhor compreensão do passado e do presente.

Para que este processo seja eficiente são necessários instrumentos de trabalho como livros de registo, inventários e catálogos que permitem que o Museu se torne numa fonte de informação e conhecimento, que não de ser utilizados pelos usuários do Museu.

Essa fonte de informação poderá ser constituída por registos escritos, sonoros, gráficos, videográficos e informáticos.

1.10.1. A colecção e sua ampliação

- Colecção e sua Ampliação

A colecção do Museu da Panasqueira, poderá constituir-se através de todos os utensílios e/ou maquinismo utilizado nas explorações, edificios ligados à mina, galerias antigas, objectos doados pela população, minerais

O funcionamento futuro do Museu aconselhará a necessidade de alargar a colecção por recolha, compra, cedência, empréstimo ou depósito.

1.10.2. Sistema de Documentação

Para alguns autores como Porta *“o Sistema de Documentação dos objectos que um museu possui constitui a sua memória e esta deve ser conservada.”* Este autor aponta ainda para a necessidade de *“estabelecer um sistema que possibilite a conservação, e possa ser utilizado tanto pelos grandes museus como por colecções que tenham um número reduzido de objectos.”*¹¹⁰

¹¹⁰ Porta, Eduard et alii (1982) Sistema de Documentación para Museos, Departamento de cultura de la Generalitat de Catalunya. Barcelona, 12.

As informações sobre os objectos do museu, são tão importantes como os próprios objectos. Deverão os responsáveis pelo museu manter a colecção em ordem e transmiti-la aos seus sucessores nas melhores condições de registo.

Uma boa administração de um museu requer uma boa documentação.

Caballero refere que o Sistema de Documentação “...consiste numa série de instrumentos estruturados e relacionados através dos quais se recolhem os dados, se tratam, e posteriormente, podem ser utilizados pelos profissionais e pelos usuários dos museus.”¹¹¹

Em 1942 o Comité Internacional do ICOM para a Documentação (CIDOC) e o Centro de Documentação Unesco – ICOM, estabeleceram normas de aplicação para a documentação nos museus. Em 1982 publicou-se, em Espanha, um trabalho sobre “Sistemas de Documentación para Museos.” Este trabalho realizado por Porta e outros autores, e que sigo neste programa, apela à recolha de dados, ao seu tratamento e à sua posterior utilização, quer pelos técnicos do museu quer pelo público interessado.

Segundo Francisca Hernández Hernández “A documentação de um museu é a base de toda a planificação museológica em relação à gestão das colecções, à investigação dos objectos e à segurança e controle dos movimentos dos fundos.”¹¹²

Assim, deverá o museu apresentar um Sistema de Documentação bem definido que facilite os trabalhos de planificação das exposições e da comunicação, investigação e gestão da colecção do museu.

O Museu deve ainda adoptar para além dos registos em papel, sistemas informáticos de modo a aumentar a eficácia e segurança do Sistema de Documentação.

Porta afirma que “As informações inerentes ao objecto podem ser recolhidas sempre; em contrapartida, a sua história, se se perde, perde-se para sempre.”¹¹³

Torna-se assim, importante adoptar um Sistema de Documentação com normas bem definidas: Livros de Registo, Fichas de Inventário Geral e de Catálogo Sistemático e Monográfico.

¹¹¹ Cabrera, B. P. (1992). La investigación en los Museos. Política Científica I+D en Museos, nº 34: 11-46. Madrid, 456.

¹¹² Hernández, H. F. (1998). Manual de Museología. Editorial Síntesis, S.A. Madrid, 137.

¹¹³ Porta, E. et alii (1982). Sistema de Documentación para Museos, Departamento de cultura de la Generalitat de Catalunya. Barcelona, 18.

1.10.2.1. Livros de Registo

Deverá o Museu possuir dois Livros de Registo. No primeiro deverão registar-se todos os bens pertencentes ao Museu. No segundo deverão registar-se todos os bens depositados ou cedidos por empréstimo ao Museu.

Este livro de registo deverá conter: data, nº de entrada, nº de inventário do objecto, dimensões, estado de conservação, proveniência, forma de aquisição e um espaço para a anotação de observações. (ver modelo pág. 129,130)

1.10.2.2. Fichas de Inventário e de Catálogo

1.10.2.2.1. Inventário Geral

A Ficha de Inventário Geral destina-se à identificação de cada um dos objectos do Museu. Deverá por isso possuir os seguintes conceitos: nome do objecto, matéria constituinte, dimensões, peso, forma de incorporação, proveniência, estado de conservação e dados complementares (ver modelo pág.131).

1.10.2.2.2. Catálogo sistemático

O Catálogo Sistemático regista dados específicos do objecto: características científicas, históricas e artísticas. Estes registos deverão ser ordenados segundo um critério cronológico – cultural (ver modelo pág.132).

1.10.2.2.3. Catálogo Monográfico

Este Catálogo aponta toda a informação sobre os trabalhos e estudos realizados sobre a peça, inclusive toda a bibliografia existente sobre o objecto, o seu estado de conservação, intervenções de restauro e exposições em que esteve exposto. (ver modelo pág. 133).

1.10.2.2.4. Ficheiro de Negativos Fotográficos

Deverá o Museu possuir, ainda, um ficheiro destinado ao arquivo de negativos fotográficos.

1.10.2.2.5. Ficheiro de Registos Sonoros e Videográficos

Este Ficheiro deverá acolher informação oral e gravações videográficas das actividades mineiras relacionadas com as peças da colecção do Museu.

Nº _____

FOTOS

Objecto _____

Material _____

Dimensões _____

Peso _____

Estado de Conservação _____

Negativos _____

Dados Complementares _____

Proveniência _____

Adquirido/Depositado por _____

Preço _____ Data da Entrega _____

Registo de entrada em propriedade de depósito Nº _____

Catálogo Monográfico Nº _____

Referência Topográfica _____

Data do Preenchimento _____

O Conservador _____

Nº _____

Registo de entrada em propriedade

De depósito Nº _____

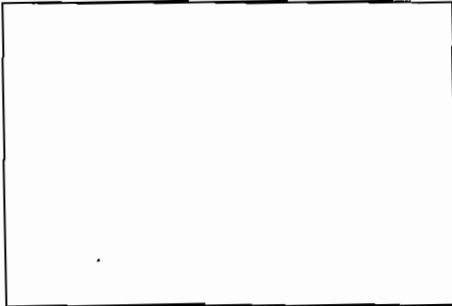
Inventário Geral Nº _____

Catál. Monográfico Nº _____

Data de fabrico _____

Fabricante _____

Série _____ Nº _____



Objecto _____

Material _____

Dimensões _____

Peso _____

Estado de Conservação _____

Negativos _____

Fabricante, Marcas, Empresa, Oficina _____

Funções _____

Proveniência _____

Descrito em _____

Vol. _____ Pág. _____ Nº _____

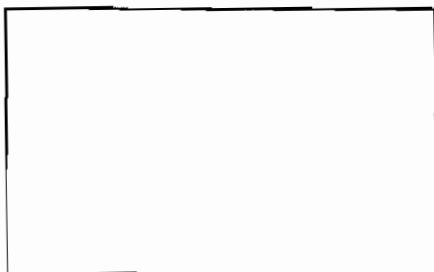
Observações _____

Referência Topográfica _____

Data do Preenchimento _____

O Conservador _____

Nº _____



Objecto _____

Material _____

Dimensões _____

Peso _____

Estado de Conservação _____

Negativos _____

Fabricante, Marca Empresa, Oficina _____

Funções _____

Proveniência _____

Adquirido/Depositado por _____

Preço _____ Data da Aquisição _____

Registo de entrada em propriedade de depósito Nº _____

Catálogo sistemático Nº _____ Data _____

Série _____

Inventário Geral Nº _____

Observações (Estudos, Investigações, Exposições) _____

Referência Topográfica _____

Data do Registo _____

O Conservador _____

1.10.3. Funcionamento do Sistema de Documentação do Museu

Para um bom funcionamento do Sistema de Documentação do Museu, deverão as fichas dos catálogos devem ser uniformizadas. O formato adoptado na maioria dos museus é o DIN A.5 (14,8X10,5 cm)

É aconselhável que cada ficheiro tenha uma cor diferente para acautelar possíveis erros de arquivo e auxiliar a procura.

Com base no processo de documentação nos Museus de Francisca Hernández Hernández este, pode ser compreendido da seguinte forma¹¹⁴:

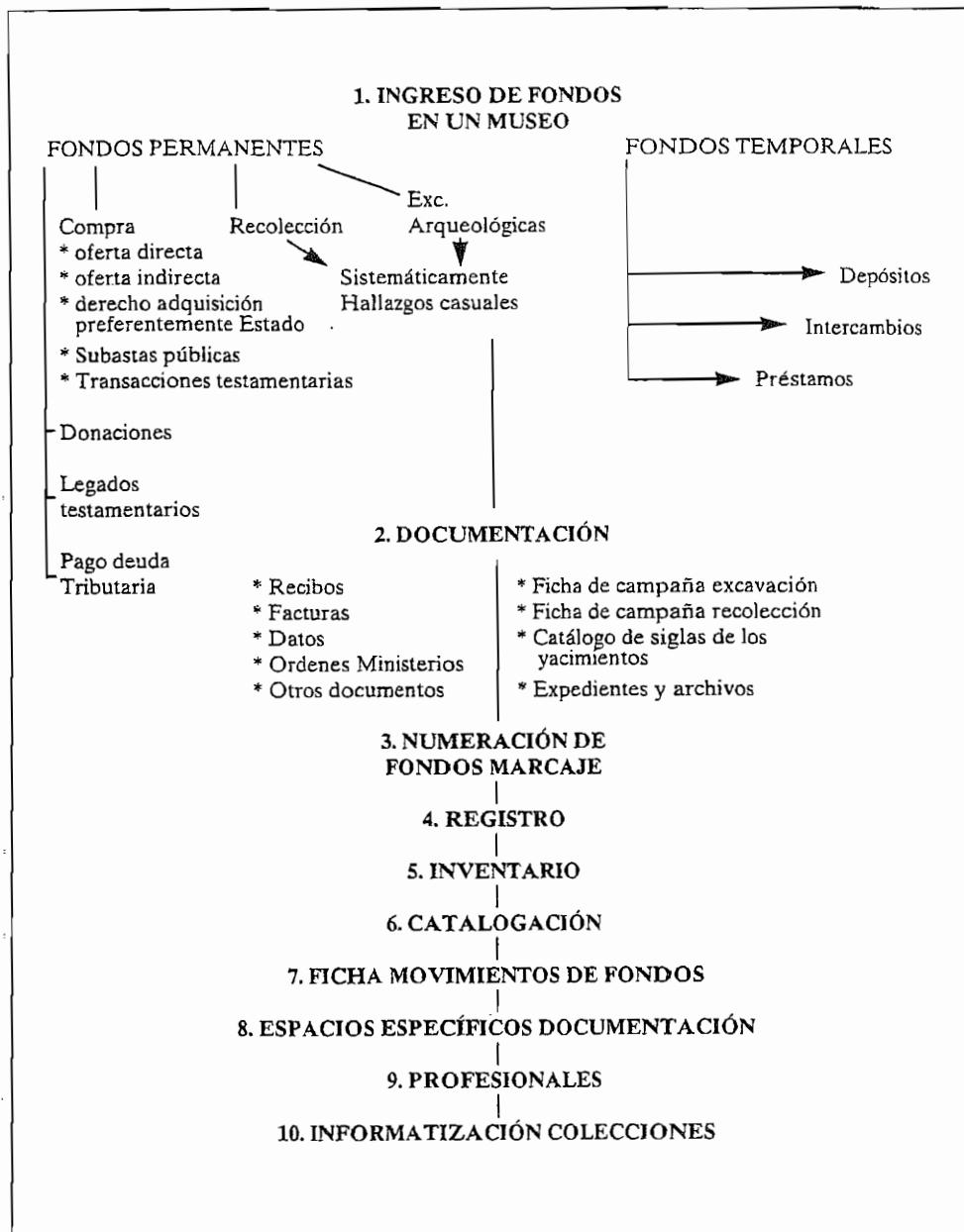


Fig. 31 - Processo de documentação nos Museus

¹¹⁴ Hernández, H. F. (1998). Manual de Museología. Editorial Síntesis, S.A. Madrid, 143.

1.11. O Pessoal do Museu – Perfis Profissionais e Actividades

A crescente renovação dos conceitos bem como a complexidade das funções do Museu impôs a aplicação de princípios de gestão do mundo empresarial às organizações de natureza cultural.

Assim, deverá a gestão museológica atender às seguintes funções básicas:

- a) **Planificação** ou seja, definir objectivos e aprovisionar os meios necessários para os alcançar;
- b) **Organização** ou seja, definir os papéis e as responsabilidades à realização dos objectivos definidos na planificação; O Museu deve contar com uma equipa de museólogos adequada às suas características.
- c) **Dotação de Pessoal** ou seja, formação de uma equipa interdisciplinar que realize o programa do Museu;
- d) **Direcção** deve ser responsável pelo planeamento de todas as funções e actividades;
- e) **Avaliação**, ou seja, conferir e corrigir a eficácia da planificação em função dos objectivos fixados nessa fase.

O Museu deverá, ainda, cumprir as seguintes funções:

- a) Conservação, catalogação, restauro e exposição das colecções;
- b) Investigação;
- c) Planeamento e montagem de exposições temporárias;
- d) Preparação e publicação de catálogos e monografias;
- e) Planificação e desenvolvimento de actividades didácticas e culturais;
- f) Organização de eventos relacionados com a sua actividade.

A complexidade deste trabalho implica que o Museu da Panasqueira seja dotado de uma equipa capaz de trabalhar em conjunto, profissionais competentes capazes de se integrarem com a população.

É através dos profissionais que se cria a imagem do Museu. Daí que a sua preparação mereça alguns cuidados.

O pessoal técnico deverá possuir formação ao nível da Museologia, Museografia, Conservação e Restauro. O restante pessoal deverá assegurar uma formação prévia na área

da Museologia e da Mineração, da História Local e da História da Indústria e Arqueologia Industrial.

O Museu deverá contar com a contratação de antigos ou actuais mineiros.

1.12. Marketing e Promoção

O Marketing e a promoção poderão constituir um importante contributo para a gestão do Museu.

Para Alfredo Tinoco *“Ao mesmo tempo que garante a aplicação racional de recursos humanos, de fundos financeiros e de recursos materiais, o marketing garante lucros monetários e outros e assegura a sobrevivência do projecto, bem como a sua expansão e consolidação no futuro.”*¹¹⁵

O Marketing proporciona uma relação entre o Museu, a colecção e o público conduzindo ao aumento de visitantes.

Assim propõe-se uma política de marketing que promova as vendas, a publicidade, a distribuição de produtos e que seja difundida pelas relações públicas e publicidade nos meios de comunicação. Deverá promover-se a região como local aprazível para férias.

1.12.1. Promoção do Projecto

A promoção do Museu das Minas da Panasqueira deve ser estruturada pelas várias instâncias que concorrem para o projecto. Esta promoção deve garantir as várias rentabilidades do projecto quer, financeira, sócio-cultural, científica, etc.

A promoção do Museu das Minas da Panasqueira deve proporcionar uma informação ao utilizador baseada no rigor, na realidade e na isenção.

Nesse sentido, deverá estabelecer uma ligação com:

- a Direcção Geral do Turismo;
- os postos de turismo da Covilhã;
- Câmara Municipal da Covilhã;
- as Juntas de Freguesia circundantes;

¹¹⁵ Tinoco, A. (1998). Museu Mineiro do Lousal. Programa Museológico. APAI. Lisboa, 56.

- as Associações Culturais e socioprofissionais do concelho;
- as colectividades;
- as escolas;
- a Universidade da Beira Interior.

1.13. Sinalização

A sinalização aparece como complemento do marketing e promoção. Esta deve ser eficaz e atraente para um melhor usufruto do espaço a integrar pelo Museu e concretização dos seus objectivos.

Assim, deverá ser implantada sinalização nas estradas que servem de acesso à região. Junto do Museu devem os parques de estacionamento bem como os vários centros do Museu estar bem sinalizados.

Os espaços interiores do Museu deverão indicar saídas de emergência, áreas para deficientes e localização de serviços e equipamentos.

1.14. Rede de Museus e Percursos Culturais

1.14.1. Para uma rede de Museus Mineiros

O conhecimento sobre o potencial museológico de algumas minas portuguesas e o crescente interesse do público por novos «produtos» culturais, encorajam a criação de núcleos museológicos em algumas minas. Estes, além de permitirem o incremento da economia apelam ao reforço da identidade local.

É hoje comum pensar-se que a viabilidade dos museus mineiros poderá estar associada à capacidade de criarem, alargarem e manterem vivos sistemas de organização em rede. Julgo que estes núcleos museológicos poderão vir a constituir uma rede de museus mineiros em Portugal.

Trata-se de constituir, uma rede de cooperação e parceria a nível nacional, tanto no domínio dos programas expositivos, como nos da gestão de colecções, edições, formação de pessoal, etc... Importa que estes museus (de minas) cumpram o seu papel, assumindo-se como agentes culturais de mediação pública.

A rede de museus permitirá uma maior **comunicação e articulação** entre os museus mineiros e outras entidades com objectivos comuns; através do intercâmbio de informação referente ao público e ao funcionamento dos mesmos. Assim como, proporcionará o estabelecimento de uma conduta de **cooperação** (realização de projectos em comum) e **partilha** (de saberes técnicos e científicos de recursos bem como programas de acção cultural e social) entre os museus envolvidos.

A rede deveria incluir núcleos nos quais são actualmente conhecidos projectos ou experiências museológicas na área do património mineiro e/ou museus mineiros em projecto, sobretudo no Norte e Sul do país (fig.31).

- 1- Projecto de musealização do complexo mineiro de Três Minas, V.P. Aguiar;
- 2- Museu do Ferro de Moncorvo;
- 3- Museu Mineiro de S. Pedro da Cova;
- 4- Parque Paleozóico de Valongo;
- 5- Projectos para as pedreiras e minas de carvão do Cabo Mondego;
- 6- Projecto do Museu Mineiro do Lousal;
- 7- Museu das Minas de Aljustrel;
- 8- Projecto para o Museu das Minas de S. Domingos;
- 9- Parque Mineiro da Cova dos Mouros;
- 10- Projecto para o Museu das Minas da Panasqueira.

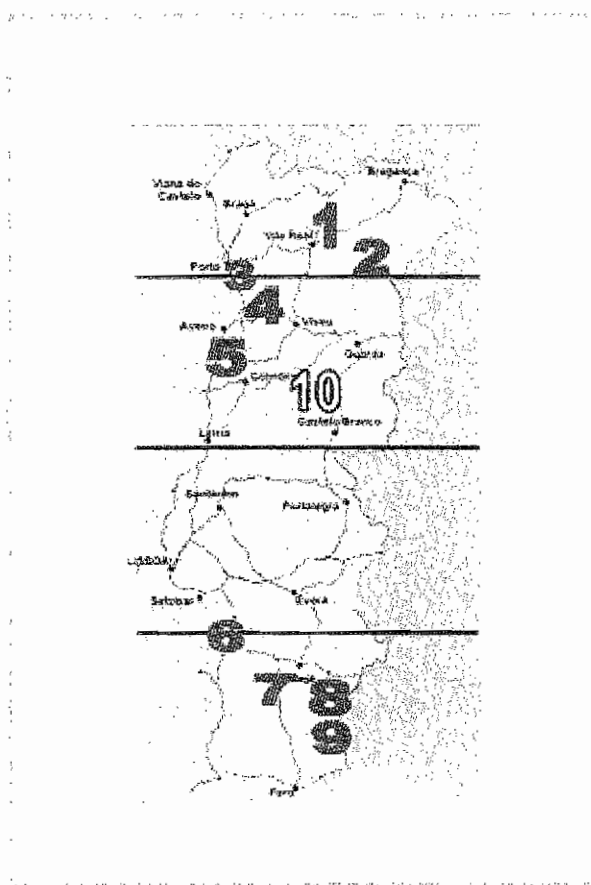


Fig. 31 – Lugares a incluírem a rede de museus mineiros.

1.14. 2. Percursos Culturais

Considera-se que o maior ou menor êxito deste projecto de intervenção museológica, se entrelaça muito com a possibilidade da sua integração em trajectos e/ou roteiros turísticos mais amplos, em paralelo com outras entidades de património cultural ou pela sua inclusão em Parques Geológico – Mineiros.

O museu deve proporcionar ao público, não só os percursos internos do Museu mas também um serviço que forneça uma visão mais alargada do Património Cultural e Ambiental da região em que se enquadra.

1. Percurso Mineiro e Arqueológico: um percurso que permita ao público do museu um contacto com as povoações mineiras – ruas, bairros mineiros, comércio, escolas, capelas, e outros edificios pertencentes à mina e ainda aos moinhos espalhados por toda a região e barragem de Santa Luzia.
2. O Concelho da Covilhã: um percurso motorizado com partida da Panasqueira pelos principais pontos turísticos da região, incluindo uma visita ao Museu de Lanifícios da Covilhã e Serra da Estrela.

2. Conclusão

Numa época marcada, por um lado, pelo patrimonialismo – para as novas sociedades tudo é património e este foi convertido em bens de consumo – e, por outro lado, invadida pela chamada “globalização” que muitos temem que seja responsável a breve prazo pelo aniquilamento das culturas locais, pode parecer uma contradição a proposta de criação de Museus Locais, justamente destinadas, como é o caso do Museu das Minas da Panasqueira, à preservação e à valorização da memória social e da identidade local.

Creio, no entanto, que tal contradição não tem razão de ser. De facto, entendemos o património cultural não apenas como um bem com valor de uso e valor de troca, mas como produto de uma cultura e produtos de culturas, como memória e testemunho de vivências, de saberes e saber fazer de que se orgulham as comunidades que estão na origem dele. E porque o sentem e dele se orgulham estão em condições de entender e aceitar criticamente a cultura e o património do “outro” irmanando-se neles e assim concorrendo para a sua universalização que não tem desejos de aniquilar parcela nenhuma das culturas diferentes.

Encontrámos no universo da Museologia os instrumentos de trabalho teóricos e práticos que permitem dar corpo a um projecto deste tipo, destinado à salvaguardar o património tangível e não tangível da comunidade da Panasqueira, resgatando as memórias, contribuindo para o reforço identitário e permitindo o estabelecimento de estratégias de desenvolvimento local que garantam, a melhoria das condições de vida económica e cultural. Ou seja, que garantem a qualidade de vida, que é, também essa uma das funções do património na vida quotidiana.

O Museu das Minas da Panasqueira deverá, pois, ser capaz de afirmar o seu papel de parceiro privilegiado flexível que lhe permite acompanhar as constantes exigências, as novas tendências e as linhas de evolução da nova sociedade.

O Museu não poderá ser tão só um local de conservação. Compete-lhe aglutinar as dinâmicas de participação popular e comunitária e assumir um papel activo no dia-a-dia da região em que está inserido, ser um pólo de desenvolvimento e tornar-se a expressão de reflexão, do debate plural e da experimentação social.

Neste sentido, o Museu tem especial responsabilidades nos domínios da investigação, tendo este de assumir uma feição maioritariamente pluridisciplinar. Se se privilegiar a dominância das Ciências Sociais, a Etnologia, a História, a Ecologia, a Economia – os saberes técnicos e

científicos não lhe podem ser distantes: a Mineralogia e a Geologia, o Urbanismo e a Arqueologia, as várias disciplinas atinentes ao desenvolvimento local e ao turismo.

O Museu será assim um local de debate aberto e plural das questões de identidade, de memória, de herança, de diferença, dos problemas actuais e dos novos valores e desafios culturais da sociedade.

O Museu das Minas da Panasqueira reúne todas as potencialidades para tomar-se um verdadeiro pólo de dinamização, com três vertentes:

Cultural - graças à preservação e reabilitação do património mineiro (nas suas componentes de arqueologia e história mineira, de história geológica e de arqueologia industrial);

Científica - graças ao estudo e à divulgação que se pode fazer desse património, nomeadamente, através de um Centro de Documentação/Arquivo, a criar anexo ao Museu, e, das publicações do mesmo;

Pedagógica - graças à possibilidade que pela primeira vez se oferece ao público português, nomeadamente, aos estudantes e outros interessados, de tomar contacto com o universo das minas, da mineração e dos mineiros.

É importante referir, que grande parte dos postos de trabalho a criar deverão ser preenchidas por antigos mineiros.

Por outro lado, será fundamental desenvolver a criação de um Serviço Educativo susceptível de receber, com aptidão de resposta científica e didáctica, as escolas e grupos com interesses específicos. No restante, as estruturas e os equipamentos do Museu da Panasqueira responderão às necessidades das instituições museológicas como elas estão definidas pelo ICOM.

A apresentação das bases documentais de reflexão sobre a criação do Museu das Minas da Panasqueira, implica por um lado, a formulação de um projecto de preservação e salvaguarda dos edifícios técnicos da mina, de uma galeria, de instrumentos de trabalho e, por outro lado, um espaço de memória identidade e desenvolvimento social, cultural, económico e político da comunidade local.

Estou convicta de que, estruturado à luz dos princípios orientadores da Nova Museologia, o Museu das Minas da Panasqueira rapidamente se converterá num instrumento de desenvolvimento comunitário e num símbolo da memória e identidade mineira da região.

3. Bibliografia Geral

Abrantes, J. R.; González, V. (Out.-Dez. 1973). O tratamento mecânico do minério nas minas da Panasqueira. *in: Boletim de Minas. – Vol. 10, n.º 4, 239-247.*

Abrantes, J. R. (1961). Alguns aspectos da segurança no trabalho no Couto Mineiro da Panasqueira. Simpósio sobre Higiene e Segurança no trabalho, realizada nas Minas do Pejão, Pejão: [s.n.], 43-61.

Allan, J.C, (1948). As Minas da Panasqueira. Revista da Ordem dos Engenheiros, Ano VI, n.º 56, Agosto de 1948 a n.º 59, 420-435, 482-489, 508-531, 566-579.

Alves, H.M. (1998). Mina de S. Domingos: Entre o Património Construído e os Projectos de Musealização. *in: Actas do Seminário Museologia e Arqueologia Mineiras*. Lisboa: Pub. Do Museu do I.G.M.

Amaral, M.T. (1977). Filosofia da Comunicação e da Linguagem. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/MEC.

Ambiente: problema sem solução há anos. Correio da Manhã (22/05/2004). Resíduos de minas ao ar livre. *in: <http://www.correiomanha.pt/noticia.asp?id=48265&idcanal=10>*

Ambrose, T.& Paine, C. (1993) – Museum basics. ICOM in Conjunction With Routledge London.

Antão, A. M. (2001). Os recursos Minerais na Beira Baixa. Geonovas. – nº 15, 45-59.

Araújo, M.(1995). A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo. Documentos e Depoimentos. Comité Brasileiro do ICOM, 11. Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus - Rio de Janeiro-1958.

Actas do Congresso Internacional Sobre Património Geológico e Mineiro. (2002). Coordenação: José M. Brandão. Lisboa: Instituto Geológico e Mineiro.

Actas do Seminário: Arqueologia e Museologia Mineiras. (1998). Coordenação: José M. Brandão. Lisboa: Museu do Instituto Geológico e Mineiro.

Bernardino, A. (S/data). Relatório de Imagens S. Jorge da Beira. Junta de Freguesia de S. Jorge da Beira, 1-5.

Barbosa, A. A. (1944). Algumas notas sobre o campo filoniano da Panasqueira. *Técnica*, nº 150, Lisboa, 11-19.

Bourdieu, P.; Darbel, A. (1970). - *L' amour de l' art. Les musées d' art européens et leur public*, 2ª ed., Les éditions de Minuit, s.l.,s.d.

Bosi, E.(1983). *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: Edusp.

Bruno, C. (1997). *Museologia e Museus: Princípios, problemas e métodos*. *Cadernos de Sociomuseologia*. nº10. Lisboa: ULHT.

Caballero Z. L. (1988). *La Documentación Museológica*. *Boletín Anabad*, XXX-VIII, nº 4, Madrid, 455-493.

Cabrera B. P. (1992). *La investigación en los Museos*. *Política Científica I+D en Museos*, nº 34, Madrid, 11-46.

Camacho, C. (2001). -*Museu e participação das populações. Selecção de textos, Museologia Comunitária*. XIII Jornadas sobre a Função Social do Museu. MINON.

Chagas, M. S.; Santos, M. S. (2002). *Museu e Políticas de Memória*. *Cadernos de Sociomuseologia*. Centro de Estudos de Sociomuseologia. Lisboa: ULHT.

Connerton, P. (1993). - *Como as sociedades recordam*, Oeiras: Celta.

Custódio, J. (1991a). - *Projecto do Museu do Ferro de Moncorvo da Ferrominas E.P.* in: *Museologia e Arqueologia Industrial, Estudos e Projectos*. APAI, Lisboa, 75-82.

_____ (1991b). – Museu das Minas de Aljustrel; bases para a sua formação. *in*: *Museologia e Arqueologia Industrial, Estudos e Projectos*. APAI, Lisboa, 119-127.

_____ (1993) – As Minas abandonadas do ponto de vista da arqueologia mineira e industrial. *Bol. Minas*: 30 (2), Lisboa, 73-83.

Descrição Sumária das Minas da Panasqueira, Portugal. (Dez/1985). *Jornal “OMineiro”*, 17.

Dias, J. L. (1960). Beira Baixa. Livraria Bertrand.

Dias, J. L. (Janeiro de 1969). Volfrâmio e estanho na vida e costumes da Beira Baixa, *Revista de Etnografia*, vol. XII, t. 1, n.º 23, 35-39.

Duarte, J. M. (1988). Implicações históricas no meio comunitário periférico ao Couto Mineiro da Panasqueira, II Jornadas da Beira Interior, *Jornal do Fundão*, vol. 2º, 199-203.

Filipe, M. G. S. (1996). Ecomuseu no Seixal – Construindo Um Modelo Museológico. *in*: *Cadernos de Sociomuseologia*, n.º 8, Centro de Estudos de Sociomuseologia. Actas do V Encontro Nacional – Museologia e Autarquias. Lisboa: ULHT., 67-76.

Fernández, L. A. (1999). *Introducción a la nueva museología*. Madrid: Alianza Editorial.

Ferreira, A. M. S. (1999). Porquê Conservar o Património Cultural? Um percurso pelas relações entre memória, identidade e desenvolvimento. *in*: Actas do IV Encontro Nacional de Museologia e Autarquias. Tondela (29 a 31 de Outubro de 1993). Câmara Municipal de Tondela, 83-87.

Fonseca, N. C. (1943). Notas sobre o Jazigo de volfrâmio da Panasqueira. *Bol. Soc. Geológica de Portugal*, Vol. III, Fase. I e II, 103-108.

Guerreiro, L. (1952). O problema da silicose nos seus aspectos geral e português. Lisboa. [s.n.].

Gourarier, Z. (1988). L' échange symbolique entre le musée et la société. *in*: *Colloque de Rennes*, Rennes. Constituer aujourd' hui la mémoire de demain. (S.l.: s.n., s.d.).

Jones, W.R. (1936). Report on the Beralt Tin & Wolfram Mining Area, Portugal. Relatório não publicado.

Hernández, H. F. (1998). Manual de Museologia. Editorial Sintesis, S.A. Madrid.

Iañez-Casal, A. (1993). Identidades culturais e desenvolvimento. Contribuições.

_____ (1991). Antropologia e desenvolvimento. *Ethnologia*, nº 5.

Leal, M. V. (1945). As Minas da Panasqueira. Vida e História – Ano de 1945. Lisboa: Portugália Editora.

Lobo, E. P. (S/data). Beira Baixa. Encontro com Mundos Julgados Perdidos. Mobil nos caminhos de Portugal.

Lindgren, W. (1933). Mineral Deposits McGraw –Hill Book Co., New York.

L.M. (10/4/2000). Somincor amalha a pensar no fim. Diário de Notícias, supl, 9.

Loureiro, C. (25/07/2003). É preciso livrar as minas da morte. Notícias da Covilhã, 11.

Magalhães, A. (1984). Bens Culturais: Instrumento para um Desenvolvimento Harmonioso. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 20.

Martins, A. M. (1999). Museologia activa. Contributos para o desenvolvimento. *in*: Actas do IV Encontro Nacional Museologia e Autarquias, Tondela: Câmara Municipal de Tondela, 63-65.

Mata-Perelló, J. (2001). Los parques geológicos y mineros: una alternativa a la degradación ambiental de las antiguas áreas mineras. *in*: Actas do II Seminário Recursos Geológicos, Ambiente e Ordenamento do Território. Vila Real: UTAD.

Mendes, F. M.A. (1993). Os antigos métodos de desmonte das minas da Panasqueira, Boletim de Minas, vol. 30, n.º 4, 329-352.

Menezes, U. B. (1984). Identidade Cultural e Arqueologia. Revista do Património Histórico e Artístico Nacional, n.º 20.

Menezes, J. (1988). Perspectivas de desenvolvimento da actividade mineira em Portugal. Boletim de Minas, 25 (4), Lisboa, 331-341.

Minas da Panasqueira. (22-05-2004). Correio da Manhã, 3.

Mineiro morre atingido por pedra. (26/01/2001). Noticias da Covilhã, 5.

Mineiros temem fecho esta semana. (16/02/2004). Diário de notícias, 5.

Moderna Enciclopédia Universal, Círculo de Leitores, Volume VI – 1987. Lisboa, 114.

Moreira, F. J. (1999). O Processo de Criação de um Museu Local. Texto apresentado no X Encontro Nacional de Museologia e Autarquia. Monte Redondo.

_____ (2001). Uma reflexão sobre o conceito de público nos museus locais. Colectânea de textos. Curso de Mestrado em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa. Monte Redondo, 1-11

Moutinho, M. C. (1989). Museu e Sociedade. Monte Redondo: Museu Etnológico, 31.

Nascimento, R. (1998). O Objecto Museal, sua Historicidade: Implicações na Acção Documental e na Dimensão Pedagógica do Museu. *in*: Cadernos de Sociomuseologia, Centro de Estudos de Sociomuseologia, Lisboa: ULHT. 11, 29.

Nunes, G. M. S. N. (1996). História Regional e Local – Contributos para o Estudo das Identidades Locais. *in*: Cadernos de Sociomuseologia, n.º 8. Centro de Estudos de Sociomuseologia. Actas do V Encontro Nacional – Museologia e Autarquias. Lisboa: ULHT., 77-88

Oliveira, J.M.S.; Farinha, J.; Matos, J.X.; Ávila, P.; Rosa, C.; Machado, M.; Daniel, F.; Martins, L. e Leite, M.R.M.; Leite, M.R.M. (2001) –Diagnóstico Preliminar das Minas Abandonadas Portuguesas. Rel. Int. IGM.

Panasqueira aprende a viver sem as minas. (25/10/98). Correio da Manhã, 7.

Para uma caracterização do sector mineiro. (18/05/1983). Comissão Intersindical das Minas da Panasqueira. Sindicato dos Mineiros das Minas da Panasqueira.

Pereira, P. (1996). Apresentação. *in*: Cadernos de Sociomuseologia. Centro de Estudos de Sociomuseologia. Actas do V Encontro Nacional – Museologia e Autarquias. Lisboa: ULHT. n.º 8, 7-8

Pessoa, F, S. (2001). Reflexões Sobre Ecomuseologia. Porto: Edições Afrontamento.

Peix, M. (1993). Turismo rural, património, desenvolvimento. Um triângulo possível? *in*: Actas do IV Encontro Nacional de Museologia e Autarquias. Tondela: Câmara Municipal de Tondela.

Porta, E. et alii (1982). Sistema de Documentación para Museos. Departamento de cultura de la Generalitat de Catalunya. Barcelona.

Postman, N. (1989). Museus: geradores de cultura. Haia. Palestra proferida durante a 15ª Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus ICOM.

Rebanda, N., Rodrigues, M. e Mascarenhas, A. (1996). – Museu do Ferro e da Região de Moncorvo. Introdução a um programa museológico. Torre de Moncorvo: Pub. do Museu do Ferro e da Região de Moncorvo, 40.

Reis, A. C. (1971). As Minas da Panasqueira. Beralt Tin & Wolfram, LTD. Lisboa.

Reis, Daniel; Fernando Paulouro Neves. (1979). A Guerra da Mina. Os Mineiros da Panasqueira. Lisboa: Edições A Regra do Jogo.

Ribeiro, A. (1985). – Volfrâmio: Romance. Lisboa: Bertrand Editora.

Ribeiro, Orlando; Hermann Lautensach. (1987). Geografia de Portugal. IV. A Vida Económica e Social. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

Rivière, G. H. (1985). Imagens del ecomuseo. Museum. Paris/Unesco. N.148/185, 2.

Rivière, G.H. (1974). Le Musée, instrument d' education et de culture. Cours de Muséologie Contemporaine. (Mecanografiado). Paris.

Roy, P. (1991). La Señalización en la Práctica. Museum, 172. Paris, 191-193.

S. Jorge da Beira. (S/data). Colóquio sobre o Desenvolvimento regional/local. Junta de Freguesia de S. Jorge da Beira, 1-3.

S. Jorge da Beira. (S/data). Arquivo da Junta de Freguesia de S. Jorge da Beira, 1-2.

Santamaría, J. V. (2001). Covilhã. (artigo não publicado)

Santiago Rodriguez, X.L., Dir, Realiz.(1995). – A Fevre do Wolfram. Edic. Xoan Garcia, (vídeo VHS, 58).

Santos, B. S. (1993). Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. Revista de crítica de Ciências Sociais, N.º 38, 11-37.

Santos, M. C. M. (1996). Uma Abordagem Museológica do Contexto Urbano. Museus e Acção Cultural. in: Cadernos de Sociomuseologia, Centro de Estudos de Sociomuseologia, Lisboa: ULHT. n.º 5, 56-57.

Ser Padre nas Aldeias. (14/02/1999). Noticias da Covilhã, 5.

Silva, J. A. (1996). História da Covilhã. Covilhã.

Simões, V. (s/data). A Serra da Estrela e as suas beiras. Covilhã.

Simard, C. (1989). Écomuséologie. COMMENT RENTABILISER UNE ENTREPRISE CULTURELLE. CEC. Montréal.

Sobral, Fernando Sousa e Silva e Matias; Manuel João Senos. (1980). – Volfrâmio, aspectos técnico – económicos. Coimbra, F. C. T.

Statuts de l'ICOM, adoptés par la 16^e Assemblée générale de l'ICOM (La Haye, Pays-Bas, 5 Septembre 1985 par la 18^e Assemblée générale de l'ICOM (Stavanger, Norvège 1995), *In* : <http://icom.museum/statuts.html>.

Slotta, R. (1990). La sauvegarde du patrimoine minier. L' exemple de la République Fédérale d' Allemagne. Un Avenir pour notre Passé. Conseil de L'Europe. n° 37.

Thadeu, D. (1951). Geologia do Couto Mineiro da Panasqueira. «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», Lisboa, 32, 1^a Parte, 5-64.

Tinoco, A. (1998). Museu Mineiro do Lousal. Programa Museológico. APAI. Lisboa.

Tinoco, A. (2002) – Museologia Comunitária. Bol. Informativo do MINON – Portugal.

Un Avenir pour notre Passé. Patrimoine Minier, n° 37, 1990. Conseil de L' Europe, 0-27

Vasconcelos, C. M. (2001). Administrando a mudança: Os museus fazendo face aos desafios económicos e sociais. Comunicação apresentada durante a Conferência Geral do ICOM, Barcelona, 5.

Volfrâmio. Minas da Panasqueira: a esperança continua. (02/01/2001). Notícias da Covilhã, 15.

Fontes Orais

Alfredo Bernardino

Alfredo Gregório

António João Baptista Pereira

António Manuel Mendes Gonçalves Matias

António Manuel Teixeira Magalhães

Augusto Covita

Augusto Gonçalves Pereira

Augusto Lourenço Alves

César Henriques Camba

Daniel Abrantes

Hélder Nunes

Ilda Gaspar

Inês Fernandes

Isaura Silva

José Alves Camba

José Alves Pacheco

João da Silva José

José Barroca

José dos Santos Duarte

José Maria Gonçalves Isidoro

José Pereira

José Tiago

Manuel Orlando Miguel

Márcia Covita

Marco Isidoro

Maria Batista

Maria Alves

Maria da Conceição

Maria Miguel

Maria Pacheco

Margarida Gregório

Nelson Coelho
Paula Morgadinho
Sabino Santos
Sandra Quelhas
Sandro Covita
Telmo Pereira
Vanda Pacheco
Virgílio Ramos